

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**  
**DOUTORADO ACADÊMICO**  
**LINHA DE PESQUISA GESTÃO ORGANIZACIONAL E REGIONALIDADE**

**SARENTATY INÊS KAROLINE SANTANA DOS REIS**

**FEIRAS LIVRES COMO ORGANIZAÇÕES POLICRÔNICAS: TEMPORALIDADE**  
**NAS AÇÕES ORGANIZATIVAS DE FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE**  
**UBERLÂNDIA/MG**

**UBERLÂNDIA**

**2024**

SARENTATY INÊS KAROLINE SANTANA DOS REIS

**FEIRAS LIVRES COMO ORGANIZAÇÕES POLICRÔNICAS: TEMPORALIDADE  
NAS AÇÕES ORGANIZATIVAS DE FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE  
UBERLÂNDIA/MG**

Tese apresentada à Banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Administração.

**Área de Concentração:** Regionalidade e Gestão.

**Linha de Pesquisa:** Gestão Organizacional e Regionalidade

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacqueline Florindo Borges

**UBERLÂNDIA**

**2024**

SARENTATY INÊS KAROLINE SANTANA DOS REIS

**FEIRAS LIVRES COMO ORGANIZAÇÕES POLICRÔNICAS: TEMPORALIDADE  
NAS AÇÕES ORGANIZATIVAS DE FEIRANTES DO MUNICÍPIO DE  
UBERLÂNDIA/MG**

Tese apresentada à Banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Administração.

Uberlândia, 28 de agosto de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jacqueline Florindo Borges – Orientadora  
Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia – FAGEN/UFU

Profa. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Ventola Marra – Membro Externo  
Universidade Federal de Viçosa – PROFIAP/UFV

Prof. Dr. Alex Fernando Borges – Membro Interno  
Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social  
da Universidade Federal de Uberlândia – FACES/UFU

Prof. Dr. Carlos Roberto Domingues – Membro Interno  
Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia – FAGEN/UFU

Profa. Dr<sup>ª</sup>. Taciana de Barros Jerônimo – Membro Externo  
Universidade Federal de Pernambuco – PROPAD/UFPE

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por meio impresso ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: [sarentaty@ufu.br](mailto:sarentaty@ufu.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

- R375f  
2024
- Reis, Sarentaty Inês Karoline Santana dos, 1988-  
Feiras livres como organizações policrônicas [recurso eletrônico] :  
temporalidade nas ações organizativas de feirantes do município de  
Uberlândia/MG / Sarentaty Inês Karoline Santana dos Reis. - 2024.
- Orientadora: Jacqueline Florindo Borges.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de  
Pós-graduação em Administração.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.5064>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.
1. Administração. I. Borges, Jacqueline Florindo, 1963-, (Orient.).  
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em  
Administração. III. Título.

---

CDU: 658

André Carlos Francisco  
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408



## ATA

Programa de Pós-Graduação em:	Administração				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, número 22, PPGADM				
Data:	28 de agosto de 2024	Hora de início:	08:15	Hora de encerramento:	11:48
Matrícula do Discente:	12013ADM008				
Nome do Discente:	Sarentaty Inês Karoline Santana dos Reis				
Título do Trabalho:	Feiras Livres como Organizações Policrônicas: Temporalidade nas Ações Organizativas de Feirantes do Município de Uberlândia/MG				
Área de concentração:	Regionalidade e Gestão				
Linha de pesquisa:	Gestão Organizacional e Regionalidade				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se na webconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Administração, assim composta: Prof. Dr. Alex Fernando Borges (UFU), Prof. Dr. Carlos Roberto Domingues (UFU), Profª. Drª. Adriana Ventola Marra (UFV), Profª. Drª. Taciana de Barros Jerônimo (UFPE) e Profª. Drª. Jacqueline Florindo Borges (UFU), orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Profª. Drª. Jacqueline Florindo Borges, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

### Aprovada

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Jacqueline Florindo Borges, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alex Fernando Borges, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Roberto Domingues, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 13:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Ventola Marra, Usuário Externo**, em 28/08/2024, às 20:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Taciana de Barros Jerônimo, Usuário Externo**, em 29/08/2024, às 07:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5626914** e o código CRC **CBF6DE5D**.

À minha mãe, que nunca desistiu de me educar e me guiar no bom caminho; e ao meu filho, que me dá forças e vontade de ser melhor a cada dia.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que me deu o dom da vida, e pela sua infinita sabedoria.

A minha mãe, que sempre me conduziu ao bom caminho.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacqueline Florindo Borges, pela dedicação, apoio e competência na orientação deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Uberlândia, pelos seus ensinamentos.

Aos servidores do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Uberlândia, pelo excelente atendimento.

Aos colegas do doutorado, que contribuíram para a conclusão deste trabalho, em especial Jessica Mieko Ota Alves e Diego Batista Silva Carvalho.

Aos meus colegas de trabalho do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, pelo apoio e compreensão na minha jornada.

À Universidade Federal de Uberlândia, por investir no meu aprimoramento profissional e intelectual.

Ao meu irmão Joaquim Fernandes de Oliveira Neto, pelo amor que me devota e a ajuda sempre constante.

Aos amigos Marcelo Paixão Almeida, Kallyne Silva, Anna Luísa Praser, Alisson Costa, Igor William.

A todas as entrevistadas e entrevistados que participaram desta pesquisa.

Enfim, a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho,

Muito Obrigada!

## RESUMO

**Contextualização:** Local e regionalmente, as feiras livres se caracterizam como um espaço cultural que mantém a tradição de interação e convivência urbana nas ruas. Também contribuem com as atividades de comércio e geração de trabalho e renda. No município de Uberlândia, Minas Gerais, estão registradas 76 feiras livres que acontecem de terça a domingo em diversos bairros (36 diurnas e 40 noturnas) e ofertam uma variedade de produtos e preços.

**Objetivo:** A pesquisa foi orientada pela seguinte questão: Como as experiências organizativas dos feirantes, em feiras livres, geram diferentes formas de se interpretar e construir a temporalidade organizacional? O objetivo desta pesquisa é compreender a temporalidade nas experiências vividas pelos feirantes no trabalho em feiras livres em Uberlândia, Minas Gerais, a partir dos tipos: temporárias, intermitentes, transitórias e efêmeras. As referências teóricas que fundamentam esta pesquisa são os estudos sobre o tempo na filosofia, sociologia, história e os estudos sobre temporalidade em gestão organizacional.

**Método:** A partir de uma abordagem qualitativa do material pesquisado e de princípios da etnometodologia, a coleta de dados foi realizada com o uso da entrevista narrativa com os feirantes, o registro fotográfico dos processos organizativos empregados pelos feirantes e anotações de campo dos eventos/situações observados na realização da pesquisa de campo. As categorias de pesquisa são: (1) trajetória dos feirantes e experiências vividas; (2) organização das práticas cotidianas e pessoas envolvidas na gestão do negócio; (3) planejamento da participação na feira e expectativas para o futuro; (4) contexto e interações econômicas, sociais e políticas entre os feirantes, deles com os clientes, fornecedores e com o poder público (frequência, temas e objetivo/motivos das interações).

**Resultados:** As feiras livres são abordadas como uma forma de organização social, pois, ainda que não sejam organizações no sentido tradicional de burocracias industriais, constituem uma forma organizacional fluida de ocupação territorial e podem ser também compreendidas do ponto de vista da gestão organizacional. Nos estudos organizacionais e de estratégia, as organizações são classificadas de diversas formas dando origem a diferentes tipos organizacionais. De uma perspectiva da temporalidade organizacional, alguns tipos já foram identificados: temporárias, intermitentes, efêmeras e transitórias. Os resultados da pesquisa contribuem com os estudos sobre a temporalidade organizacional, apresentando um novo tipo denominado “Organizações Policrônicas”: aquelas caracterizadas por tempos múltiplos.

**Aderência da pesquisa com a área de concentração do PPGAdm (Regionalidade e Gestão) e com a linha de pesquisa:** As feiras livres são analisadas na pesquisa como organizações fluídas, com práticas e processos próprios dessa forma organizativa de comércio local e regional. Ampliar o conhecimento sobre essa dimensão organizacional da gestão de feiras livres é aderente à linha de pesquisa.

**Impacto e caráter inovador na produção intelectual:** A pesquisa contribui com um novo tipo que amplia a atual tipologia sobre a temporalidade organizacional, reforçando noções de temporalidade organizacional existentes e mostrando um novo tipo de temporalidade na gestão organizacional.

**Impacto econômico, social e regional:** As feiras livres analisadas na pesquisa são agentes sociais, culturais e econômicos com significativa presença nos bairros da cidade e interconexões

regionais. A pesquisa traz resultados que contribuem com futuras ações municipais de política pública.

**Implicações regionais:** As feiras livres têm presença semanal da vida de moradores dos bairros da cidade e na oferta de produtos da produção familiar (e não familiar) para o comércio de rua local. A pesquisa contribui com os estudos das práticas organizativas de feirantes da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, e sua relação com a temporalidade organizacional – passado, presente e futuro na criação, manutenção e transformação dessa forma tradicional de comércio.

**Objetivos de Desenvolvimento Sustentável atendidos na pesquisa:** Este estudo sobre feiras livres contribui com o ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico, especificamente com o objetivo 8.3 – promover políticas orientadas para o desenvolvimento, que apoiem as atividades produtivas, geração de emprego decente, empreendedorismo, criatividade e inovação, e incentivar a formalização e o crescimento das micro, pequenas e médias empresas, inclusive por meio do acesso a serviços financeiros.

**Palavras-chave:** Organizações temporárias. Organizações policrônicas. Temporalidade organizacional. Feiras livres.

## ABSTRACT

**Contextualization:** Both locally and regionally, street markets are characterized as a cultural space that maintains the tradition of interaction and urban coexistence in the streets. They also contribute to trade activities, and job and income generation. In the city of Uberlândia, Minas Gerais, there are 76 street markets that take place from Tuesday to Sunday in various neighborhoods (36 during daytime and 40 at night) and offer a variety of products and prices.

**Objective:** The research was guided by the following question: How do the organizational experiences of street vendors in street markets generate different ways of interpreting and constructing organizational temporality? The objective of this understand is to analyze the temporality of the experiences lived by the street vendors at work in street markets in Uberlândia, Minas Gerais, based on the types: temporary, intermittent, transitory, and ephemeral. The theoretical references that underlie this research are studies about time in philosophy, sociology, history, and studies on temporality in organizational management.

**Method:** From a qualitative approach of the researched material and principles of ethnomethodology, the data collection was carried out using the narrative interview with the stallholders, the photographic record of the organizational processes employed by the stallholders and field notes of the events/situations observed in the field research. The research categories are: (1) trajectory of the stallholders and lived experiences; (2) organization of daily practices and people involved in the management of the business; (3) planning of participation in the fair and expectations for the future; (4) context and economic, social and political interactions between the stallholders, between them and customers, suppliers and also with the government (frequency, themes and objective/reasons for interactions).

**Results:** The street markets are approached as a form of social organization, because, although they are not organizations in the traditional sense of industrial bureaucracies, they constitute a fluid organizational form of territorial occupation and can also be understood from the point of view of organizational management. In organizational and strategy studies, organizations are classified in different ways, giving rise to different organizational types. From a perspective of organizational temporality, some types have already been identified: temporary, intermittent, ephemeral and transitory. The results of the research contribute to studies on organizational temporality, presenting a new type called “Polychronic Organizations”: those characterized by multiple temples.

**Adherence of the research with the area of concentration of the PPGAdm (Regionality and Management) and with the line of research:** The street markets are analyzed in the research as fluid organizations, with practices and processes specific to this organizational form of local and regional commerce. Expanding knowledge about this organizational dimension of the management of street markets is adherent to the line of research.

**Impact and innovative character in intellectual production:** The research contributes with a new type that expands the current typology on organizational temporality, reinforcing existing notions of organizational temporality and showing a new type of temporality in organizational management.

**Economic, social and regional impact:** The street markets analyzed in the research are social, cultural and economic agents with a significant presence in the city's neighborhoods and regional interconnections. The research brings results that contribute to future municipal public policy actions.

**Regional implications:** The street markets have a weekly presence in the lives of residents of the city's neighborhoods and in the offer of products from family (and non-family) production to local street commerce. The research contributes to the studies of the organizational practices of market stallholders in the city of Uberlândia, Minas Gerais, and their relationship with the organizational temporality – past, present and future in the creation, maintenance and transformation of this traditional form of commerce.

**Sustainable Development Goals met in the survey:** This study on street markets contributes to SDG 8 – Decent work and economic growth, specifically with goal 8.3 – promote development-oriented policies that support productive activities, generation of decent employment, entrepreneurship, creativity and innovation, and encourage the formalization and growth of micro, small and medium-sized enterprises, including through access to financial services.

**Keywords:** Temporary organizations. Organizações policrônicas. Organizational temporality. Street markets.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1 - Tipologia da temporalidade em organizações.....</b>	<b>120</b>
---	------------

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Avenida antes da feira.....	71
<b>Imagem 2</b> - Chegada dos feirantes durante a madrugada.....	72
<b>Imagem 3</b> - Movimento na banca de pastel pela manhã.....	72
<b>Imagem 4</b> - Chegada dos primeiros fregueses.....	73
<b>Imagem 5</b> - Espaço vazio entre as barracas.....	74
<b>Imagem 6</b> - Palhas de milho no chão durante a feira.....	74
<b>Imagem 7</b> - Preços dos produtos pendurados em varal.....	75
<b>Imagem 8</b> - Final da feira.....	77
<b>Imagem 9</b> - Feirantes desmontam a barraca de hortaliças.....	77
<b>Imagem 10</b> - Rua mais estreita da feira de domingo.....	78
<b>Imagem 11</b> - Calçadas servem como extensão da feira.....	78
<b>Imagem 12</b> - Feirante utiliza ponto de ônibus.....	79
<b>Imagem 13</b> - Vendedor ambulante na feira de domingo.....	80
<b>Imagem 14</b> - Trânsito em volta da feira de domingo.....	81
<b>Imagem 15</b> - Feira de quinta-feira no estacionamento.....	81
<b>Imagem 16</b> - Trailer do pastel.....	82
<b>Imagem 17</b> - Montagem da tenda do pastel.....	82
<b>Imagem 18</b> - Mulher monta sozinha banca de caldo de cana.....	83
<b>Imagem 19</b> - Feirante descasca cenoura.....	83
<b>Imagem 20</b> - Pessoas comendo pastel na feira.....	84
<b>Imagem 21</b> - Luzes para iluminar à noite.....	85
<b>Imagem 22</b> - Pai e filha vendem verduras.....	88
<b>Imagem 23</b> - Filha ajuda a mãe a vender ovos.....	88
<b>Imagem 24</b> - Pausa no tapete para atender o cliente.....	89
<b>Imagem 25</b> - Alex e a barraca de brinquedo.....	91

<b>Imagem 26</b> - Marido e mulher na barraca de doces.....	92
<b>Imagem 27</b> - Barraca especializada em queijos.....	94
<b>Imagem 28</b> - Folhas ocupam parte da rua na feira de domingo.....	95
<b>Imagem 29</b> - Miguel desmonta barraca com ajudante.....	97
<b>Imagem 30</b> - Preço dos ovos.....	99
<b>Imagem 31</b> - Verduras separadas em pacotes.....	100
<b>Imagem 32</b> - Barraca de folhas.....	100
<b>Imagem 33</b> - Freguesa escolhe a mandioca.....	102
<b>Imagem 34</b> - Queijos guardados no freezer improvisado.....	103
<b>Imagem 35</b> - Rotina na barraca de hortifruti.....	106
<b>Imagem 36</b> - Clientes escolhem ovos .....	109

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Conceitos sobre o tempo .....	29
<b>Quadro 2</b> - Distinção dos conceitos temporais.....	43
<b>Quadro 3</b> - Diferentes perspectivas sobre o tempo nas organizações.....	44
<b>Quadro 4</b> - Uma tipologia da temporalidade na gestão organizacional.....	46
<b>Quadro 5</b> - Temas presentes nos estudos sobre organizações temporárias.....	47
<b>Quadro 6</b> - Uma agenda do trabalho dos feirantes.....	51
<b>Quadro 7</b> - Aplicação dos conceitos da etnometodologia na pesquisa .....	61
<b>Quadro 8</b> - Principais momentos da entrevista .....	64
<b>Quadro 9</b> - Procedimentos para análise da entrevista narrativa .....	64
<b>Quadro 10</b> - Perfil dos entrevistados .....	68
<b>Quadro 11</b> -As feiras livres como organizações policrônicas: tempos experimentados.....	115

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO GERAL.....</b>	<b>18</b>
1.1 Tema, Problema e Tese da Pesquisa.....	18
1.2 Objetivos Geral e Específicos.....	21
1.3 Justificativas para Realização da Pesquisa: Teórica e Empírica.....	22
1.4 Contribuições da Pesquisa: Caráter Inovador, Econômica, Social e Regional.....	23
1.5 Estrutura do Documento da Tese.....	24
<b>CAPÍTULO 2 – TEMPORALIDADE E FEIRAS LIVRES: DIFERENÇAS CONCEITUAIS E PRÁTICAS NA RELAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES COM O TEMPO.....</b>	<b>27</b>
2.1 Tempo e Temporalidade: Diferentes Perspectivas Conceituais.....	27
2.2 A Temporalidade na Gestão Organizacional: Características Conceituais e Práticas das Organizações Temporárias, Intermitentes, Efêmeras e Transitórias.....	39
2.3 Feiras Livres como Agentes Econômicos, Sociais, Culturais e Organizacionais.....	49
<b>CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>56</b>
3.1 Abordagem do Material Pesquisado e Método de Pesquisa e Análise.....	56
3.2 Técnicas de Coleta de Material Empírico.....	60
3.3 Público Pesquisado.....	64
<b>CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>69</b>
4.1 Análise dos resultados.....	69
4.2 Implicações da temporalidade nas práticas organizativas das feiras livres.....	110
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>119</b>
APÊNDICE A – TERMO DE COMPROMISSO DA EQUIPE EXECUTORA .....	131
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	132
APÊNDICE C – GUIA PARA ENTREVISTAS .....	134
APÊNDICE D – DIAS E HORÁRIOS DAS FEIRAS LIVRES EM UBERLÂNDIA.....	136
APÊNDICE E – ROTEIRO PARA A OBSERVAÇÃO NÃO-PARTICIPANTE .....	138

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Tema, Problema e Tese de Pesquisa

As feiras livres estão presentes em grande parte do território brasileiro e trazem consigo características do local em que estão inseridas, aspectos regionais e culturais, assim como especificidades de hábitos alimentares. Elas são parte do comércio ambulante (comércio de rua), que é um fenômeno que resiste há séculos de mudanças econômicas e urbanas e, “ao contrário do que se imaginava, não sucumbiu à modernidade capitalista, mas foi alimentado por ela, por suas iniquidades” (Pamplona, 2013, p. 226). Em outros idiomas, este tipo de comércio – feira livre – é conhecido por diferentes termos, como: *urban market* (Allen et al, 2009); *street fair* (Port, Kaiser, 2001; Cunha, 2014); mercado franco em Portugal; *marché de rue* na França; *market place, open street, street public market* nos Estados Unidos (Sato, 2012).

Os consumidores que frequentam esses locais, muitas vezes, já possuem o hábito de irem nos mesmos dias às mesmas feiras buscarem os mesmos tipos de produtos. Alguns vão uma vez por semana, outros gostam de ir a locais diferentes mais de uma vez na semana buscando variedade de produtos. Ciente dessa rotina, e querendo agradar os clientes, os feirantes e demais trabalhadores das feiras livres se dedicam a fornecer produtos novos e frescos para garantir o retorno da clientela.

Nesta pesquisa, abordou-se as feiras livres a partir dos conceitos de tempo e temporalidade organizacional. Além dos termos organizações temporárias e organizações intermitentes, são utilizados outros termos para descrever essa relação: efêmeras e transitórias. Adotou-se como pressuposto que a estabilidade temporal associada às organizações burocráticas não é a única forma de representar a relação das organizações com o tempo (Hassard, 1991, 2001). O tempo tem sido visto por uma abordagem objetiva, unicamente, como algo exógeno e um recurso escasso que as lideranças precisam alocar (Porter; Nohria, 2018).

Blagoev et al. (2024, p. 2152) argumentam que o “tempo vem ganhando reconhecimento como uma perspectiva importante de pesquisa”. A diversidade de abordagens e de interesses de pesquisa baseada no tempo (*time-based research*) gera, todavia, um desafio para aqueles que buscam usar as lentes da pesquisa sobre o tempo. Os autores identificaram três lentes principais de pesquisa: o tempo como recurso, o tempo como estrutura, o tempo como processo. Na presente pesquisa, pode-se afirmar que, semelhante ao que acontece com os conceitos de tempo, também ocorre com o estudo das feiras, que geram interesse de diversas áreas de estudo:

psicologia, sociologia, antropologia, geografia, saúde e segurança sanitária, administração e políticas públicas, agricultura e produção familiar.

Holt e Johnsen (2019) questionam a noção de tempo do relógio, tempo linear (passagem do passado para presente e futuro), estruturas temporais e mesmo a abordagem processual do tempo como fluxo. Os autores entendem que essas abordagens têm em comum uma noção afirmativa do tempo. Holt e Johnsen (2019) argumentam que essas abordagens perguntam o que é o tempo, ao invés de questionar como o tempo se apresenta na experiência humana, ou seja, o tempo além da organização. Os autores propõem considerar o tempo-para-nós (*time-for-us*) versus sem tempo-para-nós (*time-without-us*). A concepção do tempo adotada nesta pesquisa é a abordagem construcionista proposta por Bluedorn (2002), que considera as experiências do tempo nas interações humanas.

A construção da temporalidade, ou seja, o tempo experimentado e vivido por meio das interações entre os feirantes, os clientes, os moradores do entorno da feira, os fornecedores, os fiscais da prefeitura local, são abordadas nesta pesquisa a partir da perspectiva construcionista, conforme Bluedorn (2002) e Bluedorn e Standifer (2006). Essa concepção epistemológica, considera o contexto dos feirantes, cujas atividades são desenvolvidas em seu ambiente de trabalho, de forma colaborativa. As trocas de experiências entre feirantes, clientes e fornecedores (de contextos diferentes), fazem com que surjam diversas percepções de tempo.

Para abordar o tema da relação das feiras livres com a temporalidade organizacional, propôs-se a realização de um estudo empírico de feiras livres no município de Uberlândia, situado na Região do Triângulo Mineiro. A questão investigada nesta pesquisa foi: Como as experiências organizativas dos feirantes, em feiras livres, geram diferentes formas de se interpretar e construir a temporalidade organizacional? Esta pesquisa parte dos conceitos de organizações temporárias, intermitentes, transitórias e efêmeras para traçar um novo tipo de temporalidade organizacional.

Nos estudos organizacionais e de estratégia, a ideia de uma tipologia que contemple tipos de dinâmica organizacional é recorrente: organização e ambiente; organização e tecnologia; organização e *design* organizacional; organizações e metáforas (Mintzberg, 1980; Mintzberg et al., 2006; Morgan, 1996). Miller e Dess (1993) trouxeram extensões à tipologia básica proposta por Porter (1980). Na visão de Chrisman, Hofer e Boulton (1988), a tipologia de Porter (1980) não atenderia a duas características importantes de um sistema de classificação científico: homogeneidade interna e exaustividade. A partir disso, os autores propuseram uma nova tipologia. Em concordância, Mintzberg (1980) também propôs nova tipologia, pois

acreditava que a maioria das tipologias estratégicas eram falhas, ou por focarem de forma muito estreita em alguns tipos especiais de estratégias, ou por proporem agregações arbitrárias.

A relação entre organizações e temporalidade diz respeito à sobrevivência das organizações no tempo. A Tese que se defende na presente pesquisa é: **A teoria organizacional mostra que a tipologia temporal é dividida em quatro tipos (categorias). Considerando que o cotidiano das organizações comporta diferentes tipos de representações conceituais e experimentação da temporalidade organizacional, essa pesquisa propõe um novo tipo: Organizações Policrônicas.** As feiras livres são uma forma de ação coletiva que remonta aos tempos antigos (Mascarenhas; Dolzani, 2008). A sua presença na sociedade contemporânea mostra a importância e necessidade de espaços de trocas e comércio que vão além dos modelos tradicionais de organização industrial, tão presentes nos estudos organizacionais e de estratégia organizacional.

Para além da questão econômica, a literatura mostra que as feiras livres são espaços de interação social, cultural e política. Um dos aspectos que chama a atenção no estudo de feiras livres é a questão da temporalidade. O estudo da maneira como os feirantes planejam e organizam suas atividades é um caminho útil para a análise das diferentes formas de temporalidades que se busca compreender no campo da gestão e em organizações fluidas.

Na visão de Carrieri, Paula e Davel (2008), a identidade das organizações possui uma multiplicidade de caminhos. Os autores sugerem que há três formas de identidade, que são incompatíveis entre si: pelo prisma da multiplicidade, da fluidez e da autonomia. Segundo os autores, apesar de as organizações serem, geralmente, construídas como sendo sólidas, as perspectivas recentes têm evidenciado cada vez mais sua fluidez, pois: “não podemos esquecer que conceituações de identidade como fluida apoiam-se nos crescentes estudos organizacionais que questionam a solidez de objetos organizacionais” (Carrieri; Paula; Davel, 2008, p. 132).

Esta identidade fluida é resultado de um contínuo processo narrativo em que, tanto o narrador como a audiência, formulam, editam, aplaudem e refutam vários elementos dessa narrativa constantemente produzida. As narrativas possuem uma carga de ambiguidade, as quais deixam espaço para negociações de significados, conforme Czarniawska (1998).

A temporalidade das organizações clássicas é uma forma de qualificação e de representação que as difere das organizações fluidas e com uma relação distinta com a temporalidade. Nesta pesquisa, entende-se por organizações fluidas, estruturas, ou quase-estruturas, menos estruturadas e menos formalizadas, com relações intra e interorganizacionais mais fluidas (Clegg; Hardy, 1999). A análise da fluidez e da flexibilidade dessas organizações enfatiza as práticas e seus praticantes (Samra-Fredericks, 2003).

Além da deliberação nas decisões estratégicas, estudos com foco na estratégia como uma prática social têm mostrado a necessidade de se pensar nas emergências, efemeridades e transitoriedades das atividades estratégicas (Mirabeau; Maguire; Hardy, 2018). Os autores analisaram as práticas relacionadas a comportamentos estratégicos, induzidos por meio de estratégia pretendida e deliberada, mas não necessariamente realizada, e comportamentos estratégicos autônomos conduzidos por meio de estratégia emergente e efêmera, que podem levar à estratégia realizada. Pode-se inferir que a estratégia é bem mais que um atributo restrito às organizações: trata-se de um produto elaborado e desenvolvido por homens, compreendido como práticas sociais, ou micro ações, que carecem de serem compreendidas e melhoradas (Mirabeau; Maguire; Hardy, 2018).

As “organizações são objetos empíricos”, segundo Clegg e Hardy (1999, p. 30), e cada indivíduo pode ver algo diferente nas organizações, a partir de suas experiências na vida de uma organização. Também os pesquisadores participam desses processos de interpretação das organizações. O aspecto da organização que se deseja representar na presente pesquisa é a questão da temporalidade. A ideia de que sistemas generalistas burocráticos, com gestão centralizada e hierarquizada, formalização, padronização e rotinização, não é a única forma de representar as organizações.

## **1.2. Objetivos Geral e Específicos**

O objetivo desta pesquisa é compreender a temporalidade nas experiências vividas pelos feirantes no trabalho em feiras livres em Uberlândia, Minas Gerais, a partir dos tipos: temporárias, intermitentes, transitórias e efêmeras. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa em feiras livres para pesquisar o cotidiano de gestão dessas organizações. Em seguida, foi conduzida uma análise do trabalho dos feirantes, a partir das formas ou tipos de temporalidade organizacional. E, uma análise das implicações da temporalidade nas características de gestão das feiras livres pesquisadas.

Os objetivos específicos são:

- a) descrever os tipos de temporalidade organizacional no cotidiano de gestão de feiras livres que atuam na cidade de Uberlândia;
- b) constatar as percepções temporais – passado, presente e futuro – na gestão das feiras livres pesquisadas.

- c) construir e descrever um novo tipo que identifica o panorama da temporalidade organizacional partindo dos conceitos de organizações temporárias, intermitentes, efêmeras e transitórias;

### **1.3. Justificativas para Realização da Pesquisa: Teórica e Empírica**

De um ponto de vista teórico, estudar a relação entre gestão e temporalidade organizacional é um tema essencial, pois diz respeito à sobrevivência das organizações no tempo e como diferentes representações do tempo ajudam a entender diferentes dinâmicas organizacionais (Boje; Haley; Saylor, 2016; Dawson; Sykes, 2019; Johansen; Cock, 2018; Schultz; Hernes, 2020). A presente pesquisa justifica-se do ponto de vista teórico pela necessidade de estudos sobre o tempo nas organizações com uma possível ampliação da tipologia das organizações quanto à temporalidade. Também do ponto de vista teórico, as feiras livres são agentes sociais, econômicos, culturais e com ação no comércio e na gestão que exigem maior compreensão da dimensão organizativa: práticas e processos que sustentam a sua existência na sociedade. A natureza fluida das feiras livres oferece um contraponto instigante, do ponto de vista da pesquisa científica, ao estudo da temporalidade *vis a vis* as organizações industriais tradicionais e mesmo as grandes corporações.

Do ponto de vista empírico, espera-se que a pesquisa contribua com a valorização das feiras livres para a sociedade e para o poder público locais. Tais organizações dão oportunidades aos cidadãos comuns de exercerem um trabalho digno e necessário à sua sobrevivência e podem ter um papel essencial no estímulo à agricultura familiar e na cadeia de produção e distribuição de alimentos saudáveis.

O estudo das feiras livres, enquanto agentes sociais e organizacionais, se justifica também porque esses agentes são geradores de emprego e renda, muitas vezes por meio da adoção de cooperativismo e associativismo, com a autogestão dos trabalhadores em diversos setores da economia, podendo, muitas vezes, serem denominadas como Organizações Produtivas Solidárias (OPS), que se caracterizam por práticas solidárias e justas de trabalho (Fernandes; Betanho, 2017), são exemplos desse empreendimento: clubes de troca, mercados populares, grupos de produção comunitária, associações e cooperativas.

A Economia Popular Solidária (EPS) é constituída por OPSs, empreendimentos baseados em associativismo, cooperativismo, e experiências autogestionárias. No âmbito do combate à exclusão social, a economia solidária propõe alternativas para geração de trabalho e renda, difundindo assim valores éticos e solidários (Nascimento, 2006). Esse movimento pode

ser visto como uma construção da classe trabalhadora, que aborda organizações produtivas fundadas por trabalhadores, gerando valor e reivindicando espaço na sociedade.

Outra justificativa para a presente pesquisa é o forte impacto que ela possui para os aspectos regionais do município de Uberlândia, da Região do Triângulo Mineiro e do Estado de Minas Gerais, nos quais está inserido. Pois, de acordo com Gil, Oliva e Gaspar (2008, p. 13) a regionalidade pode ser vista como “uma espécie de consciência coletiva que une os habitantes de uma determinada região em torno de sua cultura, sentimentos e problemas, tornando possível um esforço solidário pelo seu desenvolvimento”.

#### 1.4. Contribuições da Pesquisa: Caráter Inovador, Econômica, Social e Regional

**Quanto à originalidade** e caráter inovador da pesquisa, ainda que as feiras livres estejam presentes em todos os estados brasileiros (Araujo; Ribeiro, 2018; Brandão et al., 2015; Cazane; Machado; Sampaio, 2014), estudos no campo da gestão sobre feiras livres como organizações fluidas ainda são escassos. A presente pesquisa contribui com um novo tipo sobre a temporalidade organizacional, reforçando noções de temporalidade organizacional existentes e mostrando um novo tipo de temporalidade na gestão organizacional (Blagoev et al., 2024; Brunelle, 2017; Claessens et al., 2007).

De uma **perspectiva econômica**, as feiras livres analisadas na pesquisa são agentes sociais, culturais e econômicos com significativa presença nos bairros da cidade e interconexões regionais. A pesquisa traz resultados que contribuem com futuras ações municipais de política pública voltadas para o estímulo das feiras (Silvestre; Ribeiro; Freitas, 2011). A contribuição econômica refere-se ao potencial que esta pesquisa tem de mostrar as feiras como um espaço de trabalho e emprego e geração de renda para a sobrevivência dos feirantes. Também, por mostrar os feirantes como agentes de uma cadeia de produção e distribuição de alimentos saudáveis para os bairros da cidade (Fernandes; Betanho, 2017). A relação entre a economia e as feiras livres de Uberlândia pode ser percebida na publicação do Decreto Municipal n. 13.337/2012 que classifica a feira livre como:

[...] atividade comercial realizada em áreas previamente designadas para este fim. Têm por finalidade proporcionar à população produtos hortifrutigranjeiros, cereais, produtos alimentícios industrializados e processados, peixes, utensílios domésticos, roupas, brinquedos, armarinhos, bijuterias, artesanato. Além disso, é um ponto de encontro entre as pessoas para as quais podem ter acesso às atividades culturais, sociais, bem como, constituem-se estas feiras livres como fomento ao turismo para o município (PMU, 2012).

**De uma perspectiva social**, as feiras constroem um espaço de interação e convivência social. Ainda que não sejam organizações no sentido tradicional de burocracias, constituem uma forma organizacional e de ocupação territorial que podem ser mais amplamente compreendidas. Com esta pesquisa buscou-se mostrar a gestão dessas organizações, que são popularmente chamadas de feira livre, numa perspectiva temporal. Mostrar como e se estão presentes elementos tradicionais da temporalidade na gestão dessas organizações. As feiras livres têm presença semanal da vida de moradores dos bairros da cidade e na oferta de produtos da produção familiar (e não familiar) para o comércio de rua local. A pesquisa contribui com os estudos das práticas organizativas de feirantes da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, e sua relação com a temporalidade organizacional – passado, presente e futuro na criação, manutenção e transformação dessa forma tradicional de comércio.

Este estudo sobre feiras livres contribui com o ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico, especificamente com o objetivo 8.3 – promover políticas orientadas para o desenvolvimento, que apoiem as atividades produtivas, geração de emprego decente, empreendedorismo, criatividade e inovação, e incentivar a formalização e o crescimento das micro, pequenas e médias empresas, inclusive por meio do acesso a serviços financeiros.

**Como contribuição regional**, a pesquisa abordou um agente social relevante – as feiras livres – na vida cotidiana dos bairros da cidade. As feiras livres, enquanto organizações sociais, contribuem com a construção da cultura popular local, com a manutenção dos costumes de cada região, sendo agentes disseminadores desses costumes regionais e de cada município. Além de agentes econômicos, os feirantes são agentes sociais, culturais e políticos, e essa pesquisa empírica com os feirantes contribui com o conhecimento dos aspectos de regionalidade presentes nessas organizações (Godoy; Anjos, 2007b; Kinjo; Ikeda, 2005; Matos et al., 2015).

A presente pesquisa se insere na Linha de Gestão Organizacional e Regionalidade do Programa de Pós-Graduação em Administração – Doutorado. Um dos aspectos que estão presentes nesta linha de pesquisa e na presente tese é a regionalidade que, segundo Haesbaert (2010), em estudo no campo da geografia, é uma propriedade que diz respeito, sobretudo, aos aspectos simbólicos e vividos que são próprios de cada região (entidade geográfica concreta) e regionalização (processo de diferenciação e/ou de recorte do espaço em parcelas coesas ou articuladas). A regionalidade faz parte do “ser regional”, enquanto processo em constante rearticulação, pois “regionalização e globalização se tornarem dinâmicas tão imbricadas e complementares que passam a ser, na prática, indiscerníveis, muitos apelando para neologismos como glocalização” (Haesbaert, 2010, p.4).

A região é uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade, uma busca de consolidação da nacionalidade de um povo, conforme Pozenato (2003), em estudo do campo de letras e cultura regional; um espaço construído por decisão política e/ou da ordem das representações, entre as quais as de diferentes ciências. Tradicionalmente, a região implicou relações entre centro e interior ou centro e periferia, gerando estigmas e estereótipos. Ele utiliza a ideia de proximidade e distância para pensar a região, vista como um feixe de relações que constituem a base para outras relações sociais. Para o autor, a regionalização é uma estratégia que desenvolve os próprios instrumentos de gestão, seguindo um programa político conduzido na região. Sobre a regionalidade, Pozenato (2003) a considera um conceito relacional que diz respeito à cultura: os significados e símbolos, a identidade regional, a literatura, a língua, muito próxima do conceito de regionalismo: as relações de inclusão e exclusão (pertencimento). O regionalismo se refere a uma “espécie particular” de relações de regionalidade.

### **1.5. Estrutura do Documento da Tese**

A presente tese foi estruturada da seguinte forma: primeiramente, no capítulo da Introdução, foram apresentados o tema, problema e tese da pesquisa, seguidos do objetivo geral e dos objetivos específicos propostos. Posteriormente foram apresentadas as justificativas para realizar a pesquisa e as contribuições que ela oferece nos campos teórico, empírico, social, econômico e regional.

No capítulo do referencial teórico, foram enfatizados os conceitos centrais sobre tempo e temporalidade que embasaram a pesquisa, sendo: (a) tempo e temporalidade, uma síntese conceitual; (b) a temporalidade na gestão organizacional: características conceituais e práticas das organizações temporárias, intermitentes, efêmeras e transitórias; e (c) as feiras livres como agentes econômicos, sociais e culturais.

O capítulo dos procedimentos metodológicos descreve a abordagem do material pesquisado, o método de pesquisa e análise do material pesquisado, as técnicas de coleta de dados e o público pesquisado. No capítulo seguinte, os resultados são apresentados e a análise embasada no referencial teórico realizada. Por fim, o documento da tese é encerrado com as conclusões da pesquisa.

## **2. TEMPORALIDADE E FEIRAS LIVRES: DIFERENÇAS CONCEITUAIS E PRÁTICAS NA RELAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES COM O TEMPO**

O referencial teórico desta tese foi apresentado da seguinte maneira: o primeiro tópico apresentou as perspectivas conceituais de tempo e temporalidade, em diferentes áreas de estudo. Sendo dividido em três seções: (1) ciências diversas: filosofia, história, sociologia e antropologia linguística; (2) estudos organizacionais e gestão organizacional. Nesta seção, foram disseminadas as características conceituais e práticas das organizações temporárias, intermitentes, efêmeras e transitórias; (3) na terceira seção, as feiras livres mostraram-se como agentes econômicos, sociais, culturais e organizacionais.

### **2.1. Tempo e Temporalidade: Diferentes Perspectivas Conceituais**

O tempo é um tema presente em estudos das áreas de antropologia, história, psicologia, sociologia, biologia, arte, religião, filosofia, administração e física com diferentes abordagens (Ancona et al., 2001; Butler, 1995; Collinson; Collinson 1997; Dawson; Sykes, 2019; George; Jones, 2000; Paiva et al., 2013).

Para esta pesquisa, serão abordados os conceitos de tempo passado, presente e futuro e tempo linear e tempos múltiplos, que contribuem com o alcance do objetivo do estudo. Alguns dos autores e autoras que fundamentam conceitualmente o estudo da temporalidade organizacional são destacados no Quadro 1.

**No campo da filosofia**, um dos primeiros autores a pensar a temporalidade (a natureza do tempo) foi Santo Agostinho (354-430 d.C.) que, em suas reflexões, adaptou pensamentos do filósofo Platão e dos cristãos para apresentar pensamentos contraditórios entre presente, passado e futuro. Agostinho traz o tempo apreendido pela consciência humana, a temporalidade, e não somente o tempo físico (que depende do presente absoluto para ser real). Em seu célebre trabalho intitulado ‘Confissões’, Santo Agostinho se questiona sobre o que é o tempo? Qual seu modo de existir? Pode-se afirmar que existem o passado e o futuro? Ou o único tempo existente é o presente? Após feitas essas reflexões, o filósofo chegou à conclusão de que se fosse sempre presente, deixaria de ser presente, seria eternidade.

Ainda, em sua análise do conceito de tempo, Paul Ricoeur (1913-2005) também parte dos estudos de Santo Agostinho. Ricoeur (1994) enfatiza que só se pode considerar tempo humano na medida em que este está atrelado à narrativa, da mesma forma em que a esta precisa

de aspectos temporais para ser considerada válida. Porém não se pode assegurar que a narrativa ordene o tempo por completo, já que há um aspecto dialético nesta relação.

[...] Logo, a consonância narrativa imposta à dissonância temporal permanece a obra daquilo que convém chamar de uma violência da interpretação. A solução narrativa do paradoxo é apenas o rebento dessa violência. [...] Primeiramente, a experiência da temporalidade não se reduz à simples discordância. [...] É preciso preservar o paradoxo do tempo do nivelamento que opera sua redução à simples discordância. [...] Em suma, quando pensadores ou críticos literários parecem ceder a simples nostalgia de ordem ou, pior, ao pavor do caos, o que os move, em última análise, é o reconhecimento autêntico dos paradoxos do tempo, para além da perda de significado característica de uma cultura particular – a nossa (Ricoeur, 1994, p. 112).

### Quadro 1 – Conceitos sobre o tempo

Assunto	Autores
<b>O tempo na filosofia, na história, na sociologia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Filosofia: Santo Agostinho (354-430 d.C.); Ricoeur (1994, 2007); Da Silva (2008).</li> <li>● História: Thompson (1967); Marques (2008); Gumbrecht (2010); Koselleck (2012, 2014, 2021); Silveira (2016); Hartog (2019).</li> <li>● Sociologia: Bruni (1991); Elias (1998); Berger; Luckmann (2004); Whitrow (2005); Palermo (2007).</li> <li>● Antropologia linguística: Sinha; Bernárdez (2016).</li> </ul>
<b>O tempo nos estudos organizacionais e gestão organizacional</b>	Lanzara (1983); Kabanoff; O'Brien (1986); Gersick (1988); Gherardi; Strati (1988); Yammarino; Naughton (1988); Puffer (1989); Puffer; Brakefield (1989); Hassard (1991); Butler (1995); Lee; Butler (1995); Collinson; Collinson (1997); Holmer-Nadesan (1997); Sahay (1997); Liebenau (1999); Lee; Liebenau (1999); Zaheer; Albert; Zaheer (1999); Perlow (1999); Carlisle; Manning (2000); George; Jones (2000); Mosakowski; Earley (2000); Ancona et al. (2001); Orlikowski; Hassard (2001); Ofori-Dankwa; Julian (2001); Bluedorn (2002); Orlikowski; Yates (2002); Yates (2002); Cunliffe; Luhman; Boje (2004); Bluedorn; Jaussi (2007); Claessens et al. (2007); Tonelli (2008); König; Waller (2010); Paiva et al. (2013); Howlett; Goetz (2014); Hydle (2015); Boje; Haley; Saylor (2016); Brunelle (2017); Johansen; Cock (2018); Franco; Paiva; Dutra (2018); Dawson; Sykes (2019); Ravasi; Rindova; Stigliani (2019); Holt; Johnsen (2019); Johnsen; Johansen; Toyoki (2019); Barbosa; Lara; Paiva (2020); Schultz; Hernes (2020); Nachbagauer (2022); Karlsen (2023); Plotnikof; Mumby (2024); Blagoev et al. (2024).

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o autor, pode-se assegurar que a narrativa é a responsável por dar forma aos acontecimentos históricos e tornar possível retomar fatos passados (Ricoeur, 1994). Só por meio da rememoração do passado que se podem encontrar múltiplas possibilidades de se interpretar o presente e fazer com que “aquilo que não queremos” volte a acontecer no futuro. Ao tentar caracterizar o presente, Ricoeur (1994) defende que se trata do que não permanece, aquilo que não tem extensão, espaço. Pode-se classificá-lo como o instante pontual, em oposição à eternidade, que é o sempre presente, aquilo que permanece. Segundo ele, “o passado

e o futuro já não serão considerados como seres, mas como qualidades que podem existir no presente sem que as coisas a que nos referimos quando falamos existam ainda ou já tenham existido” (Ricoeur, 1994, p.47). A partir desse pensamento, o presente passa a ser o modelo para se entender os demais tempos (futuro e passado), já que ambos estão inseridos no presente, ainda que de forma atenuada.

Da Silva (2008) afirma que, no campo filosófico, Descartes e Jean Paul Sartre fizeram indagações sobre o tempo e a temporalidade. Ao analisar as perspectivas de temporalidade dos dois filósofos citados, aquele autor avalia que Sartre desenvolve um pensamento cartesiano que acredita em tempos múltiplos, sendo que sua maior dificuldade pode ser o instantaneísmo. Pois, para Sartre, a temporalidade surge a partir da consciência e da constância temporal; ele divide a temporalidade em dois momentos: (a) superação do instante, (b) recuperação do passado e “possibilização” do futuro (Da Silva, 2008). Na visão de Descartes, o tempo é uma instância externa à consciência; visto que na concepção desse filósofo tem-se a ideia de que a existência pode ser infinitamente dividida e não há nenhuma relação entre o foi e o será. Segundo Da Silva (2008, p. 238) ao se fazer uma relação entre consciência e tempo, instaura-se a noção de temporalidade: “o presente não se configura enquanto algo que se apresenta à consciência, mas, contrariamente, é pela consciência que o presente é levado ao ser; o presente ocorre porque a consciência é presença”.

**No campo da história**, autores fazem reflexões temporais sobre a historicidade, conceitos de temporalidade, e presença (Hartog, 2019; Koselleck, 2021; Koselleck, 2014; Koselleck, 2012). Levando em conta os aspectos mencionados, pode-se considerar que a temporalidade e a historicidade são de suma importância para a compreensão do ser, já que esta possibilita que o ser reconheça o “enlaçamento” entre passado e futuro (fenômeno histórico). O passado pode ser classificado como memórias ou experiências, já o futuro são projeções ou expectativas (Silveira, 2016), diante dessas reflexões, Silveira (2016) conclui que para se entender o passado, não dissociado do futuro, é necessário refletir que a ciência histórica se familiarize com o pensamento filosófico de forma a refletir os conceitos de temporalidade, historicidade, e da presença, defendida nos estudos de Gumbrecht (2010).

De um ponto de vista histórico, a relação entre tempo e organizações começa a ser estudada para entender como o trabalho no sistema capitalista e como o trabalho foi afetado por novas estruturas temporais advindas do capitalismo industrial. De acordo com Thompson (1967), a base de lucro do sistema capitalista é consequência de fatores como controle de tempo, divisão do trabalho e máxima exploração da força de trabalho. A associação do tempo ao

dinheiro (controle do tempo de trabalho e remuneração com base nisto) altera as relações de trabalho e torna o tempo quantificável, mensurável e controlável (Thompson, 1967).

Nas reflexões sobre temporalidade de Hartog (2019), deve-se considerar um ‘regime de historicidade’, uma maneira de engrenar passado, presente e futuro, ou fazer uma junção dessas três categorias. Segundo o autor, o termo historicidade remete a uma história filosófica, constata-se assim que o estudo sobre tempo e temporalidade não pode ser compreendido somente mediante estudos da história, mas também com estudos filosóficos sobre o tema. Dessa forma, há uma legitimidade em falar de historicidade mesmo antes do conceito moderno de história (entre fim do século XVIII e início do século XIX).

[...] se por “historicidade” se entender essa experiência primeira de *estrangement*, de distância de si para si mesmo que, justamente, as categorias do passado, presente e futuro permitem apreender e dizer, ordenando-a e dando-lhe sentido [...] Podemos nos servir da noção de regimes de historicidade antes ou independentemente da formulação posterior do conceito moderno de história, tal como a delineou bem o historiador Reinhart Koselleck (Hartog, 2019, p. 12).

A questão da temporalidade é essencial na formulação do contexto vivenciado pelos regimes de historicidade de cada época. Para tanto, cabe uma reflexão sobre o tempo como conceito fundamental para estudos com base na perspectiva histórica. Dessa forma, ao se usar como método central uma análise documental histórica, há um esforço em examinar as fontes, visto que se trata do trabalho historiográfico em si, que objetiva obter uma “escrita de uma História possível” (Hartog, 2019).

Na percepção de Hartog (2019), o tempo é visto como uma experiência social e, como tal, submetido às diferenças próprias das épocas históricas. Essa experiência pode compreender a simultaneidade de várias temporalidades no presente, sendo ele mesmo um regime do tempo: o presentismo. Para o autor, torna-se evidente que está em curso uma vivência de tempo em que o presentismo extrapola o futurismo, pois o “presente se consome no imediatismo, assumindo uma espessura própria, construindo-se em ilusão de duração interminável” (Hartog, 2019, p. 142).

É necessário, assim, entender o futuro passado, conforme Koselleck (2021, 2012). O tempo é motivo de reflexões desde a antiguidade, Koselleck (2012, p. 126) propõe que o tempo é um fenômeno que pode ser separado em duas categorias distintas constituintes da temporalidade: “experiência e expectativa, pois elas entrelaçam passado e futuro”. Conforme Silveira (2016), para aquele historiador, esses conceitos não são opostos, pois representam

diferentes maneiras de ser que estão entrelaçadas e produzem tensão, que levam a novas soluções: o tempo histórico.

A experiência seria o passado presente, constituída tanto das acumulações de ações pessoais como coletivas. A expectativa seria um futuro presente, ligada ao mesmo tempo à pessoa e ao interpessoal, também se realizaria no hoje, voltada para o ainda não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Elas seriam partes constituintes de um presente, mas não seriam simétricas. Passado e futuro jamais chegariam a coincidir, pois a expectativa não poderia ser totalmente extraída da experiência (Silveira, 2016, p. 190).

Assim, considera-se a história como o estudo do ser humano no tempo, já que ela é constituída por conjuntos de sucessões de fatos e ações passadas, resultando na separação do ser do presente em relação ao passado. Todas as histórias foram construídas pelas expectativas dos indivíduos e pelas experiências vividas por eles. E, apesar de estas categorias serem “genéricas”, seus usos são indispensáveis, pois indicam uma condição humana universal, sem a qual nenhuma história pode ser construída, ou mesmo imaginada (Silveira, 2016, p.192).

Na análise de Silveira (2016), pode-se considerar historicidade própria como o módulo que temporaliza a temporalidade, sendo que esta historicidade traz referência à temporalidade por meio da vivência humana, possibilitando se pensar numa fluidez das experiências passadas e das expectativas do futuro.

Marques (2008) analisa que há uma dicotomia entre tempo físico (absoluto e alheio à consciência e à vontade, independe do ser humano) e o tempo psicológico (relativo à experiência e à percepção humana). O autor considera que o tempo físico (o tempo da natureza), independe do ser humano, e é o presente absoluto da ação, pois não se trata de passado nem de futuro: “o *passado* não existe, pois já se foi; o *futuro* também não existe, pois ainda não acontece [...] esses dois conceitos apenas fazem sentido dentro da experiência vivida” (Marques, 2008, p. 45).

[...] só o presente é real, mas também que qualquer tempo por nós vivido só tem sentido se comparado com o tempo que ainda não é, ou não mais existe – o que se constitui no processo fundamental da consciência humana e, num plano mais restrito e aqui relevante, da apreensão da história. Este tempo é, sem suma, *a temporalidade* (Marques, 2008, p.45).

No campo da historiografia, Marques (2008, p. 45) analisa que só “o tempo presente é real” e “que qualquer tempo por nós vivido só tem sentido se comparado com o tempo que ainda não é, ou não mais existe – o que se constitui no processo fundamental da consciência humana e, num plano mais restrito e aqui relevante, da apreensão da história”. Pensar a

temporalidade implica entender o tempo como elemento central dos estudos no campo da história, e que não existe um tempo primordial, pois o tempo é construído por meio de práticas, processos e narrativas. Marques (2008) também questiona as tradições de pensamento sobre as concepções cíclica, linear/unidirecional e estacionária sobre o tempo, e **argumenta que o tempo é construído, não é algo dado, como condição da própria história**. Neste sentido, torna-se prudente assegurar que o passado pode ser compreendido como fenômeno histórico (Silveira, 2016).

**No campo sociológico**, o tempo também pode ser definido como uma construção social (Berger; Luckmann, 2004; Elias, 1998; Whitrow, 2005). Construção essa que é cultivada no indivíduo desde a infância, fazendo com que o tempo seja percebido pelo mesmo de formas diferentes de acordo com as experiências vividas. Na literatura sobre organizações, tempo e temporalidade alguns termos se destacam: temporário, intermitente, permanente, efêmero, transitório. É preciso compreender as formas de temporalidade própria à nossa sociedade.

Os autores Berger e Luckmann (2004) explicam que, antes de se chegar à sociologia do conhecimento, passa-se pelo historicismo. O tema dominante no estudo desses autores é o sentimento da relatividade de todas as perspectivas sobre os acontecimentos humanos – a inevitável historicidade do pensamento humano – já que há uma “herança historicista da sociologia do conhecimento”, compreendida como:

(...) procedimento pelo qual deve ser estudada a seleção sócio-histórica dos conteúdos ideativos, ficando compreendido que estes conteúdos enquanto tais são independentes da causalidade sócio-histórica e por conseguinte inacessíveis à análise sociológica (Berger; Luckmann, 2004, p. 20).

Um dos fatores que distinguem o homem dos demais animais é a consciência de tempo. Enquanto estes vivem num presente contínuo, aquele adquiriu a habilidade de distinguir passado, presente e futuro, consequência da constate reflexão sobre a condição de estar no mundo – constituição histórica-temporal do indivíduo. Desse modo, têm-se que tempo não é algo intuitivo, automático, mas uma construção humana (Whitrow, 2005).

Os estudiosos garantem que a relação do homem com o tempo mudou nos últimos séculos, pois, segundo Elias (1998), as civilizações antigas não tinham o mesmo interesse e necessidade de medir o tempo, como as atuais. Na tentativa fazê-lo, alguns usavam fórmulas matemáticas para tal fim, porém sem sucesso, já que “o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor” (Elias, 1998, p. 7) e “o indivíduo não tem capacidade de forjar, por si só, o conceito de tempo” (Elias, 1998, p. 13). O autor percebe o tempo como algo subjetivo, inerente ao indivíduo e suas experiências pessoais, não sendo, assim, possível separar

o lado “físico” do lado “social”. Percebe-se também o tempo como fenômeno natural na visão de Elias (1998).

Sabe-se que os relógios exercem na sociedade a mesma função que os fenômenos naturais – a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos. Simultaneamente, servem-lhes, de múltiplas maneiras, para harmonizar os comportamentos de uns para com os outros, assim como para adaptá-los a fenômenos naturais, ou seja, não elaborados pelo homem (Elias, 1998, p. 8).

Segundo o autor, eventos naturais como batimento de pulso, ritmo das marés, nascer e pôr do sol ou lua eram usados com o intuito de marcar o tempo, e foi somente recentemente que os relógios assumiram esse papel no estudo dos fenômenos naturais, tornando o mistério do tempo mais denso (Elias, 1998). Elias (1998) considera, portanto, o tempo natural, e o tempo simbólico/cultural e o tempo individual como tempos complementares. Conforme Palermo (2007, p. 19), é o tempo social, na abordagem de Elias (1998) é o que “define o ritmo da vida humana e é o que define as temporalidades”. O tempo natural vivido pelos indivíduos tem como referência a coletividade (tempo e racionalidade/objetividade/instrumentalidade, tempo e aceleração/pressão/mudanças), desse modo a compreensão sobre o tempo, para Elias (1998), conecta a dimensão cognitiva e cultural e tem implicações sobre o ritmo de vida do(s) indivíduo(s).

Dentro das organizações há cobrança para que os funcionários tenham um perfil com característica multiprofissional e dinâmica, fatores que aperfeiçoam o trabalho, e, conseqüentemente, geram mais lucro às empresas. Elias (1998) traz reflexões sobre o tempo como algo que foi desenvolvido em relação a determinadas intenções e tarefas humanas “[...] atualmente, o tempo é um instrumento de orientação indispensável para realizarmos uma multiplicidade de tarefas variáveis (Elias, 1998, p. 15).

Por falar em subjetividade do tempo, Bruni (1991) defende que os relógios e calendários não seriam capazes de medir e quantificar esse tempo, pois há separação entre o que se percebe como tempo objetivo, tempo linear, aquele que o relógio e o calendário marcam. O tempo é composto por aspectos subjetivos, levando em consideração a vivência e a percepção de cada indivíduo. Exemplo disso é o uso constante de palavras e termos que relacionam o tempo a algo importante, primordial (rapidez, velocidade, aceleração, mudança, ritmo, instabilidade, falta de tempo, instantaneidade, prazo, tempo é dinheiro, escassez de tempo), essas expressões colocam o tempo como primordial na vida das pessoas em tempo de tecnologia e informação acelerada (Bruni, 1991).

Bruni (1991) traz a reflexão do conceito de tempo desde a Idade Média com a ideologia do mundo moderno diante da alteração das práticas mercantis, introduzindo uma nova forma de temporalidade que se sobrepõe à ideia do tempo imposto pela Igreja Católica, onde o “tempo pertence a Deus”. Nas estruturas organizacionais, percebe-se que o tempo e o dinheiro estão atrelados, já que o ser humano se torna o tempo que produz e é remunerado pelo tempo que tem a oferecer, causando uma ruptura que fez com que o tempo passasse de dádiva divina a objeto lucrativo (Bruni, 1991). Com a comercialização da força de trabalho, o tão sonhado tempo livre se torna um desafio diante da “dura realidade de um inesgotável suceder de obrigações, compromisso, tarefas e atividades, uma sensação permanente de “falta”, de “perda” de tempo” (Bruni, 1991, p. 157).

As noções sobre a “falta de tempo!” e que “tempo é dinheiro!” fazem parte do imaginário das pessoas e da vida cotidiana na qual sucedem compromissos, obrigações, tarefas, atividades, decisões. No campo da sociologia, Bruni (1991) analisa a importância de se debater sobre os tipos de temporalidade da sociedade moderna. Para o autor, o imperativo da relação da sociedade capitalista com o tempo é a produtividade; a temporalidade fundamental é a do tempo linear, progressivo, sucessivo, homogêneo, divisível, calculável, racional, produtivo, lucrativo. Para ele, o capitalismo não chega a abolir o tempo cíclico, que caracteriza as sociedades pré-capitalistas ou não capitalistas, e outras temporalidades estão presentes na sociedade moderna de acordo com as relações das pessoas com as instituições, classes sociais, grupos socioculturais; ou seja, trata-se de pensar que o tempo é sempre relacional. Um exemplo de uma outra temporalidade são as ações protetoras contra a morte ou pelo prolongamento da vida e da juventude.

Em um estudo da antropologia linguística, Sinha e Bernardez (2016, p.55) explicam que “a estruturação sociocultural do tempo é conseguida por meio de práticas que envolvem a construção e utilização de artefatos e sistemas de artefatos que misturam o material e o simbólico em diferentes escalas”. Segundo os autores, pode-se incluir artefatos familiares, e os evoluídos historicamente (bússolas, relógios, calendários etc.). Artefatos materiais simbólicos incluem a construção do ambiente e a paisagem naturalmente formada pela ação humana.

**Em estudos sobre gestão organizacional**, o tempo também é um tema presente (Lee; Liebenau, 1999; Zaheer; Albert; Zaheer, 1999; Orlikowski; Yates, 2002; Ravasi; Rindova; Stigliani, 2019). No campo dos estudos organizacionais, por exemplo, Hassard (2001) – ao dedicar parte importante dos estudos a analisar a relação entre o tempo e as organizações – é responsável por relacionar alterações na percepção do tempo com a industrialização e a ascensão do capitalismo, o que intensifica o impacto destes processos nas mudanças sociais.

Alguns questionamentos são feitos pelo autor: o tempo é real e concreto ou essencial e abstrato? Homogêneo ou heterogêneo? Divisível ou contínuo e infinito? Unitário ou múltiplo? As respostas para estas perguntas formam a concepção de tempo que o indivíduo possui, sendo que este pode ser tempo cultural (socialmente construído) e o tempo natural (biológico).

Em uma revisão conceitual, Blagoev et al. (2024, p. 2158) identificaram três lentes de pesquisa sobre o tempo nas organizações: **(1) tempo como recurso**: “um recurso valioso e estratégico e uma medida da ação”; **(2) tempo como estrutura**: “uma convenção social, uma ordem sociotemporal e um dispositivo regulatório”; e, **(3) tempo como processo**: “um fluxo indivisível e interconectado de eventos, uma relação enraizada na relação entre passado-presente-futuro”. Nessa abordagem processual, o tempo está no nível das interações, no discurso, nas histórias e nas narrativas, na construção de identidades. Esse conceito é relacional, conecta (*brinding*) eventos temporais passados (*evoking the past, trajectory, memory, historicizing*), presentes (práticas em andamento, decisões, continuidade, incerteza) e perspectivas do futuro (*future-making, futurizing, foreseeing, imaginaries*).

Um aspecto da análise do tempo nas organizações refere-se à percepção do tempo, individual e coletivamente. Para Bluedorn (2002) a experiência humana está enraizada no tempo e, ao mesmo tempo, esse é uma construção social daquela experiência. Essa experiência, por exemplo, ocorre no tempo religioso, contribui para definir quem chegou primeiro no grupo, quem é o membro mais antigo e quem são os novatos, incluindo o direito de definir normas, práticas e procedimentos. Na linha de montagem fordista, o tempo do relógio, o tempo cronometrado, foi aplicado aos movimentos dos trabalhadores com foco em regularidade e frequência. Essa concepção do tempo e do trabalho se tornou um arquétipo para a manufatura moderna em todo o mundo.

O autor utiliza a palavra no plural “tempos”, porque entende que os tempos que caracterizam as interações humanas “todos os tempos são socialmente construídos”, ainda que seja mais ou menos aparente essa construção coletiva dos tempos (Bluedorn, 2002, p. 14; Bluedorn; Standifer, 2006, p.200). **Os tempos precisam variar, afinal, eles representam a variedade das interações e experiências humanas.** Ainda, essas distintas concepções do tempo impactam a agência humana: a capacidade dos indivíduos para pensar os futuros desafios. Para refletir sobre práticas passadas e presentes. Por isso, os autores defendem o ensino da imaginação temporal.

**Na presente pesquisa, adota-se essa abordagem construcionista do tempo, o tempo é experimentado nas interações humanas, que conectam identidades e culturas, a partir da imaginação temporal.** Bluedorn e Standifer (2006) propõem um conceito formal para o

estudo das organizações: a **imaginação temporal**. Essa é definida como a capacidade dos indivíduos de compreender as intersecções entre a temporalidade dos seus próprios comportamentos (*timescape*) e a temporalidade mais ampla, pois *timescape* refere-se tanto àquelas características temporais vivenciadas pelo indivíduo (personalidade) quanto àquelas abordagens/definições do tempo praticadas em âmbito social mais amplo (culturas): grupos sociais, organizações e demais coletividades. Esse conceito conecta o micro e o macro nas interações entre personalidade e culturas.

Sobre as percepções temporais, Bluedorn e Jaussi (2007) propõem cinco dimensões do tempo que afetam a vida dentro das organizações: pontualidade, policronicidade, profundidade temporal, velocidade e arrastamento (dividido em condução, sincronia e liderança). Bluedorn e Jaussi (2008) testaram empiricamente essas cinco variáveis temporais no trabalho de lideranças. Paiva et al. (2013) desenvolveram e aplicaram um instrumento de análise da temporalidade no trabalho de empregados e lideranças a partir dessas cinco dimensões: uma escala de percepção temporal baseada na escala Likert.

A dimensão temporal chamada **policronicidade** enfatiza várias competências e habilidades que são exigidas no local de trabalho para executar as atividades laborais. Torna-se, assim, muito importante, pois é a partir dela que surge a satisfação no meio organizacional e em outras esferas da vida (Bluedorn; Jaussi, 2007). A policronia implica a disposição e ou habilidade para fazer ou não fazer várias coisas ao mesmo tempo, preferências por rotinas ou um ambiente dinâmico de trabalho (Paiva et al., 2013).

Bluedorn, Kaufman e Lane (1992) questionam “quantas coisas você gosta de fazer ao mesmo tempo”? A resposta para essa questão define uma orientação monocrônica ou policrônica. A orientação para o engajamento em uma atividade durante um determinado período é uma característica monocrônica. A orientação para o engajamento em duas ou mais atividades simultaneamente ou intermitentemente durante um determinado período é uma característica policrônica. Entre essas duas características estão aqueles indivíduos que “podem realizar algumas atividades simultaneamente ou intermitentemente enquanto realiza outras atividades uma por vez. Indivíduos podem variar o uso do tempo nas atividades que realiza de policrônico ou monocrônico.

A policronicidade foi tema do *Journal of Managerial Psychology* (v. 14, n.3/4, 1999). Kaufman-Scarborough e Lidquist (1999) analisam o uso do tempo, comportamentos e atitudes individuais, e propõem categorias para a identificação da monocronicidade e da policronicidade no trabalho dos indivíduos. Bluedorn et al. (1999) propõem um instrumento para medir a policronicidade na cultura organizacional; e, os autores definem policronicidade como

característica cultural da organização quando as pessoas preferem realizar duas ou mais atividades simultaneamente. Palmer e Schoorman (1999) propõem um modelo para análise preditiva da polícronicidade e enfatizam que esse modelo, diferentemente de outras análises que usam preferências do uso do tempo como isomórficas, o seu modelo trabalha com variáveis independentes.

Em comum, esses três estudos fundamentam a análise no conceito de policronia de Hall (1989), no campo da antropologia cultural, que pesquisou diferenças culturais de diversos países. Essa transposição do conceito de polychronicity de uma macroanálise do campo antropológico, para o âmbito do comportamento individual (micro) e da cultura organizacional (meso) requer reflexão, conforme König e Waller (2010). As pressões para os indivíduos performarem multitarefas (comportamento), simultaneamente, podem gerar não apenas resultados incongruentes, mas também efeitos perversos, ao se definir a preferência por um único comportamento (multitarefas).

Outro aspecto para se destacar, estudos dessa dimensão do tempo nas organizações, utilizam uma abordagem quantitativa de mensuração da polícronicidade no desempenho individual (König; Waller, 2010) dos trabalhadores, gestores e empreendedores e de grupos (times) de trabalhadores. Um estudo qualitativo, a partir de entrevistas com trabalhadores de Call Center foi conduzido por Franco, Paiva e Dutra (2018), com a análise das cinco dimensões do tempo de Bluedorn e Jaussi (2007), com destaque para a análise de trabalho monocrônico versus policrônico; outro estudo com abordagem qualitativa foi conduzido por Paiva e Gonçalves (2014) com o uso da técnica de entrevistas com gestores de um shopping center. Um estudo de Lian et al. (2022) relaciona a polícronicidade, tomada de decisão e autoeficácia de trabalho de um time/grupo.

A dimensão temporal denominada **velocidade** faz menção ao número ou frequência de atividades realizadas numa mesma unidade de tempo (Bluedorn, 2002), é a preferência pelo indivíduo em executar uma mesma tarefa de forma rápida ou lenta. Segundo Bluedorn e Jaussi (2007), traços de personalidade, cultura, indústria ou país onde residem podem influenciar a velocidade em que esse indivíduo realiza alguma atividade. Por exemplo, caso um indivíduo tenha como característica a impulsividade e goste de assumir riscos dentro das organizações, é possível que ele realize essas tarefas de forma mais rápida do que alguém que não tenha essas características. Também são aspectos que definem a velocidade no ambiente de trabalho: mecanismo de recompensa financeira da instituição, assim como o tamanho e a estrutura organizacional.

A dimensão temporal chamada **pontualidade** se torna a mais mensurável e objetiva de todas, pois se refere ao indivíduo fazer ou não atividades dentro do tempo estipulado. Já dimensão chamada **profundidade temporal** é a consideração que o indivíduo possui entre passado e futuro de modo a compreender o tempo presente. Considera-se essa dimensão mais complexa de ser entendida, pela subjetividade que carrega (Bluedorn; Jaussi, 2007): refere-se à imaginação do futuro e à memória de eventos passados e vividos, e como ambos influenciam decisões atuais. A quinta dimensão temporal é o **arrastamento**, o indivíduo (trabalhadores e lideranças) se ajusta ao ritmo de outra pessoa ou atividades e “se fazem nítidas as relações de poder e sua influência na vivência do tempo” (Barbosa; Lara; Paiva, 2020, p. 11). A partir dessas percepções, para melhor compreender o sentido do tempo têm-se que:

[...] torna-se importante compreender a heterogeneidade que envolve as formas de se situar em relação ao tempo, as suas implicações em termos de adequação (maior ou menor) do sujeito ao tipo de trabalho a ser realizado e em termos de constituição de suas vivências laborais (Barbosa; Lara; Paiva, 2020, p. 7).

Apesar do constante avanço nos estudos para definir e quantificar o tempo, este segue apresentando divergências em sua conceituação. Há aspectos que precisam ser discutidos sobre o tema, pois quanto mais esses esforços avançam, maior parece ser o modo como o tempo consegue “escravizar” os indivíduos (Barbosa; Lara; Paiva, 2020).

Hassard (2001) assegura que o que prevalece no sistema capitalista é o tempo linear, aquele que se configura como mensurável, divisível, homogêneo e objetivo – o que explica o uso do tempo como controle nas relações trabalhistas. O tempo passa então a ser visto como uma “mercadoria”, devido ao senso de urgência que ele apresenta e por comandar o ritmo que as pessoas devem seguir em seu dia a dia e em seu local de trabalho (Tonelli, 2008). Outro aspecto relevante apontado por Hassard (1991), é percepção do tempo dentro de organizações formais, que devem buscar formas alternativas de administrar o tempo.

A partir de uma abordagem feminista, Plotnikof e Mumby (2024) propõem uma abordagem de multimodalidade temporal e performativa para múltiplos modos de comunicação do tempo e do poder performativo dessas noções de tempo. Para os autores, múltiplas temporalidades entrelaçam, diferenciam e competem; uma única noção de tempo utilizada na organização pode domesticar e desvalorizar outros tempos, tornando precárias algumas forças sobre as práticas e subjetividades envolvidas com o *organizing*. Os autores defendem uma perspectiva política do tempo por entenderem que, no capitalismo neoliberal, o papel do tempo no discurso e constituição comunicativa da organização é de normalização da incerteza e da mudança.

Para Cunliffe, Luhman e Boje (2004, p. 261) é necessário considerar “como pressupostos alternativos sobre o tempo podem levar a diferentes narrativas sobre formas de pesquisar e teorizar a vida organizacional”. De uma perspectiva pós-estruturalista da filosofia do tempo e da narrativa de Paul Ricoeur (1994) e da perspectiva da temporalidade do existencialismo de Paul Sartre, as organizações são entendidas como fluidas e dinâmicas sujeitas a um rigoroso “processo aberto (*process open*) de interpretações (negociadas) de seus vários participantes (polifônica) e situada no contexto e ponto de representação/performatividade (sincrônica). Essas duas dimensões “*polyphonic*” e “*synchronic*” caracterizam as experiências objetivas e subjetivas de construção de sentido nessas organizações.

Johnsen, Johansen, Toyoki (2019) destacam que uma concepção da dimensão afetiva do tempo tem implicações para os indivíduos nas organizações, sobre como esses indivíduos vivenciam uma “experiência cronopática”, que emerge das pressões afetivas exercidas pelo tempo e patologias organizacionais e institucionais (tédio, depressão, estresse, ansiedade). Karlsen (2023) considera que “nós sentimos que o tempo existe, mas nós não sabemos ou concordamos sobre o que exatamente ele é”. Ele tem como base estudos do campo da filosofia “da presença” e “do ato” de George Herbert Mead, para analisar as diferentes percepções do tempo em situações de transição e mudança nas organizações. Para Karlsen (2023, p. 413), “tempo e mudança são construções sociais e, portanto, abertas à reconstrução” e a inteligência humana é necessária para perceber o tempo.

## **2.2. A temporalidade na gestão organizacional: características conceituais e práticas das organizações temporárias, intermitentes, efêmeras e transitórias**

No campo da sociologia, Bruni (1991) afirma que se pode perceber o quanto o tempo se transformou num recurso escasso, quando as palavras “rapidez”, “velocidade”, “aceleração”, “mudanças”, “ritmo”, “instabilidade” e “falta de tempo” encontram-se cada vez mais presentes e repetidas no vocabulário cotidiano.

No campo da gestão organizacional, as organizações precisam aprender a lidar com o tempo. Há uma variedade de temas que conectam organizações e tempo:

- a) a influência do tempo de trabalho e do *stress* no lazer dos indivíduos (Kabanoff; O’Brien, 1986);
- b) conceito de tempo subjetivo (Gersick, 1988);

- c) pluralidade de tempos organizacionais e o desempenho organizacional (Gherardi; Strati, 1988);
- d) tempo gasto com comunicação (Yammarino; Naughton, 1988);
- e) a administração do tempo e do desempenho dos indivíduos e das organizações (Puffer, 1989; Puffer; Brakefield, 1989);
- f) estudos sobre tempo e organizações, estratégias de administração do tempo escasso e a carreira como elo entre indivíduo e tempo nas organizações (Hassard, 1991);
- g) a proposição de um modelo para análise do tempo (Butler, 1995);
- h) a influência das tecnologias na percepção do tempo e controle do tempo (Collinson; Collinson, 1997; Sahay, 1997);
- i) tempo como controle e mecanismos de fuga (Holmer-Nadesan, 1997);
- j) estudos sobre o tempo e organizações e o desenvolvimento de teorias, a pluralidade de tempos e a tecnologia de informação (Carlisle; Manning, 2000; Lee; Liebenau, 1999; Mosakowski; Earley, 2000);
- k) estudos no campo da sociologia do tempo no trabalho, escassez de tempo e (in)satisfação dos indivíduos (Perlow, 1999);
- l) análise de escalas temporais em estudos organizacionais (Ofori-Dankwa; Julian, 2001; Zaheer; Albert; Zaheer, 1999);
- m) estudos sobre gestão de projetos e situações de crises e desastres consideram que organizações que precisam responder rapidamente a essas situações podem adotar coordenação sincrônica considerando a fragmentação e improvisação organizacional; enquanto organizações que performam em tempo de paz e ritmo podem adotar uma coordenação baseada em busca de oportunidades, indução de interrupções deliberadas e períodos de paciência na tomada de decisões (Nachbagauer, 2022);
- n) análise do tempo, temporalidade e *timescapes* em administração e políticas públicas (*timing*, sequência, velocidade, duração, tempo em orçamentos, limites de tempo, horizontes de tempo), os links entre tempo e poder, aspectos temporais da política, “explorando o tempo de ambas as perspectivas diacrônica-histórica e sincrônica” (Howlett; Goetz, 2014, p. 477).

Um estudo da temporalidade presente nas organizações implica compreender como as estruturas temporais são definidas pela estruturação do tempo. Alguns aspectos das estruturas temporais da organização devem ser levados em consideração, como processos, ritmo,

velocidade; enquanto outros aspectos mais subjetivos também estão presentes: horizonte e profundidade temporal, conforme Schultz e Hernes (2020).

Segundo os autores, ao confrontar estruturas temporais de estratégia e identidade organizacional, pode-se perceber que quando há a presença de profundidade temporal, a organização tem como estratégia um futuro orientado e apresenta identidade com passado e futuro orientados, assim como um futuro próximo limitado por planos e programas. No caso de a estrutura temporal dessa organização apresentar somente traços de horizontes temporais, a estratégia será composta por inícios e fins de períodos sequenciais e atividades acionáveis, também por horizontes temporais fechados (como prazos). Por fim, quando se faz presente, na organização, algum tipo de manifestação, a estratégia deverá conter planos, programas, modelos e relatórios; e a identidade dessa organização terá aspectos de reivindicações. (Schultz; Hernes, 2020).

A visão linear dominante sobre a temporalidade, aquela que considera somente o tempo do relógio e do calendário, é fortemente criticada. A partir desta constatação, Dawson e Sykes (2019) consideram que o **tempo convencional** com passado, presente e futuro (nessa ordem) predomina, porém, ao se pensar em **temporalidade**, há um entendimento de tempo como sendo múltiplo e não singular. Assim, a partir do conceito de temporalidade, pode-se perceber uma constante fluidez na forma como os passados e os futuros surgem, ambos atuam na construção de sentido temporal de um presente emergente. Tais aspectos também fazem com que haja concepções lineares de temporalidade, ou seja, que ela possua uma causalidade associada. Para melhor entender os conceitos de tempo e temporalidade, os autores sugerem uma agenda de pesquisa, pois, ambos os conceitos precisam ser desvendados para que se construa sentido e narrativa de literaturas com vistas a entender que as diferenças entre **tempo objetivo** e **tempo subjetivo**. Tal agenda teria o objetivo de compreender as diferentes modalidades temporais, assim como fazer análises históricas e de contextos políticos “onde o passado, presente e futuro são apresentados e reapresentados em muitas cores diferentes e muitas vezes em formas concorrentes” (Dawson; Sykes, 2019, p.110).

Antes de prosseguir com os estudos do tempo nas organizações, faz-se necessário entender conceitos temporais que são apresentados no Quadro 2, explicitados no Dicionário Aurélio, que são retomados no Quadro 4.

## Quadro 2 - Distinção dos conceitos temporais

Palavra	Significado	Sinônimos	Antônimos
Transitório	Cujo tempo de duração é limitado ou pouco.	Passageiro; precário; provisório; contingente; efêmero; interino; temporário; transitivo.	Eterno; permanente; definitivo; durável; imanente.
Efêmero	De curta duração, que é breve, transitório.	Breve; fugaz; instantâneo; passageiro; transitório; provisório; contingente; temporário.	Duradouro; permanente; perene.
Temporário	Que dura por algum tempo; provisório, transitório.	Passageiro; precário; provisório; contingente; efêmero; interino; temporário; transitivo; transitório.	Permanente; eterno; imutável; durador; perpétuo.
Intermitente	Que interrompe e se inicia novamente; que para e recomeça por intervalos.	Infrequente, descontinuo; contingente; alternado; revezado; salteado; intervalado.	Contínuo; permanente; assíduo; aturado; continuado.

Fonte: Dicionário Aurélio (2024).

Em um estudo com ênfase no tempo e na temporalidade na ação gerencial, Johansen e Cock (2018) buscaram entender como a ideologia do tempo e da temporalidade influencia a agência corporativa ao estudar como os gerentes trazem o futuro para o presente, mais especificamente, como gestores seniores de 10 companhias dinamarquesas constroem sentido do futuro. O objetivo é mostrar que as narrativas gerenciais são ideologicamente marcadas.

O ponto de partida dos autores é uma crítica ao fracasso do capitalismo ao tentar solucionar problemas de larga escala e de longo prazo, no âmbito dos esforços de preparar a sociedade capitalista-democrática ocidental para o futuro. A ideologia temporal refere-se à lógica de que o capitalismo e a economia de mercado são aspectos naturais da vida social. E, a partir dessa lógica, gestores fazem previsões sobre o futuro e fazem planos para as suas organizações, em um espaço/contexto em que os negócios são “reinos usuais/comuns”. A partir dessa ideologia temporal, há pouco engajamento dos gestores com um futuro fundamentalmente aberto (*a time-yet-to-come*). Johansen e Cock (2018) avaliam que o presenteísmo associado à colonização do futuro estão na essência dessa ideologia temporal. No estudo, os autores identificam sinais de um outro engajamento nos relatos de alguns gestores que atuam contrariamente a essa corrente da ideologia temporal, que mesmo trabalhando sob o radar do tempo capitalista, buscam alcançar um futuro que é qualitativamente diferente do presente.

Os conceitos de tempo e temporalidade passam, portanto, a serem colocados no centro dos estudos sobre as organizações: Schultz e Tor Hernes (2020) analisam a relação temporal entre estratégia e identidade mostrando que a relação passado e futuro geram diferentes

estruturas temporais: *punctuated*, subsumida (*subsumed*) e sustentada (*sustained*). Ravasi, Rindova e Stigliani (2019) mostram que a temporalidade, a história e a memória fazem parte da construção da identidade organizacional: iluminando interesses do presente para inspirar e legitimar o curso de ações no futuro.

Em uma abordagem sobre diferentes perspectivas sobre o tempo nas organizações, conforme Quadro 3, Orlikowski e Yates (2002) mostram que há percepções diferentes em relação ao tempo, de acordo com os conceitos aprendidos ou experiências vividas, e ainda pode-se qualificar o tempo em relação à objetividade ou subjetividade do indivíduo.

**Quadro 3** – Diferentes perspectivas sobre o tempo nas organizações

Perspectivas	Objetiva	Subjetiva	Baseada na prática
Conceito de tempo	Existe independentemente da ação humana; exógeno; absoluto.	Socialmente construído pela ação humana.	Constituído pelas ações humanas; assim como elemento constituinte dessas ações.
Experiência do tempo	O tempo determina ou poderosamente constrange ou limita as ações humanas, graças à adoção de sistemas padrões de mensuração.	O tempo é experienciado através de processos interpretativos das pessoas que criam noções temporais significantes, tais como eventos, ciclos, rotinas e ritos de passagem.	O tempo é realizado através das práticas recorrentes das pessoas que reproduzem estruturas temporais (Ex.: calendários e cronogramas em planos) que são tanto resultantes quanto meio ou suporte para essas práticas.
Papel dos atores na mudança do tempo	Os atores não podem modificar o tempo; eles podem adaptar suas ações para corresponder adequadamente à sua aparente inexorabilidade.	Os atores podem modificar sua interpretação cultural do tempo, e, assim, alteram sua experiência do tempo nas rotinas, eventos e ciclos.	Os atores são agentes que reflexivamente monitoram suas ações e, assim, em certas condições, podem reproduzir estruturas temporais novas ou alteradas em suas práticas sociais.

Fonte: Orlikowski e Yates (2002, p. 689).

Para Orlikowski e Yates (2002), há diversas maneiras de se entender o tempo dentro e fora das organizações. As perspectivas apresentadas pelas autoras são: (a) o conceito de tempo: não depende de qualquer ação humana para ter validade, é absoluto; (b) a experiência do tempo: obtido por meio das experiências pessoais do indivíduo, que geram noções temporais significativas; e (c) Papel dos atores na mudança do tempo: apesar de haver divergência entre nas perspectivas objetivas e subjetivas, na visão das autoras, os atores (indivíduos), por meio da reflexividade, têm o poder de monitorar as ações e reproduzir estruturas temporais.

**Quadro 4 – Uma tipologia da temporalidade na gestão organizacional**

<b>Tipologia da Temporalidade</b>	<b>Aspectos centrais da gestão para análise</b>
<b>Organizações temporárias</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● As pessoas têm que aprender a desenvolver de forma rápida e intensa os relacionamentos no trabalho, e aprender a suportar a perda de relações que poderiam ser duradouras (Toffler, 1970);</li> <li>● A divisão do trabalho marcante na burocracia, onde cada indivíduo sabe, ou precisa saber, exatamente qual é seu posto, sua função, e o que se espera dele na organização e as respectivas regras, agora é mutável (Toffler, 1970);</li> <li>● Período limitado em que os membros interagem entre si, o foco central de atuação é dado pela procura de um modelo ou objeto de negócio inovador, repetível, escalável (Bakker, 2010);</li> <li>● Arranjos ou estruturas organizacionais e utilização de recursos (incluindo humanos) em empresas por prazo previamente estabelecido, o qual é estipulado em função dos objetivos propostos (Bechky, 2006);</li> <li>● Fluidez na transferência de informações e de conhecimento e no baixo custo de coordenação (Bechky, 2006);</li> <li>● Modelos ou sistemas organizacionais que possuem um término estabelecido, o qual ocorre quando os objetivos definidos em sua constituição são alcançados (Asheim, 2002);</li> <li>● Expressam a ideia de uma organização de aprendizado fluida, translacional, continuamente moldando a si para atender novos desafios (Asheim, 2002).</li> </ul>
<b>Organizações intermitentes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Suas estruturas são baseadas no chamado tempo cruzado e apresentam como forma de estrutura: flexibilização, simplicidade e normas igualitárias (Ponting, 1973);</li> <li>● Tipo de organizações frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes (análise sociológica de movimentos sociais, Moura, 1983);</li> <li>● Todas elas podem conviver no mesmo espaço em tempos distintos, mas dentro de um grande marco “identitário”, ainda que frágil (Fischer, 1997).</li> </ul>
<b>Organizações efêmeras</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Efeito de habilidades e atitudes específicas que são incorporadas nas experiências passadas dos atores e que podem ser desencadeadas devido a uma oportunidade ou então ficarem inativas (Lanzara, 1983);</li> <li>● Emergente para realizar ações autônomas, efetivas e legítimas em face de um desastre natural no qual as instituições governamentais se mostram demasiadamente lentas e excessivamente burocráticas (Dias; Ipiranga; Bezerra, 2021);</li> <li>● Questionam todos os atores sociais de um território, e não apenas as instituições, para pensar e organizar-se de forma diferente, reconhecendo que pode haver modelos de pensamentos e ação social que podem responder melhor aos desafios que mudam rapidamente (Nicoli, 2022).</li> </ul>
<b>Organizações transitórias</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● O critério crucial para a transitoriedade é a curta vida pretendida da organização como um sistema identificável de organização social (Palisi, 1970);</li> <li>● As organizações transitórias executam um conjunto de ações, de forma coordenada, no qual alocam insumos necessários, em um dado prazo, com vistas a alcançar um objetivo determinado (trata da gestão por projetos, Valeriano, 2001).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

O Quadro 4 sintetiza uma tipologia da temporalidade nas organizações, ou seja, das diversas maneiras de se entender e experienciar o tempo dentro e fora das organizações. Orlikowski e Yates (2002) explicam que o uso repetido de estruturas temporais reforça a legitimidade organizacional. Ao compreender as perspectivas de tempo nas organizações, se torna mais fácil inferir que a temporalidade se trata da orientação que enfatiza a importância do

passado, presente e futuro nas decisões organizacionais. George e Jones (2000) acreditam nesta direção temporal: a causa antecede o efeito, e este é um processo irreversível. Para Ravasi, Rindova e Stigliani (2019), a temporalidade, juntamente com a história e a memória, fazem parte da construção da identidade organizacional; e os interesses do presente podem legitimar as ações do futuro.

As diferentes dinâmicas organizacionais e aspectos como a sobrevivências das organizações no tempo podem ser entendidas a partir do empenho em estudar gestão e temporalidade organizacional (Dawson; Sykes, 2019). Segundo os autores, para se chegar a uma conclusão de como indivíduos, equipes e organizações evoluem, crescem, aprendem e mudam, é preciso entender o tempo – seja ele no seu aspecto objetivo ou subjetivo. As pessoas gerenciam seu tempo nas organizações, já que várias normas sobre o tempo se impõem em muitas atividades na vida organizacional (Ancona et al., 2001).

**Quadro 5 – Temas presentes nos estudos sobre organizações temporárias**

<b>Temas</b>	<b>Questões de pesquisa</b>
Tempo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual é o efeito dos limites de tempo sobre os processos, o funcionamento, o comportamento e a performance?</li> <li>2. Como a forma organizacional temporária se desenvolve ao longo do tempo?</li> <li>3. Como deveria ser o próprio tempo imaginado em um espaço organizacional temporário?</li> </ol>
Time/equipes de trabalho	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como os grupos de pessoas em sistemas organizacionais temporários resolvem questões de vulnerabilidade, incerteza e risco?</li> <li>2. Como a interação face-a-face modela o ambiente em um time temporário?</li> <li>3. Como os times temporários são geridos?</li> </ol>
Tarefa	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que tipo de tarefas as formas organizacionais temporárias “performam”?</li> <li>2. Quais são os efeitos que formas organizacionais temporárias têm sobre uma tarefa limitada?</li> <li>3. Como formas organizacionais temporárias executam tarefas mais efetivamente (improvisação)?</li> </ol>
Contexto da firma	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como o conhecimento é criado em uma forma organizacional temporária e sustentado de forma duradoura?</li> <li>2. Como podem as firmas gerir a inovação a partir de “ventures” organizacionais temporárias?</li> </ol>
Contexto social mais amplo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais os impactos do enraizamento em um amplo contexto exterior sobre processos internos de formas organizacionais temporárias?</li> <li>2. Qual forma a carreira assume após a participação em times/equipes temporárias?</li> </ol>

Fonte: elaborado a partir de Bakker (2010).

Os estudos sobre organizações temporárias não são recentes (Bechky, 2006) e as novas formas de organização são muitas vezes temporárias (Malone; Laubacher, 1998). Bakker (2010) afirma que as atuais formas de organização são geralmente temporárias, pois utilizam, cada vez mais, novos tipos de processos de “organizar” com formas temporárias de

organização. O autor fez um estudo que revelou que os estudos sobre as organizações temporárias podem ser divididos em três períodos: incubação (1964 até 1980), crescimento incremental (1981 até 1994), e crescimento exponencial (1995 até 2008). Os temas relacionados ao crescimento das organizações temporárias dizem respeito ao tempo, aos grupos/equipes de trabalhadores, à tarefa e ao contexto (Quadro 5).

Palisi (1970) introduziu o conceito de organizações transitórias, sugerindo as diferenças com as organizações permanentes. Segundo o autor, neste tipo de organização, a temporalidade não é planejada, por isso não é possível alcançar a permanência. Elas geralmente têm vida útil curta porque têm objetivos imediatos. No entanto, algumas organizações podem ser permanentes apesar das metas de curto prazo, porque mantêm sua identidade e organização (padrões de interação, estratificação, autoridade, normas). O critério crucial para a transitoriedade é a curta vida pretendida da organização como um sistema identificável de organização social. Esta intenção não tem de ser explícita e formalmente declarada. Pode ser assumido pelos membros e incorporado no formato e nos procedimentos das organizações (Palisi, 1970).

Logo após, os estudos de Goodman e Goodman (1972; 1976) apresentaram como temporárias organizações em que um conjunto de pessoas trabalha junto em tarefas complexas dentro de um prazo de tempo limitado. Estudos revelam que são importantes as conexões entre a organização temporária e organizações permanentes (Bakker, 2010; Stjerne; Svejenova, 2016; Sydow; Lindkvist; Defillippi, 2004).

Ao estudar organizações permanentes e temporárias, Stjerne e Svejenova (2016) enfatizam a complexidade de se inserir formas temporárias em ambientes permanentes, pois há uma “multicontextualidade” nessas organizações temporárias (é preciso levar em consideração aspectos como tempo, tarefa, equipes e transição). Apesar do esforço para unificar esses dois tipos de organizações, é necessário que haja mais pesquisas sobre temporalidade e relações que abranjam passado, presente e futuro.

Bakker (2010) explica o que caracteriza as organizações como sendo temporárias: o período limitado em que os membros interagem entre si. A cada dia o cenário econômico atual prefere que tenha mais organizações temporárias em vez de grandes organizações permanentes (Malone; Laubacher, 1998). Essas organizações temporárias podem ser também classificadas como: organização efêmera (Lanzara, 1983), equipes temporárias (Saunders; Ahuja, 2006), organizações transitórias (Palisi, 1970). Algumas organizações de projetos também são consideradas como organizações temporárias (Sydow; Lindkvist; Defillippi, 2004).

Outro conceito quanto à temporalidade das organizações é a organização efêmera que Lanzara (1983, p. 73) classifica como “efeito de habilidades e atitudes específicas que são incorporadas nas experiências passadas dos atores e que podem ser desencadeadas devido a uma oportunidade ou então ficarem inativas”. Segundo o autor, esse tipo de organização pode ser classificado como emergente para realizar ações autônomas, efetivas e legítimas em face de um desastre natural no qual as instituições governamentais se mostram demasiadamente lentas e excessivamente burocráticas (Dias; Ipiranga; Bezerra, 2021).

Nicoli (2022) afirma que as organizações efêmeras são vistas também como uma nova forma de vida social, que podem surgir em casos de desastres climáticos e pandemias, por exemplo.

[...] questionam todos os atores sociais de um território, e não apenas as instituições, para pensar e organizar-se de forma diferente, reconhecendo que pode haver modelos de pensamentos e ação social que podem responder melhor aos desafios que mudam rapidamente (Nicoli, 2022, p. 4).

Além dos conceitos apresentados acima para as organizações permanentes, temporárias e efêmeras, há ainda as organizações intermitentes, termo apresentado por Fischer (1997). A autora exemplifica esse tipo de organização com um time de futebol que se encontra todos os domingos com o propósito de jogar bola. “Todas elas podem conviver no mesmo espaço em tempos distintos, mas dentro de um grande marco identitário, ainda que frágil” (Fischer, 1997, p. 77).

Em 1973, Ponting realizou uma pesquisa trazendo conceitos de organizações intermitentes em tempos de crise e verificou que elas suas estruturas são baseadas no chamado tempo cruzado. Essas organizações ou unidades organizacionais são implantadas e depois “dobradas” até que seu período de atividade chegue novamente, por apresentar como forma de estrutura: flexibilização, simplicidade e normas igualitárias. E elas vêm se difundindo na sociedade industrial moderna (Ponting, 1973). Já o exemplo dado por Moura (1983), em uma análise sociológica do movimento social e de protesto contra o racismo, implica o conceito organizações intermitentes foi o povo negro brasileiro durante o regime de escravidão e mesmo após isso: “[...] ele se manteve organizado, com organizações intermitentes, frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes”.

### 2.3 Feiras Livres como Agentes Econômicos, Sociais, Culturais e Organizacionais

O foco desta seção é o entendimento das feiras livres como agentes comerciais e de negociação e agentes econômicos, sociais e culturais. Não constituiu objetivo desta seção descrever o processo histórico do surgimento das feiras livres. Nesta pesquisa, **parte-se do pressuposto que a feira livre é uma forma fluida e dinâmica de organização** (Cunliff; Luhman; Boje, 2004).

Quem chega pela primeira vez em uma feira livre iria associá-la ao caos e à desorganização, tendo em vista a multiplicidade de cores, a polifonia dos vendedores convidando os compradores para aproveitar um desconto ou fazer a aquisição de um produto fresquinho e barato, a polifonia dos compradores buscando informação sobre o produto e negociando o menor preço, os diversos cheiros; essa profusão de eventos simultaneamente acontecendo de manhã, à tarde ou à noite, tornam pouco provável a indiferença dos passantes a essa forma organizativa.

Em estudo no campo da psicologia, Sato (2012) analisa as feiras como geradoras de trabalho e renda (Quadro 6). Spink (2012) localiza a feira no mercado formal-periférico e não-formal periférico (em contraposição ao formal-central e não-formal central), em que diferentes grupos de pessoas economicamente ativas trabalham, sustentam lares e famílias, produzem e consomem: produtores de comida de rua, profissionais que complementam a renda trabalhando informalmente em um segundo emprego, costureiras(os) que trabalham em casa, pontos comerciais e de serviços de rua, dentre outros.

A feira tem um papel que vai além das atividades mercadológicas, pois os feirantes são agentes sociais que compartilham experiência entre si e com os frequentadores das feiras, os moradores do bairro e bairros próximos (Bernardo, 2014; Sato, 2012).

Bernardo (2014) relata suas experiências do passado e como elas o conectaram ao presente e futuro. O autor é filho de feirante e experimentou o cotidiano da feira livre: dias de feira! Ele fala da experiência de ocupar a rua; relata os truques utilizados pelos feirantes; a solidariedade entre os feirantes contra golpistas; as barracas tradicionais da feira, os *slogans* criados para a venda de produtos; a vida que passa enquanto se fazem as feiras; indaga sobre as identidades: quem são os feirantes? Quais são as suas atividades mais comuns?

**Quadro 6 – Uma agenda do trabalho dos feirantes**

<b>Processos</b>	<b>Fluxo de Atividades</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Produção e colheita para a (s) feira (s)</li> <li>▪ Compras para a (s) feira (s)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Agendar compra de mercadorias e ajustar horários com os vendedores</li> <li>▪ Deslocar para os locais de compra (número de vezes por semana)</li> <li>▪ Descarregar caixotes</li> <li>▪ Negociar com os vendedores: produtores e vendedores de Central de Abastecimento – CEASA</li> <li>▪ Carregar caixotes</li> <li>▪ Armazenar a mercadoria de modo a reduzir a perda de perecíveis</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Deslocamento para a (s) feira (s)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Separar o material a ser comercializado</li> <li>▪ Carregamento do veículo com caixas e caixotes</li> <li>▪ Definir de mudança/confirmação do trajeto</li> <li>▪ Estacionar o veículo dentro da feira e no local designado para a barraca ou fora (nas imediações) da feira</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Montagem da barraca</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Descarregar do veículo a mercadoria que será vendida</li> <li>▪ Descarregar do veículo os equipamentos necessários: máquina de pagamento, mesas, bancos, cadeiras, panelas e caldeirão</li> <li>▪ Montar os tabuleiros de madeira e/ou metal com as mercadorias</li> <li>▪ Posicionar e articular cavaletes de madeira, canos de metal e toldo da barraca</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Preparação e Exposição da mercadoria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Preparar as porções, pacotes do tamanho que serão expostos</li> <li>▪ Destacar as promoções do dia</li> <li>▪ Retirada do excesso de folhas e alguns produtos danificados no transporte</li> <li>▪ Etiquetar as mercadorias com os preços</li> <li>▪ Cumprir as normas sanitárias estabelecidas pelo município</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Comercialização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Chamar o freguês para comprar na barraca</li> <li>▪ Realizar as vendas</li> <li>▪ Interagir e comunicar especificidades dos produtos</li> <li>▪ Fazer negociações de preço e quantidade</li> <li>▪ Receber os valores</li> <li>▪ Embalar os produtos</li> <li>▪ Rever os preços no decorrer da feira</li> <li>▪ Acompanhar o movimento no entorno da barraca - segurança</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desmontagem da barraca</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Separar e embalar a mercadoria não vendida para venda em outra feira</li> <li>▪ Carregar o veículo com a mercadoria não vendida</li> <li>▪ Carregar o veículo com os equipamentos utilizados na feira: máquina de pagamento, mesas, bancos, cadeiras, panelas e caldeirão</li> <li>▪ Desmontar os tabuleiros de madeira e/ou metal</li> <li>▪ Desmontar cavaletes de madeira, canos de metal e toldo da barraca</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Deslocamento para residência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Carregamento do veículo com caixas e caixotes que serão levados de volta</li> <li>▪ Definição de mudança/confirmação do trajeto</li> <li>▪ Manobrar o veículo dentro ou fora (nas imediações) da feira para a volta para casa ou dirigir-se para nova seção de compras</li> </ul>

Fonte: elaborado a partir de Sato (2012, p. 181, 183).

As feiras são consideradas um tipo específico de organização, que possuem uma fluidez e contrasta com a típica organização técnico-burocrática. **As feiras livres são entendidas como uma organização de fluxos de ações, de representações compartilhadas e de significados,** conforme Sato (2012) e Spink (2012). **Esse conceito enfatiza a dimensão simbólica e a natureza ritualística e dinâmica de práticas e processos organizativos criados, compartilhados e transformados por aqueles que os fazem/realizam. É esse o conceito de organização utilizado pelo presente estudo na pesquisa de feiras livres.**

Conforme Sato (2012), os feirantes realizam suas atividades considerando as prioridades que ele estabelece para a feira do dia e/ou da semana e as exigências e imprevistos que ocorrem nesse fluxo de atividades. Em sua pesquisa, a autora identificou que os feirantes falam sobre o tempo passado, presente e futuro. A atividade que precisa ser feita a cada momento e a decisão a ser tomada para que a feira aconteça envolve experiências temporais que foram aprendidas, novas atividades que são testadas e renovadas expectativas de realizar uma boa venda de mercadorias em cada feira realizada.

Mesmo nos dias que o feirante não tem que estar presente na feira, existem outras atividades a serem realizadas e que são interdependentes para viabilizar um bom trabalho na próxima feira. O ritmo das atividades é irregular, embora tenha a sincronia de atividades realizadas pelos feirantes, especialmente no dia da feira. **A vida do feirante e suas atividades relacionadas com a feira ocorrem de forma fluida e irregular.** Ou seja, o feirante trabalha, mesmo quando não há feira, na preparação para que a próxima feira aconteça. O tempo não cessa na desmontagem da barraca e na volta para casa.

Conforme o relato de Bernardo (2014), o dia de feira é o dia em que os feirantes se apropriam de um espaço e mudam a agenda de outras pessoas: o tempo para quem vai à feira naquele dia ou mesmo para os moradores que moram na rua da feira (morador não sai com carro e não entra), mas tem a feira na porta de casa! A feira transforma a rua em um microcosmo da sociedade: feirantes de diferentes regiões do país, com histórias de vida e expectativas que, por vezes, surgem no meio da feira, nas conversas, desabafos e debate político.

Presente no território brasileiro desde a colonização, a feira livre tornou-se forma espacial nos estados e cidades, tanto nos grandes como nos pequenos centros urbanos, sobrevivendo ao tempo tanto pela lógica tradicional que carrega, quanto à adequação às características do comércio moderno. De acordo com Pindaudi (2005), para que uma forma comercial dure no tempo é necessário que resista, crie raízes e dialogue com novas formas.

Na visão de Badue e Gomes (2011) trata-se do mais antigo espaço de comercialização e que ainda resiste ao tempo. Não se pode determinar em que momento do passado esse tipo de

comércio originou-se, já que a primeira ideia de feira livre é referente a pessoas que se reuniam periodicamente em algum ponto pré-determinado da cidade para vender seus produtos à população ou mesmo realizar trocas. A classificação desse amontoado de pessoas só pôde ser feita posteriormente, quando o poder público interveio com o objetivo de disciplinar, fiscalizar e cobrar os impostos (Silva, 2014). Segundo Silva (2014, p. 85), os gregos e romanos já utilizavam fenômenos econômicos parecidos com o que se consideram, atualmente, feiras. “Entre os romanos, por causa das implicações de ordem pública que as feiras tinham, estabeleceu-se que as regras de sua criação e funcionamento dependiam da intervenção e garantia do estado”.

Ainda sobre o surgimento das feiras livres no Brasil, Mascarenhas e Dolzani (2008, p. 82) explicam que é uma “iniciativa modernizante para substituir o tradicional mercadejar colonial, ambulante e quitandeiro”. De acordo com os autores, as feiras emergem como símbolo de ordem, higiene e progresso, e somente a partir dos anos 1930 é possível falar em apropriação desse espaço como lugar de encontro. Pode-se também considerar que as feiras tenham surgido no exato momento em que o homem começa a produzir além das suas necessidades básicas, trazendo a necessidade de trocar o excedente (Costa; Santos, 2016, *apud* Huberman, 1981).

Primeiramente, é preciso entender o que são as feiras livres. Segundo Archer et al. (2003), as feiras livres podem ser definidas como parte de um mercado diferente, em que os agricultores e/ou produtores de uma determinada localidade se fazem presentes para vender sua produção, diretamente para o público, já que todos os produtos comercializados são cultivados, criados, capturados, fabricados, cozidos, defumados ou processados pelo próprio produtor.

Esse tipo de mercado varejista tem caráter cíclico, se organiza para comercializar gêneros alimentícios e produtos básicos e tem à disposição uma diversidade de produtos e preços. O benefício social e ambiental para a comunidade se torna evidente (Mascarenhas; Dolzani, 2008). Segundo Costa e Santos (2016), o ambiente em que as feiras se realizam (ruas, praças e avenidas) são territórios apropriados pelos feirantes para atrair diversos tipos de consumidores. Os autores enxergam as feiras livres como uma oportunidade para os trabalhadores e garantem que elas configuram a imagem das cidades em que estão situadas.

A feira livre é uma forma comercial indutora da concentração de pessoas, capitais, mercadorias e, por si, de renovação e resistência no espaço urbano. Elas se originam de forma espontânea nas cidades e são formadas por uma reunião pública e autorizadas de compradores e vendedores de mercadorias, que se encontram em intervalos regulares num lugar estabelecido (Costa; Santos, 2016, p.654).

Em uma abordagem da geografia, Mascarenhas e Dolzani (2008, p. 84) descrevem as feiras livres como espaço de trocas e comércio; e, como um local em que o sujeito moderno (frequentador da feira) é obrigado a interagir animadamente com estranhos e a se confrontar com um misto de formas, cores e cheiros; os quais seus olhos não são capazes de discernir ou classificar rapidamente, “talvez, que a feira livre seja uma filha rebelde da modernidade que insiste em desafiá-la”. Também em estudo da geografia, Santos, Machado e Cleps (2011) explicam que o visual bonito proporcionado pelo colorido das frutas e legumes nas barracas iluminadas pela luz do sol, filtrada através dos toldos, chama a atenção dos que passam e geram um convite para os itens comercializados. Em outro estudo do campo da geografia, Salgueiro e Cachinho (2009), avaliam que o fato de as feiras funcionarem em espaços abertos, as distingue de outros tipos de organizações comerciais que, por estarem em locais fechados, ignoram a cidade pública com ambientes movimentados e animados (Salgueiro; Cachinho, 2009).

No âmbito da produção e do comércio, os feirantes que comercializam produtos da agricultura familiar compõem uma cadeia produtiva relevante para o suprimento de alimentos nas cidades, conectando a economia rural e urbana (Avelar, 2023). Silva (2014) mostra que, além de contribuir para os trabalhadores do campo com a possibilidade de dar destino às mercadorias excedentes ali produzidas, as feiras livres representam atualmente um papel de abastecimento urbano. Os agentes sociais envolvidos são o pequeno agricultor, artesãos, comerciantes, consumidores modestos, mas também de produção em larga escala, empresas de transportes estruturadas e consumidores de classe média (Costa; Santos, 2016). Deve-se considerar a frequência com que os feirantes vendem num mesmo lugar (uma vez por semana) (Godoy; Anjos, 2007a). Araújo e Ribeiro (2018) classificam este tipo como “feirante de fim de semana”.

Outro aspecto a ser considerado é o tipo de feira, que podem ser assim classificadas: (a) “feirinha” ou “feiras livres” – pontos de vendas de agricultores familiares; (b) “feirões” – atacadistas que abastecem áreas urbanas (Garcia, 1992); (c) “feiras de usina” – ofertam produtos agrícolas e industrializados e atendem a várias localidades (Forman, 2009); d) “feira urbana de abastecimento” ou “feira do produtor” – há apenas produtor direto; e) “feira de mercado” – há a presença de intermediários (Guerra; Souza, 2010).

Quanto à técnica usada em produtos, as feiras podem ser: “convencionais” (alimentos produzidos com técnicas corriqueiras) ou “agroecológicas/ orgânicas” (alimentos que seguem normas ambientais) (Godoy; Anjos, 2007). Já os feirantes são classificados como:

- (1) “convencionais ou tradicionais” – comercializam o mesmo produto, concorrem entre si (Jesus, 1992; Godoy; Anjos, 2007b);
- (2) “produtores” – produzem a maior parte das mercadorias que vendem (Godoy; Anjos, 2007b; Ribeiro, 2007; Araujo; Ribeiro, 2018);
- (3) “comerciantes/ intermediários/mercadores/ mercadantes” – compram ou revendem produtos (Araujo; Ribeiro, 2018);
- (4) barraqueiros – dispõem de espaço próprio para comercializar os alimentos prontos (Araujo; Ribeiro, 2018);
- (5) “feireiros” – comercializam produtos da agroindústria doméstica, como rapadura e farinha;
- (6) “raizeiros” – comercializam artigos medicinais (Araujo; Ribeiro, 2018); e,
- (7) “peixeiros ou açougueiros” – vendedores de carnes e peixes nas feiras e mercados municipais (Araujo; Ribeiro, 2018).

Todavia, o aumento do comércio varejista nas cidades, com as lojas de autosserviços e a crescente concorrência de mercado traz dificuldades para as feiras, já era analisado por Jesus (1992), nos anos 1990, que avaliava que o surgimento dos supermercados seria um grande adversário para as feiras presentes nas cidades. Com mais opções de lugares para comprar produtos e alimentos, assim como a mudança de comportamento dos consumidores (pode-se citar a migração do campo para a cidade), as feiras livres se viram em desvantagem tendo que dividir espaço, além dos supermercados, também com lojas, shoppings, vendas online e comércio em geral. Configurou-se, assim, o novo perfil das feiras livres: com maior flexibilidade quanto à inovação de produtos e a forma como organizam o trabalho entre si, continuando presente nos espaços urbanos (Costa; Santos, 2016).

De uma perspectiva interdisciplinar, explicam Servilha e Doula (2009), as representações socioculturais das feiras são complexas e envolvem muitas relações associadas à produção, compra e venda, além de revelar dinâmicas sociais e culturais de forma espontânea da vida comunitária de muitas comunidades.

Esses aspectos revelam a justificativa para a resistência das feiras na paisagem urbana, “por um lado há os que precisam sobreviver materialmente, por outro há aqueles que, resolvida a questão material, zelam pela sobrevivência sociocultural” (Mascarenhas; Dolzani, 2008, p. 83). Fato esse reafirmado por Santos, Machado e Cleps (2011) que enfatizam que essas feiras atravessam tempos e se adaptam à sociedade apresentada em determinada época, assim como aos tipos de economia predominantes. De uma perspectiva da psicologia das organizações, do

trabalho e da sociabilidade, Sato (2007, p. 51) afirma que as “possibilidades de organização da feira livre dão-se de acordo com cada situação, cada lugar e cada circunstância”.

Em relação à função espacial exercida pelas feiras, deve-se considerar que elas se materializam no espaço como formas comerciais de caráter socioeconômico e cultural. De uma forma rudimentar, a exposição dos produtos em barracas de fácil acesso faz com que diversos públicos se sintam à vontade para escolher seus produtos. É possível verificar a diversidade de produtos oferecidos pelos feirantes.

[...] Nas feiras livres contemporâneas, vestuários, brinquedos de plástico, utensílios domésticos de alumínio e vidro, CDs piratas, eletrônicos importados e alimentos enlatados estão presentes, nas barracas, ao lado de produtos artesanais produzidos localmente, como produtos de couro, barro, palha, madeira, bordados e rendas, além de comidas típicas e de ervas medicinais (Costa; Santos, 2016, p. 655).

Retoma-se, assim, a ideia das feiras livres como sendo formas de organização social. Grimm, Sampaio e Procopick (2018) explicam que o conceito dessas feiras faz surgir aspectos como cooperação, fazeres e saberes inerentes a elas, o que contribui para a dinâmica participativa e associativa que possuem. De forma a definir sua temporalidade, Ribeiro (2007, p. 24) enxerga as feiras e mercados como “reunião, periódica e pública, de vendedores e compradores, em lugares determinados”.

Aspectos de mutabilidade desse tipo de comércio foram analisados por Gerhard, Peñaloza e Matos (2019) e Mascarenhas e Dolzani, (2008), ao identificar a transformação das feiras após o surgimento de outros tipos de formas econômicas mais vantajosas. Sobre as especificidades desse tipo de organização, observa-se que, no Brasil, sempre tiveram como prioridade o setor alimentício, favorecendo assim o comércio local. Alguns aspectos nunca foram abandonados, tais como: a popularidade, provedor de geração de renda para produtores rurais ou comerciantes que revendem produtos, servir de estímulo à interação entre seus frequentadores, além do aspecto informal que se solidificou com o tempo (Araujo; Ribeiro, 2018).

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 Abordagem do Material Pesquisado e Método de Pesquisa e Análise**

O estudo buscou compreender a temporalidade nas experiências vividas pelos feirantes no trabalho em feiras livres em Uberlândia, Minas Gerais, a partir dos tipos: temporárias, intermitentes, transitórias e efêmeras. Para tal, foi adotada uma abordagem qualitativa (Bauer; Gaskell, 2008; Denzin, 2018, Flick, 2009a; Stake, 2011). A utilização da abordagem qualitativa possibilita tratar de um fenômeno que é singular, pessoal e contextualizado (Stake, 2011). As feiras livres são esse fenômeno, do qual se busca interpretar uma rede de significações, indo do campo ao texto e do texto ao leitor. Trata-se de uma investigação qualitativa crítica que é composta por comunidades interpretativas, visando desenvolver o que se entende como pesquisa, já que “as críticas interpretativas afirmam que pesquisadores baseados em evidência falham na compreensão de que todos os fatos são repletos de valor e teorias; não existe uma verdade objetiva” (Denzin, 2018, p. 111).

Para Denzin (2018), as pesquisas atuais não têm mais o objetivo de interpretar o mundo, como orienta a investigação qualitativa tradicional. Os pesquisadores devem realizar investigações transformadoras objetivando alcançar resultados significativos. Dessa forma, a pesquisa qualitativa pode ser entendida como a interpretação da realidade, conforme o pesquisador vivencia e presencia aquele momento (Denzin, 2018). Há uma responsabilidade interpretativa do pesquisador durante o processo da pesquisa: “a pesquisa qualitativa se baseia muito nas percepções interpretativas feitas durante todo o planejamento, a coleta de dados, a análise e a elaboração do texto do estudo” (Stake, 2011, p. 66).

O estudo realizado, por meio da abordagem interpretativa, tem elementos de uma pesquisa comparativa com a utilização e geração de tipo. De acordo com Stapley, O'Keefe e Midgle (2022), o uso de tipologia tem sido crescente nas pesquisas realizadas com abordagem qualitativa. Eles explicam que uma tipologia é formada pelo agrupamento de casos ou de participantes, tendo como base suas características comuns. Ao se trazer para a realidade dos estudos organizacionais, e fazer um estudo comparativo de organizações, Bertero (1981, p.32) admite que o uso de tipologias desempenhou papel importante neste sentido. Pois, segundo o autor, trata-se de: “um esquema que o autor propõe como forma de ordenar o conhecimento existente sobre organizações. Pode ser ainda um instrumento que objetive o aprimoramento da análise organizacional”, admite.

Na visão de Arabi e Rahimi (2020), para se chegar à tipologia (particular), deve-se partir da classificação (geral). Os autores dizem que diferente da classificação, que é apenas uma ferramenta para categorização dos fenômenos em grupos únicos e abrangentes, a tipologia é um conjunto inter-relacionado de espécies ideais que podem prever mudanças em variáveis dependentes. Eles citam as seguintes características da tipologia: a) ser derivada da Filosofia e das ciências da natureza; b) mais conceitual; c) classes derivadas de conceitos (espécies); d) baixo número de características desejadas; e) raciocínio analógico; f) classificação por métodos qualitativos; g) uso de bases comparativas e h) predominância nas Ciências Sociais (Arabi; Rahimi, 2020, p. 207).

Quanto ao método, essa pesquisa se baseia no “estudo etnometodológico” (Garfinkel, 1967). Nesta abordagem, pode-se considerar o contexto como parte essencial para análise, pois, de acordo com Coulon (1995), ao fazer uma observação cuidadosa e ao analisar os processos aplicados nas ações, o pesquisador evidencia os modos pelos quais se dá a interpretação da realidade social, como uma espécie de bricolagem. Gomes e Guedes (2023) apontam que uma característica singular da etnometodologia é compreender as realidades cotidianas dos atores sociais nos processos de interações e linguagens, por considerar atividades práticas.

Na visão de Oliveira e Montenegro (2012, p.129), a etnometodologia possui um caráter “multiparadigmático e multifacetado”, o que permite que se torne uma abordagem válida de pesquisa qualitativa nas organizações, permitindo assim compreender o fenômeno organizacional “de forma adequada com base na noção de práticas sociais”. Seu enfoque se dá nos fenômenos sociais - aqueles que estão disponíveis em atividades humanas incorporadas, sensíveis, de fala e ação. Para Coulon (1995), para que esta abordagem funcione, deve-se levar em conta a forma como a linguagem é utilizada como recurso, observado o contexto e as interpretações dos sujeitos em suas atividades cotidianas. Maynard e Heritage (2023) admitem que há uma preocupação sobre os estudos que utilizam o método etnometodológico: a forma como a codificação é feita, como essas pesquisas são conduzidas e como a padronização é alcançada.

A abordagem da etnometodologia tem como foco a construção do mundo social de determinados grupos sociais e, nessa pesquisa, buscou-se verificar as experiências de temporalidade dos feirantes, durante as atividades desenvolvidas no dia a dia da feira, considerando como ponto de partida para a análise os processos e as atividades descritos no Quadro 6. E considerando a relação dos feirantes e da realização da feira com os tempos passado, presente e futuro (Sato, 2012); e, as vidas vividas no decorrer dessas atividades e processos, conforme (Bernardo, 2014).

Coates (2022, p. 483) garante que: alguns aspectos da etnometodologia parecem ter se desenvolvido ou mudado ao longo do tempo”. Com isso, para compreender de que forma a etnometodologia se aplica à presente pesquisa, é importante trazer seus conceitos:

- (a) **práticas e realização:** o foco dos estudos empíricos se dá no raciocínio prático, como pesquisar atividades cotidianos e triviais, como ir à feira “ou comunicar-se, tomar decisões, raciocinar” (Coulon, 1995, p. 30). Há uma grande preocupação com as crenças e os comportamentos advindos do senso comum, no qual se encontra os sentidos que os atores dão às suas ações;
- (b) **indicialidade:** todas as determinações que se ligam a uma palavra, fazendo com que ela tenha também um significado diferente para cada situação. Uso da linguagem comum que os sujeitos não sentem dificuldade para compreender (Coulon, 1995). A feira é caracterizada pela polifonia daqueles que compõem esse microcosmo da sociedade local e regional;
- (c) **reflexividade:** os sujeitos sabem como as coisas funcionam e como devem proceder. Garfinkel (1967) defende que descrever uma situação é também constituir, já que as “descrições do social se tornam, assim que proferidas, partes constitutivas daquilo que descrevem” (Creswell, 2014, p. 41);
- (d) **relatabilidade:** o que permite aos atores sociais comunicarem e tornarem as atividades práticas racionais compartilháveis. Entende-se que o interesse da etnometodologia está nas descrições que os sujeitos fazem “de seus processos reflexivos, procurando mostrar sem cessar a constituição da realidade que produziram e experienciaram” (Guesser, 2003, p. 162);
- (e) **noção de membro:** ato de inserir um indivíduo num específico contexto de grupo (Oliveira e Montenegro, 2012). O que classifica um sujeito como membro é ser “uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca” (Coulon, 1995, p. 48).

A presente pesquisa adotou esses conceitos como guias para a coleta e a análise dos dados. O Quadro 7 sintetiza as possibilidades de aplicação desses conceitos na pesquisa de campo.

**Quadro 7 – Aplicação dos conceitos da etnometodologia na pesquisa**

Conceitos da etnometodologia	Aplicação pesquisa
Prática e realizações	Análise das rotinas dos feirantes e modos de proceder desde a preparação da feira e montagem das barracas, passando pelo atendimento dos clientes e findando com a desmontagem das barracas.
Indicialidade	Análise do sentido/da imagem do feirante como um trabalhador que dispensa um tempo para organização da feira além do tempo que dispõe para o atendimento ao público. Embora, a “análise dessas situações indiciais nunca termina” (Coulon, 1995, p. 37).
Reflexividade	Reflexividade da pesquisadora frente ao fenômeno analisado e a reflexividade do próprio feirante acerca da realidade na qual se encontra inserido. Com vistas a responder à questão investigada nesta pesquisa: <b>Como as experiências organizativas dos feirantes em feiras livres, geram diferentes formas de se interpretar e construir a temporalidade organizacional?</b>
Relatabilidade	Análise dos resultados esperados da maneira como os feirantes planejam e organizam suas atividades, visando compreender diferentes formas de temporalidades no campo da gestão e em organizações fluidas.
Noção de membro	Análise da interação entre os feirantes e os frequentadores das feiras enquanto praticantes que compartilham modos de agir, métodos e atividades e podem juntos criar e adaptar dispositivos que mostram a sua competência social para a gestão das feiras livres, ao mesmo tempo em que se reconhecem e se aceitam.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Coulon (1995).

Na presente pesquisa, o uso da etnometodologia se deu com o auxílio do guia de entrevistas, pois, por meio, observou-se os seguintes aspectos temporais do ofício de feirante:

- a) **a trajetória dos feirantes** (passado) – de que forma se deu o início de sua atividade na feira, o que trabalhar na feira significa para ele (vantagens e desvantagens), se houve mudanças perceptíveis no trabalho como feirante, desde que ele iniciou a função;
- b) **as práticas cotidianas** (presente) – como se dá a organização dos produtos que serão comercializados na feira, desde sua origem até o destino: banca da feira, como essas mercadorias são organizadas, quais técnicas utilizadas, como se dá o desmonte das barracas e o armazenamento dos produtos até a próxima feira, assim como, se o feirante tem tempo para descanso e lazer no intervalo da sua jornada de trabalho, se há união ou concorrência entre a categoria, como se dá a relação com a prefeitura do município, com os consumidores e com os fornecedores;
- c) **as expectativas dos feirantes** (futuro) – se há intenção de mudanças nas barracas, se há vontade de participar de feiras em outros dias da semana, se o feirante deseja que

seus filhos continuem a exercer as atividades desenvolvidas por ele (como uma herança familiar), a forma como esses trabalhadores enxergam o futuro das feiras livres.

### 3.2 Técnicas de Coleta de Material Empírico

Esta pesquisa foi conduzida a partir de três elementos centrais: entrevistas, registro fotográfico e registro em caderno de campo. A triangulação de dados pesquisados intensifica a análise dos dados reunidos na coleta de dados (Flick, 2009b). Para Flick (2009b), a triangulação na pesquisa qualitativa contribui para se validar os métodos de coletas de dados; uma análise feita por diferentes ângulos, com o propósito de colocá-los em perspectiva (Silverman, 2009; Stake, 2011). Flick (2009a) explica que há uma triangulação nas pesquisas com observação de campo de forma a eliminar os vieses daquele que observa. A seguir, descreve-se a aplicação das três técnicas de coleta de dados.

Dentre tantos métodos de pesquisa qualitativa para coleta de dados, o mais comum entre eles é a entrevista. Para Cassel e Symon (2004), há vários tipos de entrevista e deve-se verificar quais podem ser consideradas qualitativas, geralmente essas são classificadas com os seguintes termos: "profundidade", "exploratória", "semiestruturada" ou "não estruturada". Mas, para os autores, ela pode ser apresentada como “entrevista de investigação qualitativa”, cujo objetivo é averiguar e interpretar o resultado dos fenômenos por meio das respostas obtidas nas perguntas feitas, entender a perspectiva do entrevistado. As seguintes características são observadas nas entrevistas de pesquisa qualitativa: “um baixo grau de estrutura imposto pelo entrevistador; uma preponderância de questões em aberto; e um foco em situações específicas e sequências de ação no mundo do entrevistado em vez de abstrações e opiniões gerais (Cassel; Symon, 2004, p. 13).

Cassel e Symon (2004) separam as entrevistas qualitativas como realistas, fenomenológicas e de construção social. Para Stake (2011, p. 108), a entrevista pode ser usada com os seguintes propósitos: (a) obter informações singulares ou interpretações sustentadas pela pessoa entrevistada; (b) coletar uma quantidade razoável de informações fornecidas por diversas pessoas; (c) descobrir sobre “uma coisa” que o pesquisador não conseguiu descobrir por ele mesmo. Para Denzin e Lincoln (2018), a entrevista tornou-se uma das formas mais comuns de produzir conhecimento nas ciências humanas e sociais. Flick, Von Kardoff e Steinke (2004) asseguram que as entrevistas qualitativas (semiestruturadas ou abertas) são amplamente utilizadas na coleta de dados da pesquisa social.

Tendo por base esses conceitos, esta pesquisa foi conduzida com a coleta de dados por entrevista como método de obtenção de dados primários sobre os feirantes e seu ambiente de

trabalho, por meio de entrevista narrativa (May, 2004) e semiestruturada. Na presente pesquisa, foram seguidas as regras para a pesquisa narrativa – Quadro 8 e Quadro 9, tanto para a coleta quanto para a análise do material empírico.

**Quadro 8 – Principais momentos da entrevista**

<b>Momentos</b>	<b>Regras</b>
Antes do início	Consultar o entrevistado sobre seu interesse em participar da pesquisa na forma de uma entrevista.
Iniciação	Preparar o entrevistado, conduzindo-o ao tema da pesquisa. Apresentar o entrevistador, a pesquisa e uma breve explicação de como se dará a entrevista e autorização para gravação da entrevista. Começar gravando e, posteriormente, formular o primeiro tópico para o surgimento das primeiras narrações.
Narrações centrais	Não interromper o entrevistado. Fazer somente encorajamento não verbal para continuar cada uma das narrações, sem fazer perguntas. Esperar que ele apresente sinais de finalização da fala. Interrupção da gravação se solicitado ou de acordo com os eventos na feira e no entorno da feira.
Perguntas	Não opinar ou induzir respostas. Perguntar sobre ações específicas, exemplos do cotidiano e contextos específicos. Valorizar o senso comum. Pedir detalhes sobre algo que não ficou claro ou exemplos, sugerir outras narrações.

Fonte: adaptado de Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 97).

**Quadro 9 – Procedimentos para análise da entrevista narrativa**

Passo 1	Transcrição detalhada de alta qualidade do material verbal.
Passo 2	Divisão do texto em material indexado (expressam referência concreta a ‘quem fez o quê, quando, onde e por quê’) e proposições não-indexadas (que vão além do conhecimento e expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada ‘sabedoria de vida’ dentre outros aspectos)
Passo 3	Uso de todos os componentes indexados para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, denominada de ‘trajetórias’.
Passo 4	As dimensões não-indexados são investigativas como ‘análise do conhecimento’ (opiniões, conceitos e teorias gerais, reflexões e divisões entre o comum e o incomum que permitem reconstruir teorias operativas sobre o objeto de estudo).
Passo 5	Agrupamento e comparação das ‘trajetórias’ individuais.
Passo 6	Trajetoórias individuais colocadas dentro do contexto e semelhanças são estabelecidas permitindo a identificação de trajetórias coletivas.

Fonte: adaptado de Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 106).

Para a realização das entrevistas foi utilizado o Guia de entrevistas no APÊNDICE C e os procedimentos indicados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia (APÊNDICES A e B), pois “esse tipo de entrevista permite que as pessoas respondam mais nos seus próprios termos, do que as entrevistas padronizadas, mas ainda fornecem uma estrutura maior de compatibilidade do que nas entrevistas focalizadas” (May, 2004, p.149). Apesar de haver perguntas já delimitadas, a pesquisadora dispõe de liberdade para ir além das respostas,

buscando esclarecimentos ou reelaboração daquilo que se obteve como resposta e o entrevistado ou a entrevistada pode de forma livre se antecipar a alguma questão (Silverman, 2009).

A análise narrativa das entrevistas foi realizada conforme o passo a passo apresentado no Quadro 9. As entrevistas narrativas são caracterizadas como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade de aspectos específicos; a partir dessas emergem histórias de vida dos feirantes. Para Jovchelovitch e Bauer (2008), a influência do entrevistador na entrevista narrativa deve ser mínima e é recomendável que se use uma comunicação cotidiana para contar e escutar as histórias. Há uma importante característica colaborativa neste método, já que a história emerge por meio da interação, troca, diálogo entre o sujeito e quem o entrevista (Creswell, 2014). É importante ressaltar que entrevistas narrativas são representações ou interpretações do mundo e não estão abertas à comprovação, já que expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio-histórico (Jovchelovitch; Bauer, 2008).

Após feitas as entrevistas (como parte da coleta de dados primários), essas foram transcritas, por meio do *software* do *Google* Pinpoint, e revisão minuciosa da autora. Deste material emergiram repertórios interpretativos. Posteriormente, essas entrevistas passaram por uma análise de conteúdo temática, etapa em que se realiza uma releitura para construir uma primeira “moldura” da realidade dos trabalhadores das feiras livres, destacando o ambiente em que convivem (Bardin, 2011), que fez emergir as redes de significações (Guessier, 2003). A análise narrativa das entrevistas foi realizada conforme o passo a passo do Quadro 9.

Uma segunda técnica de coleta de dados utilizada nesta pesquisa foram as anotações em caderno/diário de campo, obtidas por meio da presença nas feiras nos momentos que antecedem a entrevista, durante e após a entrevista. A observação não-participante se trata de um método representativo em estudos qualitativos, inclusive com o uso da abordagem etnometodológica, já que a observação valoriza o contato direto e real do pesquisador com o que está acontecendo próximo dele, capturando detalhes relevantes do que acontece no exato momento (Richardson, 2012). A observação da situação “em torno” da entrevista possibilita registrar elementos não previstos nas entrevistas. As anotações do caderno de campo têm como objetivo complementar as entrevistas e/ou registrar eventos que possam contrariá-la, de modo a possibilitar uma triangulação dos dados.

Cassel e Symon (2004) defendem o uso de diários na pesquisa, já que eles são capazes de investigar vários fenômenos subjetivos, pois os que respondem às questões podem registrar reações e interações sociais e o estudo do diário permite acessar esse comportamento de forma discreta (ferramenta da intervenção), para auxiliar com a descrição, a análise e a interpretação

do objeto nos períodos de permanência do/a pesquisador/a no campo. Silverman (2009) denomina tais registros de diários de investigação. As notas do diário de campo foram feitas em papel e no modo manuscrito pela pesquisadora, sendo posteriormente analisadas. Para as notas do diário de campo, utilizou-se o roteiro descrito no APÊNDICE E.

Para se realizar as anotações no diário de campo foi necessário realizar a pesquisa de campo no lugar onde o fenômeno ocorre (Vergara, 2005). Os dados foram coletados nas feiras livres da cidade de Uberlândia, com abordagem dos entrevistados diante das barracas em que eles trabalham, geraram três diários de campo (um para cada feira visitada). O contexto em que aconteceu essa coleta de dados foi importante para compreender o que estava sendo investigado, nesse caso, a estrutura social da feira e a interação entre seus componentes. Na primeira feira, de sábado, a observação e anotação no caderno de campo foram feitas por 3h10; por sua vez, na segunda feira visitada, de domingo, os mesmos procedimentos se deram por 3h50; e, por fim, na última feira, de quinta-feira, foram realizadas observação e anotações por 2h30. Esse processo se deu em dias diferentes daqueles dedicados à entrevista dos participantes

A terceira técnica de coleta de dados utilizada foi o registro por meio de fotografias. Foram feitos 82 registros fotográficos no período da madrugada, manhã, tarde e noite. Esse registro teve como foco as atividades cotidianas dos feirantes – Quadro 6. O objetivo das imagens foi captar a dinâmica das atividades que os feirantes realizam. As feiras são organizações que perduram no tempo e, para isso, se reinventam. Elas são produzidas por aqueles a quem chamamos feirantes (participantes da pesquisa), no transcurso de suas experiências presentes e suas expectativas sobre o futuro, o que é essencial para o entendimento da temporalidade nas organizações.

O registro fotográfico é um método visual. Os registros fotográficos foram feitos enquanto era feita a observação não participante, prática indicada para dar legitimidade ao estudo (Flick, 2009b), já que todas as formas de documentação (de fotos, filmes, áudios e outro) têm relevância no processo de pesquisa, possibilitando uma adequada análise (Flick, 2009a). A construção do trabalho de campo com uso de fotografias como diário visual é um resultado único da interação de um pesquisador com uma população específica num determinado espaço/tempo. Apesar de muito recorrente nas pesquisas atuais, o método visual é uma ferramenta para coleta de dados utilizada há mais de 70 anos (Lindlof; Taylor 2002). Esse material visual foi produzido pelo pesquisador (Banks, 2004).

As características do uso da fotografia como método de pesquisa são: (a) as câmeras permitem registros detalhados de fatos; (b) proporcionam apresentação mais abrangente e holística de estilos de vida e de condições sociais; (c) possibilitam o transporte de artefatos e a

apresentação destes como retratos; (d) permitem a transgressão de limites de tempo e espaço; (e) podem capturar fatos e processos que sejam muito rápidos ou complexos para o olho humano; (f) permitem registros não-reativas das observações; g) são menos seletivas que as observações; e (h) as fotografias ficam à disposição de outras pessoas para serem reanalisadas (Flick, 2009a). Para Caulfield (1996), é relevante o uso de imagens na pesquisa, pois elas refletem o mundo vivo e as relações sociais entre os participantes, são elementos formativos da vida social e podem reter informações documentais sobre os seus sujeitos. São também classificados como ‘Métodos de Investigação Visual’ (MIV) (Rose, 2016). Nesta pesquisa, a autora realizou 82 registros fotográficos, porém, nesta tese foram utilizados somente 35 deles. Alguns desses registros foram modificados, por meio do *software Paint*, que impede que o rosto dos participantes pudesse ser identificado, cumprindo o compromisso firmado pela autora com o CEP.

Outra característica apontada para se utilizar a fotografia como método de pesquisa é o fato de ser possível explorar sensações e emoções, estimular o participante a acessar distintas dimensões de sua experiência de vida e comunicar-se por meio de diferentes linguagens, que não somente a oral (Pink, 2011). Lester (2020) defende que as mensagens mais poderosas combinam palavras e fotografias “equitativa e respeitosamente”, há ganho de força na combinação entre o elemento visual e textual (Rodrigues, 2022). O que diferencia a imagem de outros recursos na pesquisa é o poder que ela tem de comunicar proximidade, fraqueza e afinidade (Valentini et al., 2018).

### 3.3 Público Pesquisado

Quanto ao campo empírico da presente pesquisa foram definidas três dentre setenta e seis feiras livres cadastradas na Prefeitura Municipal de Uberlândia/MG. O trabalho de campo foi realizado nos meses de junho e julho de 2024. A escolha dessas três feiras, entre as 76 disponíveis para realização desta pesquisa narrativa, seguiu os seguintes critérios:

- a) a feira mais antiga: localizada na Av. Monsenhor Eduardo, Bairro Aparecida, foi selecionada por se tratar da feira mais antiga e mais movimentada feira do município, realizada em região central aos domingos pela manhã e com número maior de barracas de feirantes, atraindo moradores de outros bairros; parte da avenida é interditada para sua ocorrência e ocorre nessa avenida desde 1964, há 60 anos;

- b) a feira mais recente: localizada na área de estacionamento do Terminal Planalto, rua Joaquim Leal de Camargos, 560, região oeste de Uberlândia, essa feira foi inaugurada em outubro de 2023. No local, são disponibilizados produtos típicos, como doces e queijos, frutas, verduras, empórios em geral e as barracas com os tradicionais pastéis e caldo de cana; entende-se que há possibilidade de adoção de novas práticas e novas temporalidades, pois é uma feira livre que não ocorre na rua.
- c) feira intermediária: localizada na Av. Ortízio Borges, Bairro Santa Mônica, é uma feira livre com características intermediárias entre a mais antiga e uma das mais recentes – ocorre no mesmo local há mais de 30 anos.

Os participantes da presente pesquisa são os feirantes que atuam nas feiras destacadas acima. O número inicial de entrevistados foi previsto em 30 feirantes (10 feirantes para cada uma das três feiras) de ambos os sexos, com idade entre 18 e 70 anos. Eles não se denominam como concorrentes, mas parceiros no mesmo ramo de trabalho. Essa consideração pôde ser obtida por meio do método indutivo (quando se parte de algo particular para uma questão bem mais ampla, geral). A indução parte de um fenômeno que, por meio da observação e da experimentação, chega a uma lei geral objetivando investigar a relação entre dois fenômenos para se generalizar (Prodanov; Freitas, 2013).

No decorrer da pesquisa, a pesquisadora encontrou dificuldades em realizar as entrevistas, visto que muitos feirantes não quiseram participar, por motivos pessoais. Na feira mais antiga, localizada na Av. Monsenhor Eduardo, foram entrevistados 10 feirantes; na feira mais recente, localizada na área de estacionamento do Terminal Planalto, somente 3 feirantes quiseram participar da pesquisa, justificado pelo fato desta feira ser reduzida (apenas 8 barracas); por fim, na feira intermediária, localizada na Av. Ortízio Borges, foram entrevistados 9 feirantes, totalizando 22 pessoas entrevistadas, conforme perfis apresentados no Quadro 10. Usou-se como critério de inclusão: ser feirante na cidade de Uberlândia-MG, ter idade entre 18 e 70 anos, de ambos os sexos. E como critério de exclusão: ser feirante, mas não trabalhar nas feiras delimitadas na pesquisa; não ter conhecimento para responder às perguntas do guia de entrevista; não estar presente na feira durante os dias que durarem pesquisa em campo.

**Quadro 10** – Perfil dos entrevistados

Nome Fictício	Feira	Tipo de barraca	Idade	Tempo na barraca	Número de feiras
Baltazar	sábado	utilidade doméstica	58	5	7
Mauro	sábado	temperos	57	40	5
Alex	sábado	brinquedos	50	20	6
Celso	sábado	verduras	20	20	7
Rodrigo	sábado	mercearia	23	10	6
Jorge	sábado	hortifruti	56	12	4
Larissa	sábado	hortifruti	49	22	6
Marta	sábado	mercearia	37	15	6
Miguel	sábado	hortifruti	41	4	3
João	domingo	Frutas	71	43	7
Dirce	domingo	mercearia	39	16	7
Joaquim	domingo	doces e queijos	69	40	4
Zildomar	domingo	queijos	67	41	2
Francisca	domingo	calçados	54	18	6
Adriana	domingo	brinquedos	68	50	4
Ubiratã	domingo	verduras e folhas	52	7	5
Marcelo	domingo	hortifruti	48	12	3
Olímpio	domingo	mudas e plantas	58	9	1
Sérgio	domingo	hortifruti	63	51	5
Sebastião	quinta-feira	doces e queijos	37	14	6
Igor	quinta-feira	mercearia	30	30	5
Robson	quinta-feira	hortifruti	46	4	8

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Cada participante foi submetido a 24 perguntas com tempo médio de 20 minutos de entrevista. O foco foi entender a relação deles com o trabalho nas feiras ao longo do tempo, pois a atividade de feirante teve origem no século IX e tem a finalidade de suprir a população com produtos de primeira necessidade (Sato, 2012 *apud* Pirenne, 1936). Também objetivou-se reconhecer suas experiências presentes e suas expectativas sobre o futuro, o que é essencial para o entendimento da temporalidade nas organizações.

A abordagem do entrevistado seguiu os seguintes passos: (1) apresentação da pesquisa – conversa informal com o participante da pesquisa para explicar como esta seria conduzida e esclarecendo possíveis dúvidas que vierem a surgir antes da entrevista; (2) apresentação do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo da Equipe Executora); (3)

utilização de um guia de entrevista, baseado em análise prévia do campo em estudo; (4) preparação da pesquisadora para a entrevista com um “ensaio” da entrevista para verificar se o entrevistado entendeu a forma como será conduzida a pesquisa; e, por fim, (5) gravação da entrevista, caso os entrevistados concordem. A identidade dos feirantes foi mantida como confidenciais com o uso de um nome fictício, conforme apresentado no Quadro 10 acima. À medida em que as entrevistas foram sendo realizadas, observou-se a saturação à medida que as respostas se repetiam.

Ao investigar o surgimento das feiras livres no município de Uberlândia, com os dados da Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento (disponíveis na página oficial da Prefeitura Municipal de Uberlândia – PMU, observa-se que, apesar de a ideia de esse tipo de comércio surgir em meados dos anos 30, somente em 1964 foi inaugurada a primeira feira livre na cidade, tendo como objetivo principal vender os produtos que sobravam dos comerciantes do Mercado Municipal, chamado Mercado Velho de Uberlândia, trazendo também os consumidores para mais perto dos produtos (PMU, 2023).

Segundo a Prefeitura Municipal de Uberlândia, atualmente o município dispõe de 76 feiras, conforme APÊNDICE D, sendo 34 feiras realizadas no turno da manhã das 5h30 às 14h, 40 feiras realizadas no turno da noite das 14h30 às 22h e 2 feiras durante um período intermediário, das 09h às 18h, somando o total de 330 permissionários – feirantes, espalhadas pelos bairros da cidade. Essas feiras abastecem várias regiões da cidade com produtos hortifrutigranjeiros, cereais, industrializados e processados, pescados e utensílios como roupas, bijuterias, produtos para a casa em geral, entre outras variedades (PMU, 2024).

Segundo Fonseca (2007), pode-se considerar que as feiras livres de Uberlândia fazem parte da história da cidade e devem ser vistas como um lugar carregado de memórias, tradições e cultura, dando ênfase também no seu valor econômico e na geração de empregos. O autor destaca que além das feiras livres convencionais, existem em Uberlândia as feiras agroecológicas, sendo as principais: a Feira Pachamama, localizada no centro da cidade; a Feirinha Solidária da Universidade Federal de Uberlândia, localizada no Bairro Santa Mônica; e a Feira Agroecológica do Parque do Sabiá, localizada no Bairro Tibery (feira de produção agroecológica para pequenos produtores, realizada pela Secretaria Municipal de Agronegócio, Economia e Inovação).

Ambas as feiras agroecológicas aconteciam semanalmente, até o início da pandemia causada pelo novo Coronavírus. Segundo a PMU (2023), na feira Agroecológica, que também faz parte do Programa Novo Agro, são comercializados folhosos, tubérculos, plantas medicinais e alimentícias não-convencionais, raízes e castanhas, além de outras opções cultivadas com

técnicas naturais que respeitam a conservação e a recuperação do meio ambiente. São mais de 60 variedades de produtos naturais, sem o uso de agrotóxico, para venda e degustação.

Alternativa apresentada pela prefeitura do município é a Feira da Agricultura Familiar, que faz parte do Programa Novo Agro. Criada para incentivar e proporcionar mais uma geração de renda para os pequenos produtores da região, nela são comercializados doces caseiros, queijos artesanais, requeijão, pamonha, caldo de cana, produtos orgânicos, entre outros. Essa feira acontece sempre às quartas e sextas-feiras das 09h às 18h na Praça Cívica do Centro Administrativo e na Praça Clarimundo Carneiro, respectivamente.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 Análise dos Resultados

A feira de sábado, situada na Avenida Ortízio Borges, Bairro Santa Mônica, foi a primeira visitada. A autora chegou ao local da feira às 04h40. Observa-se na Imagem 1, neste horário, não havia movimento na rua, que costuma ter fluxo constante durante o dia.

**Imagem 1** – Avenida antes da feira



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Ainda escuro, avista-se, ao longe, a primeira barraca. A Imagem 2 mostra essa chegada, momento em que a rua começa a ser tomada pelas cores verde e branco (cores padronizadas pela Prefeitura de Uberlândia). Era 04h48, horário em que a primeira banca começa a ser montada por um casal de senhores, que posteriormente será entrevistado. Feita uma abordagem inicial, explicou-se a presença naquele horário e o intuito desta pesquisa, apesar disso, os feirantes – que neste momento já estavam chegando aos montes – ficaram visivelmente incomodados e desconfiados com a presença daquela “estranha”. Durante a observação não participante, a autora constatou que a montagem das barracas se dá de formas diferentes, muitas já vêm em forma de carretinha, facilitando a vida dos donos, enquanto outras precisam ser montadas e desmontadas a cada feira, fato que gera demora e trabalho braçal para os trabalhadores. Este fato teve relevância também em trecho do primeiro diário de campo: “percebi que, os feirantes que não precisam montar a estrutura de ferro da barraca, usam esse tempo para organizar seus produtos de forma mais rápida”, explica a autora.

**Imagem 2** – Chegada dos feirantes durante a madrugada



Fonte: dados da pesquisa (2024).

O horário efetivo de início da feira é às 7h, e pode-se observar os clientes chegando timidamente. E, apesar de ser um horário, considerado por muitos, cedo, a barraca de pastel já esquenta o óleo para a fritura, pois os feirantes que trabalham nessa barraca sabem que muitos fregueses gostam de comer um pastel entre a balada e o descanso. Percebe-se, neste contexto, que o tempo na feira é influenciado pelos costumes dos clientes.

**Imagem 3** – Movimento na banca de pastel pela manhã



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Na análise do registro fotográfico, a Imagem 3 representa um contraste temporal entre os que acordaram muito cedo para trabalhar e aqueles que ainda nem puderam ir para casa descansar, pois escolheram naquele dia tomar um café na feira, que se resume a comer um pastel. Fato tal que corrobora com os pensamentos de Ricoeur (1994), ao enfatizar os “paradoxos do tempo”, que o indivíduo perde características de uma cultura particular, havendo influência do meio no qual se encontra inserido.

Por volta de 8h30, o movimento, no espaço da feira, começa a se intensificar com a chegada daqueles que buscam os produtos frescos para preparar o almoço de sábado. Esses já encontram o óleo quente, pastéis fritos e muitas cores que surgem das barracas de frutas e verduras, além dos cheiros característicos: da fritura, da verdura, da fruta, do frango assado, da cidade, da feira, conforme reflete Sato (2012, p. 25): “A feira livre emana muitos cheiros, cores e sons” A Imagem 4 apresenta o momento em que os primeiros clientes chegam à feira de sábado. Em suas anotações no caderno de campo, a autora enfatiza: “é um bonito dia para um passeio na feira”, ciente de que todos são bem-vindos, já que o espaço da feira é público (Sato, 2012, p. 97).

**Imagem 4** – Chegada dos primeiros fregueses



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Durante a observação não participante, a autora pôde perceber alguns “espaços vazios” entre algumas barracas, o que fica evidenciado ao analisar a Imagem 5. Posteriormente, descobriu-se que se tratava de feirantes “faltosos”, segundo os colegas de profissão.

**Imagem 5** – Espaço vazio entre as barracas



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Ao analisar a Imagem 6, é possível perceber as palhas dos milhos vendidos descascadas no chão, sob o olhar do cliente. Trata-se de um aproveitamento do tempo do feirante, que só recolhe o material ao final do expediente na feira, confirmando o que Holt e Johnsen (2019) afirmam ao caracterizar o tempo como fluxo.

**Imagem 6** – Palhas de milho no chão durante a feira



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Sato (2012, p. 102) observou que: “o espaço da feira é repleto de informações que, se não observadas de forma atenta, passa despercebido aos nossos olhos”. As seguintes observações foram feitas, conforme anotações do diário de campo referente a esta feira:

guardadores de carros uniformizados; pais que levam crianças para pedirem dinheiro aos passantes; moradores de rua perambulando pelo espaço da feira; catadores de latinhas; cachorros buscando alimentos; jovens andam de bicicleta; feirantes dão informações sobre outras bancas a clientes desinformados; cantores com microfone chamando freguês de forma engraçada; filhos que levam os pais idosos, segurando-os pelas mãos; há banheiros químicos cedidos pela prefeitura; as conversas entre feirantes e clientes permeiam os diversos assuntos, quase sempre terminando em política.

A análise deste registro fotográfico também permite verificar que alguns clientes trazem de casa um carrinho de supermercado, para facilitar o transporte dos produtos. Continuando as anotações, a autora observou muitos pais com bebês em carrinhos ou mesmo no colo; o almoço será pastel com caldo de cana; as crianças sempre param em frente à barraca de brinquedo e os pais dizendo o velho “na volta, a gente compra”; as cores sempre vivas das bolsas destinadas a fazer a feira; algumas barracas penduram o preço dos produtos com pregador de roupas num varal improvisado, conforme interpretação apresentada ao analisar a Imagem 7.

**Imagem 7** – Preços dos produtos pendurados em varal



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Há pessoas que parecem estar “só de passeio”, fazem várias vezes o trajeto da feira, sem nada comprar; garotas com vestidos longos e bonitos, que fazem do espaço uma grande passarela para o desfile; senhores que andam de forma reduzida, sendo amparados pela amiga bengala, não deixando de lado o chapéu de palha. Essa realidade confirma o que foi dito por Sato (2012, p.25; 58): “qualquer um pode ir para trabalhar, passear, fazer compras, mendigar e

também pesquisar” “a feira livre aparece também como um espaço de lazer e de entretenimento, recuperando a sua face folclórica”.

Os hortifrutis podem estar soltos na bancada ou separados em pequenos pacotes; algumas barracas levam o nome dos donos em placas chamativas; casais de namorados que passam de mãos dadas; alguns feirantes usam aventais ou uniformes; há pessoas que passam com latinhas de cerveja logo cedo, começaram a beber agora ou estão terminando?; os carros, caixas, pacotes, ficam atrás das bancas como forma de suporte ou extensão da barraca; há bancas de produtos naturais; músicas diversas, advindas de celulares, igrejas e bares em volta, misturam-se com o barulho característicos de pessoas falando, gritando, rindo, chamando freguês. Todas essas percepções foram observadas até às 12h30, final da feira, também conhecida como “a hora da xepa”: último momento em que os feirantes podem vender as mercadorias, antes de pensar na destinação deles, reaproveitamento ou descarte, devido à perecibilidade dos produtos comercializados na maioria das barracas. De acordo com Sato (2012) o horário da xepa é definitivo para os feirantes, pois ele que irá definir se haverá ou não lucro naquele dia. Aqui se percebe que os feirantes precisam desenvolver o senso de tempo, já que ele é marcado pela natureza dos produtos, neste caso específico (Sato, 2012). As Imagens 8 e 9 permitem compreender como se dá o processo de encerramento da feira, desmonte das barracas e retirada das lonas, enquanto ainda há movimentos dos feirantes.

**Imagem 8** – Final da feira



Fonte: dados da pesquisa (2024).

**Imagem 9** – Feirantes desmontam a barraca de hortaliças



Fonte: dados da pesquisa (2024).

A próxima feira investigada foi a feira de domingo na Avenida Monsenhor Eduardo. Por se tratar da feira considerada a mais antiga da cidade de Uberlândia, com mais de 60 anos no mesmo lugar, é considerado um “ponto turístico” da região e impressiona por sua extensão, com barracas diversas a perder de vista. Fato já observado por (Sato, 2012, p. 95): “as feiras livres dos dias de hoje são espaços pouco especializados, pois servem tanto para vender mercadorias como para entreter turistas”.

**Imagem 10** – Rua mais estreita da feira de domingo



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Uma diferença notável com a feira de sábado é que, na feira de domingo, as barracas são mais próximas umas das outras, o que torna esta feira mais estreita, já que a rua é menos larga que a da feira anterior, fato que pôde ser confirmado com a análise da Imagem 10.

**Imagem 11** – Calçadas servem como extensão da feira



Fonte: dados da pesquisa (2024).

**Imagem 12** – Feirante utiliza ponto de ônibus



Fonte: dados da pesquisa (2024).

A análise das Imagens 11 e 12 confirmaram o que a autora havia registrado no segundo diário de campo: “para desenvolver o trabalho, os feirantes se utilizam de todos os espaços que encontram, podendo ser calçadas ou, até mesmo, pontos de ônibus”. Esse fato faz com que as calçadas sejam todas utilizadas pelos feirantes, impedindo a passagem de pedestres por lá.

Há outro contraste entre essas duas primeiras feiras pesquisadas. Em observação, a autora verificou que há mais vendedores ambulantes na feira de domingo, “um número incontável deles por todos os lados, competindo com as barracas da feira que vendem os mesmos tipos de produtos, geralmente brinquedos, cintos, meias, carteiras”, garante ela. Situação que é corroborada com a análise da Imagem 13.

**Imagem 13** – Vendedor ambulante na feira de domingo



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Esta feira também dispõe de banheiros químicos, em número maior, pelo grande número de pessoas que passa por ali. A observação e a análise fotográfica da Imagem 16, revelam uma particularidade apresentada pela feira de domingo: o constante movimento de carros ao redor dela, já que fica no meio de uma grande avenida, que corta a região central da cidade.

Por fim, partiu-se para a feira de quinta-feira, que acontece num local que serve de estacionamento em dias em que não há feira, ao lado de um terminal de ônibus no Bairro Planalto, zona oeste do município de Uberlândia. Trata-se de um espaço muito reduzido, que comporta somente 8 barracas de feiras, contando com uma banca de pastel e uma de caldo de cana, de acordo com a análise da Imagem 15. Segundo anotações no terceiro caderno de campo da autora: “é visível a diferença de estrutura entre esta feira e as duas anteriores: não há

ambulantes, nem banheiros químicos, nem multidão. Somente a paz de uma tarde de quinta-feira desprentensiosa”, afirma.

**Imagem 14** – Trânsito em volta da feira de domingo



Fonte: dados da pesquisa (2024).

**Imagem 15** – feira de quinta-feira no estacionamento



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Apesar de o horário oficial de início desta feira ser 15h, algumas bancas, como a de pastel e a de caldo de cana, foram montadas após esse horário. Tal fato pôde ser constatado pela autora, ao fazer a análise das Imagens 16 e 17, que mostram que a barraca de pastel é um trailer,

que somente necessita baixar o toldo e colocar uma lona ao lado para abrigar as mesas e cadeiras que serão dispostas pelo local para o consumo dos clientes.

**Imagem 16** – Trailer do pastel



Fonte: dados da pesquisa (2024).

**Imagem 17** – montagem da tenda do pastel



Fonte: dados da pesquisa (2024).

A observação da autora e análise da Imagem 18 foram capazes de identificar que a barraca de caldo é pequena, cabendo apenas duas pessoas, mas somente a dona trabalha nela, até para montar e desmontar sozinha a estrutura metálica, o que faz com que demore a ficar pronta sua montagem.

**Imagem 18** – Mulher monta sozinha banca de caldo de cana



Fonte: dados da pesquisa (2024).

**Imagem 19** – Feirante descasca cenoura



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Nesta feira, os feirantes organizam a exposição dos produtos sem demonstrar pressa. A clientela parece tímida, poucas pessoas chegam no início da feira – não se sabe se devido ao horário ou ao dia de semana. Ao analisar a Imagem 19, foi possível averiguar que, enquanto esperam a chegada dos fregueses, os donos de barracas fazem outras atividades: cortam e embalam verduras ou molho de alho e pimenta para acompanhar o pastel frito. A atitude do feirante de cortar as verduras traz a reflexão quanto à mudança cultural, já que a atitude dele faz com que as pessoas que irão comprar esses itens já descascados e cortados poupam o tempo delas. No terceiro diário de campo, a autora declara: “Enquanto aguardam os compradores, os feirantes organizam constantemente os produtos com o intuito de ficar bonito e atraente aos olhos de quem passa”. Sato (2012, p. 101) enfatiza: “construir a beleza dá trabalho, mas é motivo de admiração e de orgulho dos feirantes”.

Em observação, a autora expõe que os cheiros se misturam, assim como as cores vivas das frutas dispostas na banca. Logo, a moça que embalava o molho de alho se envolve em outra atividade e é substituída por um colega, que continua o trabalho dela de embalar. “É um trabalho compartilhado! Não há função única! Todos ali são responsáveis por atender, vender, cobrar, limpar, embalar, organizar”, compreende a autora, em diário de campo.

**Imagem 20** – Pessoas comendo pastel na feira



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Após analisar o registro fotográfico da Imagem 20, constatou-se que o espaço só ganha vida e cara de feira quando há pessoas sentadas nas cadeiras da banca de pastel, comendo, conversando. Pode-se notar que o local escolhido para acontecer a feira é estratégico, pois, após as 17h, há um grande fluxo de pessoas que descem naquele terminal de ônibus para ir para casa e descansar. Após um dia cansativo de trabalho, e tendo a facilidade por passar ao lado da feira, não custa aproveitar e comprar uma fruta, uma verdura, ou se livrar de cozinhar a janta e comer um pastel.

Algo não observado nas feiras maiores, talvez devido à grande circulação de pessoas, é a frequência com que os feirantes compram produtos uns dos outros, seja para consumo no local ou levar para casa ao final do dia. Durante a tarde, enquanto aproveitam a luz do sol, atendem poucos clientes e pensam no anoitecer, são tomadas as providências para instalar e ligar as lâmpadas que irão permitir que a feira prossiga, ainda que sem o sol do dia, conforme compreendido após a análise da Imagem 21. Esta feira é considerada intermediária, ou seja, começa durante a tarde e termina às 21h.

### **Imagem 21** – Luzes para iluminar à noite



Fonte: dados da pesquisa (2024).

A feira livre é algo que desperta curiosidade nas pessoas que passam nos carros, trabalham no comércio em volta. Como se fosse um evento do qual eles têm vontade de participar ou observar de perto. Neste ambiente, nada é constante, além do dia e horário determinados para ocorrer. São pessoas, histórias, situações que mudam, passam, se

transformam. Essas constatações foram possíveis com o auxílio do caderno de campo e da observação não participante. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos por meio da análise das entrevistas.

A feira livre é um espaço de multiplicidade e multifuncionalidade. Cada barraca oferece um produto ou grupo de produtos que atendem às diferentes necessidades dos compradores. Ainda, os motivos dos feirantes para trabalhar com um determinado produto são variados. Mas grande parte dos feirantes entrevistados trabalha com parentes (sobrinho, neto, sogro etc.) ou cônjuge e/ou filhos. A minoria contrata ajudante ou trabalha sozinho nas atividades da feira. Porém, muitos familiares auxiliam os feirantes em casa, conforme diz Rodrigo, 23 anos, dono da barraca de mercearia na feira de sábado: “(...) aqui na banca trabalhamos eu e mais um funcionário, só eu mesmo e ele, não é nada meu. A minha esposa me ajuda lá em casa com algumas coisas: fazer um tempero, lavar um queijo (...)”. Diante disso, é possível afirmar que se trata de um trabalho compartilhado entre aqueles que efetivamente atuam nos dias de feira e as pessoas que, de alguma forma, auxiliam neste processo.

Ao serem questionado por quais motivos iniciaram o trabalho nas feiras, a maioria dos feirantes apontam a vontade de trabalhar por conta própria, conforme explica Baltazar, 58 anos, dono da barraca de utilidades domésticas na feira de sábado: “Eu mexia com obra, parei a obra para mexer com a feira, é um meio de se viver melhor porque trabalhar para os outros você ganha muito pouco, o salário não compensa”. Dos 20 anos que mora em Uberlândia, 7 deles são dedicados às 7 feiras nas quais trabalha. Outro feirante que viu na feira uma oportunidade melhor de renda foi João, dono da barraca de mercearia na feira de domingo. Dos 70 anos de idade, 43 foram dedicados à feira. Quando chegou em Uberlândia, há 30 anos, ele já era feirante, conforme explica:

Quando a gente começou, eu não lembro bem quantos anos não, mas já estou com 43 anos de feira. Porque era uma maneira de a gente movimentar um dinheiro para sobreviver a cada dia. Naquela época, como já vivia na área rural e produzia várias coisas, a gente preferiu vim para feira e trabalhar na feira uns tantos dias. Outros dias a gente estava na área rural e a vida foi assim muito muitos anos.

Até pessoas mais jovens usam a feira como uma forma de melhoria no trabalho: “Há 4 anos eu comecei. Eu comprei um ponto na feira, por uma renda melhor e trabalhar por conta, não trabalhar de funcionário, admite Miguel, 41 anos, dono da barraca de hortifruti na feira de sábado. Há aqueles que veem o trabalho na feira como uma herança familiar, uma tradição recebida dos pais: “meu pai é feirante já tem uns 25 anos. A gente vai seguindo a tradição e eu peguei essa banca para trabalhar, vai seguindo a tradição de feirante”, são as palavras de

Rodrigo, 23 anos, dono de barraca de mercearia na feira de sábado, que participa de 6 feiras. Outro jovem que herdou a profissão de feirante, e segue os passos do pai, é Celso, 20 anos, dono da barraca de verduras na feira de sábado. Ele se diz “nascido e criado na feira”. É uma expressão usada pelo jovem para explicar que sempre esteve envolvido no trabalho da feira exercido por seus familiares. A história dele se assemelha com a história de vida de Igor, 30 anos, dono da barraca de mercearia na feira de quinta-feira, que considera a própria idade como o tempo que trabalha na feira: “vem de família, de geração em geração, a gente simplesmente continuou o trabalho. Eu nasci debaixo da banca, por bem dizer. Tem, no caso, de 30 anos”. Claro que ele não nasceu efetivamente debaixo da banca, porém, o exagero demonstra o sentimento de pertencimento ao meio que ele demonstra ter. Histórias iguais a essas exemplificam o que Sato (2012, p. 151;153) afirmou: “o trabalho na feira livre pode ser abraçado como o negócio da família” “O negócio e a família se entrelaçam fortemente”.

Mas não é só a relação entre pais e filhos que perpetua a profissão. Larissa, 49 anos, dona da barraca de hortifruti na feira de sábado, trabalha com o marido há 22 anos numa barraca de hortifruti. Ela conta que o marido saiu do trabalho e seguiu os passos dos irmãos, que já eram feirantes. Também aconteceu fato parecido com Adriana, 68 anos, dona da barraca de brinquedos na feira de domingo, que relatou o início de trabalho como feirante há 50 anos, assim que se casou. O marido já era feirante e ela seguiu. Interessante relatar que o registro da barraca na prefeitura consta em nome do filho, que não é feirante.

O inverso também acontece! Sebastião, 37 anos, dono da barraca de doces e queijos na feira de quinta-feira, trabalha na barraca de doces e queijos, e conta que começou o ofício há 14 anos, pois se casou com uma moça cujo pai é feirante. Já Robson, 46 anos, dono da barraca de hortifruti na feira de quinta-feira, trabalha há 4 anos em 8 feiras, e justifica que seguiu esse caminho, pois era o sonho da esposa ser feirante. Ele tem 4 filhos menores e pretende que cada um tenha o registro de 2 das 8 feiras. Ao verificar se tal procedimento é permitido pela Prefeitura de Uberlândia, a autora constatou que, a Lei 10702 de 10 de março de 2011 determina que “a permissão de uso, outorgada através de processo licitatório, será outorgada pelo prazo de 10 (dez) anos e formalizada mediante assinatura do respectivo termo”, sendo que é admitida a transferência da permissão em caso de “ falecimento, desaparecimento, invalidez permanente ou fato que impossibilite o titular da permissão de exercer a atividade, passando os benefícios aos sucessores de direito”. O resultado da análise da Imagem 22 apresenta o feirante Robson (nome fictício) e a filha que o acompanha nesta feira.

**Imagem 22** – Pai e filha vendem verduras



Fonte: dados da pesquisa (2024).

**Imagem 23** – Filha ajuda a mãe a vender ovos



Fonte: dados da pesquisa (2024).

A pesquisa revelou que nem sempre as pessoas permanecem no mesmo ramo dentro da feira, é o caso de Dirce, 39 anos. A análise da Imagem 23 permitiu verificar a rotina do trabalho dela, juntamente com o marido e a filha, na barraca de mercearia na feira de domingo, mas nem sempre foi assim:

(...) eu comecei depois de 5 anos que meu marido já estava na feira. Ele tinha banca de doce, da (banca) de doce foi para a de pastel. Foi quando eu larguei meu emprego

para ir para a banca de pastel. Na banca de pastel, a gente ficou 6 anos, e, com essa de tempero (mercearia) que eu estou agora, faz 16 anos que eu estou nela.

Outro fator apontado como justificativa para ser feirante é a oportunidade do momento. Francisca, 54 anos, dona da barraca de calçados na feira de domingo, mora em Uberlândia há 30 anos e há 18, “comprou” a banca de calçados do vizinho, após ele ficar doente. Enquanto espera os clientes chegarem, ela costura os tapetes que também vende na barraca, conforme confirma a análise da Imagem 24, que permite ver os tapetes em exposição na barraca da feirante. Tal fato permite que ela faça duplo uso do tempo que possui, confirmando a definição de tempo para Whitrow (2005): não é algo intuitivo, automático, mas uma construção humana.

**Imagem 24** – Pausa no tapete para atender o cliente



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Às vezes a oportunidade surge dentro da própria feira. Há 7 anos, Sérgio, 63 anos, dono da barraca de hortifruti na feira de domingo, trabalhava na feira como ajudante, quando teve a oferta para adquirir o ponto. A vontade de aumentar as vendas de pequenos produtores rurais também foi apontada. Olímpio, 58 anos, dono da barraca de mudas e plantas na feira de domingo, participa somente de uma feira com o intuito de aumentar as vendas de gueiroba, plantada pelo pai na zona rural de Uberlândia. Também Jorge, 56 anos, produz parte do que vende na barraca de hortifruti na feira de sábado.

Ao serem questionados sobre o trabalho nas feiras, houve quase unanimidade em dizer que gostam do que fazem, por considerarem honesto, apesar de cansativo. É o que afirma

Zildomar, 67 anos, dono da barraca de queijos na feira de domingo: “É um trabalho até bom, às vezes muito cansativo, mas é bom. Já acostumei tanto (...) que se parar a gente sente falta do próprio trabalho”. Nota-se que este ofício se torna a extensão da vida da pessoa, e surge uma identidade, conforme se percebe na fala de Robson, 46 anos: “(...) é gratificante acordar cedo todos os dias, antes do sol nascer, e não ter preguiça de trabalhar. Porque, se tiver preguiça, não é feirante!”

O contato com as pessoas foi um dos aspectos mais mencionados como fator positivo na profissão de feirante, é o que constata João, 70 anos, dono da barraca de frutas na feira de domingo: “(...) a gente fez tantas amizades! Tenho muitos fregueses de mais de 30 anos. É uma amizade bonita e eu agradeço a Deus por tudo isso que a gente aprende falando e ouvindo os fregueses”. Em concordância, Olímpio, 58 anos, dono da barraca de mudas e plantas na feira de domingo, acrescenta: “Eu gosto de feira. Feira é bom para quem faz cada dia num lugar, cada dia você tem um cliente diferente, um ambiente diferente”. Alguns consideram a feira como um “ganha pão”, “modo de sobrevivência”, única coisa que sabe fazer (como profissão). E tem o ponto positivo de poder trabalhar com produto próprio. Os empecilhos apontados foram: clientes “enjoados” e o fato de não ter que justificar a falta para o patrão: “Você só vem quando você puder. Se você não puder vir, não há necessidade de você montar”, explica Adriana, 68 anos, dona da barraca de brinquedos na feira de domingo.

Houve vantagens apontadas em se trabalhar na feira livre. A principal delas é ser autônomo e ter o próprio salário: “não tem um patrão para estar administrando para gente”, comemora Baltazar, 58 anos. Outros pontos relevantes apresentados: trabalhar em meio período, fazer os próprios horários, obter uma renda maior, assim vê Robson, 46 anos: “Vantagem é que você faz seu ganho, tem sua carga horária. Se não quiser trabalhar, você não trabalha. Se você quiser ganhar mais, você dobra a jornada de trabalho”. Foi citado trabalhar com a família e pagar menos impostos, pois, nas palavras de Olímpio, 58 anos, dono da barraca de mudas e plantas na feira de domingo: “paga-se o imposto anual, não é muito caro, razoável o preço, eu acho que tem muitas vantagens”.

Ao falar sobre desvantagem, os feirantes relataram a alta concorrência que, segundo Baltazar, 58 anos, age de forma negativa nos negócios:

(...) a concorrência é muita, entendeu? Muitas barracas, os camelôs ficam dentro da feira. A deslealdade. A pessoa tem que sacrificar para não ficar sem vender nada. Às vezes você vai pôr um preço e o cara (colega feirante) põe um preço menor no meio da feira lá, você fica sem vender.

A feirante Dirce, 39, concorda e aponta rivalidade entre a classe dos feirantes: “hoje em dia, a galera (colega feirante) é muito mal-educada. Não são um grupo (os feirantes) muito unido não. Põe mais barato porque quer bater o outro”. Uma dificuldade apresentada pelos feirantes é acordar muito cedo, por volta das 4h, nos dias que tem feira. Outra dificuldade seria montar e desmontar a banca todos os dias, o que se torna mais desafiante em época de chuva. Os aspectos climáticos como frio, vento, poeira, chuva, foram bastantes mencionados, conforme observa Ubiratã, 52 anos, dono de barraca de verduras e folhas na feira de domingo: “A feira é o seguinte: quando o tempo está bom, é ótimo! Mas, quando está chuvoso, é dificultoso. Até que a chuva não atrapalha, é o vento que atrapalha muito, derruba banca, aí que complica”. Em concordância, Alex, 50 anos, dono da barraca de brinquedos na feira de sábado, acrescenta: “Eu acho ruim a feira no período de chuva, eu acho um pouco difícil. Banca de brinquedo não pode molhar”, conforme Imagem 25.

**Imagem 25** – Alex e a barraca de brinquedo



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Por fim, Igor, 30 anos, apontou a insegurança do trabalho autônomo como desvantagem: “(...) se a gente se machucar, acontecer alguma coisa, não tem um décimo terceiro, não tem férias”. Essa fala de Igor (nome fictício) revela a vulnerabilidade desta classe trabalhadora que, por não ter contratos e garantias de trabalho, sofrem com a insegurança. Segundo Sato (2012, p.156): “a feira livre é notória por abrigar vínculos de trabalhos precários”.

Nos espaços públicos, onde acontecem as feiras livres, circulam um número grande de pessoas, mercadorias, projetos, ideias, sonhos. Em meio ao fluxo constante de informações presente neste ambiente, nota-se que os principais ingredientes para fazer esse negócio prosperar é a forma simpática com que os feirantes tratam seus fregueses, que insistem em retornar. É possível perceber um bem-estar social nessas relações, que constantemente gera um sorriso, uma brincadeira ou um aperto de mão. Diante das respostas obtidas, percebe-se que um bom feirante é também uma pessoa cortês e educada, conforme salienta Baltazar, 58 anos: “É bom trabalhar na feira. Você está no meio do povo. Todo dia você está num bairro, tem gente diferente, tem gente de tudo quanto é lugar!”. A liberdade que o feirante tem para trabalhar do jeito dele também foi considerada: “(...) uma liberdade de atender, não tem aquele negócio rígido igual todas as empresas têm. Aqui, eu posso conversar, eu posso brincar, eu posso fazer do meu jeito. Porque eu sou a dona da banca! É mais fácil do que você prestar serviço para alguém”, refletiu Dirce, 39 anos.

**Imagem 26** – Marido e mulher na barraca de doces



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Apesar de já constatado que, do ponto de vista do feirante, o trabalho na feira é exaustivo, cansativo, pelo tempo que ele despende neste ofício, há pontos que o enaltece, como a flexibilidade de horário que não é observada no mercado de trabalho formal. Assim sendo, ao serem questionados sobre o significado da feira para esses trabalhadores, a maioria foi grata:

“Para mim é tudo, é minha vida. Criei minha família, estou criando meus netos, para mim é tudo”, admite Mauro, 57 anos, dono da barraca de temperos na feira de sábado. Muitos confessam que houve ganho de bens materiais e elevação no padrão de vida após iniciarem o trabalho na feira livre. Alguns informaram que, com o recurso financeiro recebido como feirante, conseguiram adquirir bens móveis e imóveis: “Há 40 anos eu iniciei (o trabalho na feira) e hoje já tenho minha residência para morar, não pago aluguel!”, comemora Joaquim, 69 anos, dono da barraca de doces na feira de domingo, de acordo com a Imagem 26.

O feirante Alex, 50 anos, participa de 6 feiras durante a semana e, feliz, conta que, graças a este ofício, comprou automóvel, imóvel e mantém o padrão de vida. Aspectos como a qualidade de vida e o bem estar da família também foram mencionados. Grande parte desses trabalhadores garantem que não sabem exercer outra profissão, que este é o único trabalho que aprendeu a fazer. Isso pode ser comprovado na fala de Larissa, 49 anos, dona da barraca de hortifruti na banca de sábado: “(...) atualmente, se não fosse para eu fazer isso, eu não saberia o que fazer. Eu teria que me reinventar porque é o que eu sei fazer, é de onde a gente tira o nosso sustento”. Outro diferencial de se trabalhar na feira é sobre a qualidade de produtos que são ofertados, conforme diz Robson, 46 anos:

(...) eu acho muito importante a feira, porque a gente consegue trazer produtos de boa qualidade, e mais fresquinho, direto do produtor para o consumidor. Praticamente não tem atravessador. Não vai ter mercado, não vai ter ninguém para atravessar a gente. A gente compra direto, inclusive, hoje eu estou vindo do Ceasa direto para a feira.

Houve mudanças no trabalho dos feirantes desde que eles começaram a trabalhar, principalmente relativo à estrutura da feira. Eles relatam que antigamente as bancas eram feitas em tábua e foram substituídas por carretinhas, o que torna o trabalho deles mais viável e mais cômodo. Sobre essa evolução, Mauro, 57 anos, dono de barraca de tempero na feira de sábado, explica:

As coisas estão evoluindo. Hoje o comércio exige cada vez mais mudança. Você não pode parar no que está, você tem que renovar! Antigamente, as barracas eram de lona, puxava em carroceria de cavalo; hoje, a gente tem automóvel. As bancas eram de madeira; hoje, as bancas são umas carretas próprias. Os nossos queijos têm freezer. Então as coisas estão evoluindo, atendendo o mercado.

Em concordância, Larissa, 49 anos, dona de barraca de hortifruti na feira de sábado, garante:

(...) antes, até os veículos que as pessoas carregavam suas coisas eram mais primárias, umas coisas mais rústicas; hoje não, hoje as feiras se modernizaram. As pessoas já

têm barracas que são carretinhas, que é só montar e desmontar. Então, hoje em dia, tudo é mais moderno.

Após a padronização exigida pela Prefeitura de Uberlândia, as lonas das barracas adquiriram as mesmas cores (verde e branco): “você vê que as lonas são tudo igual, quando eu comecei (a trabalhar na feira) tinha lona de toda cor”, avalia Dirce, 39 anos, conforme previsto no artigo 36 da Lei n. 10702 de 10 de março de 2011:

Para exposição e venda dos produtos, serão empregadas bancas nas medidas estabelecidas para cada grupo de atividade, e toldos que não permitam a passagem de luz, de forma que abriguem toda mercadoria exposta e que cubram a parte inferior do balcão das bancas, bem como os veículos especiais quando for o caso, observando a padronização determinada pela Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento.

### **Imagem 27** – Barraca especializada em queijos



Fonte: dados da pesquisa (2024).

A questão da higiene no ambiente da feira também foi melhorada: “tem banheiros químicos agora”, informa Joaquim, 69 anos, dono da barraca de doces na feira de domingo. Uma crítica apresentada é a falta de policiamento, apesar de alegarem que os roubos diminuíram no ambiente da feira diminuíram com o passar do tempo. Outra crítica feita por um dos feirantes é a mudança na configuração dos produtos que podem ser comercializados em cada tipo de barraca. Hoje, as chamadas barracas de mercearia em geral têm liberdade para vender variados tipos de produtos, como farináceos, grãos, ovos, temperos, queijos. Com isso, as barracas que

oferecem somente queijos se sentem prejudicadas, conforme Imagem 27. Zildomar, 67 anos, dono de barraca só de queijos na feira de domingo argumenta:

Então, a banca que trabalha só com queijo fica mais prejudicada, porque ela tem uma atividade só. E as bancas de tempero, que vendia tempero, vendia a rapadura, hoje elas vendem de tudo. Inclusive, a minha inscrição é mercearia, quando arrumou a inscrição, em 1984, foi arrumado como inscrição de produtor rural - aquilo que eu produzisse eu traria e poderia vender. Eu não tenho interesse em trabalhar com outras atividades que contém na mercearia. Então, no meu caso, prejudicou um pouquinho.

Foram apontadas mudanças que ocorreram devido à expansão desenfreada de comércios do gênero alimentício (supermercados, atacadistas, sacolões, açougues, peixarias etc.). Segundo os feirantes, esse fato abalou a venda dos produtos ofertados por eles. Porém, João, 70 anos, acredita na qualidade e singularidade dos produtos ofertados na feira livre:

(...) com a chegada de tantos mercados, repartiu muito as coisas, mas os fregueses da feira, eles não deixam de vir comprar na feira porque na feira eles têm muita opção para andar, ver; e as mercadorias da feira sempre tem diferença da dos mercados e tudo. Não quer dizer que o da feira é melhor. É diferente! Se você vai ao mercado hoje, não acha uma fruta desse tipo aqui: madura e natural desse jeito.

### **Imagem 28** – Folhas ocupam parte da rua na feira de domingo



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Feirantes de ramos diversos também apontam o diferencial das mercadorias que são produzidas e vendidas pelos próprios feirantes, sem intermediários. A análise do registro fotográfico da imagem 28 traz o exemplo do dono da barraca de verduras e folhas na feira de

domingo, Ubiratã, 52 anos: “eu planto folha também. Acho que deu uma equilibrada, porque o supermercado não vende folha boa!”, garante.

Apesar de ser a mesma profissão, cada feirante a exerce de forma diferente, de acordo com as necessidades de cada um. A realidade de Baltazar, que participa de 7 feiras durante a semana, pode ser parecida com a de muitos colegas: ele acorda bem cedo para chegar ao local da feira antes do sol nascer, por volta das 5h. O tempo médio necessário para montar (sozinho) a barraca e organizar os produtos para exposição é de duas horas, ele explica a demora: “(...) tem banca que é carretinha, mas tem banca que é igual a minha: tem de montar e desmontar. Tem carretinha que é elétrica, o cara já chega liga ela ali, aqui é no braço mesmo!”. O início das vendas se dá somente por volta de 8h. Rotina que pode ser observada no relato de Rodrigo, 23 anos, dono da barraca de mercearia, que participa de 6 feiras na semana:

Eu sempre acordo mais ou menos umas 4:30. Acordo, arrumo umas coisas, coloco os queijos na caixa, lavo a geladeira e ponho tudo na caminhonete, organizo os ovos, coloco o alho descascado para trazer. Então é, mais ou menos uns 40 minutos, mais meia hora até chegar no ponto da feira.

Há quem acorde ainda mais cedo e garanta que o tempo dedicado ao trabalho na feira, mesmo que não esteja lá, é integral. É o que confirma Mauro, que levanta às 3h para lavar os queijos e preparar os produtos que serão vendidos na barraca de temperos. Ele participa de 5 feiras durante a semana. É um serviço contínuo, que vai além do evento propriamente denominado feira, já que, para ele acontecer, os feirantes – sozinhos ou com ajuda de familiares ou auxiliares – gastam em torno de uma hora antes (com a preparação dos produtos) e duas a três horas após a feira para organizar tudo. Na visão da feirante Dirce, 39 anos, que participa de 7 feiras na semana, o serviço demanda empenho constante:

A gente tem o dia certo. Tudo que eu produzo na segunda e terça, que é a minha folga, eu já deixo tudo preparado. Como minhas feiras são corridas, eu faço duas no dia, eu já carrego a caminhonete tudo num dia só, porque não dá tempo nem de passar em casa, de uma feira eu vou para outra. Guardamos segunda e terça (folga) para fazer as coisas e o restante só repondo, até domingo.

A semana parece ser pequena para tantas atividades. Vê-se no relato de Igor, 30 anos, dono de barraca de mercearia na feira de quinta-feira, que participa de 5 feiras na semana:

Faço tudo sozinho. Segunda eu vou no CEASA, compro as coisas, só que segunda não tem feira! Terça eu acordo cedo, lavo queijo, arrumo frango e faço feira terça no Pequis (bairro). Quarta não tem feira, quarta eu não mexo. Hoje, na quinta, vou no CEASA, chego, faço tempero, lavo os queijos, de novo. Sexta eu não tenho feira. Para sábado e domingo (dias de feira) a gente consegue preparar tudo na sexta à noite.

Para aqueles que têm plantação própria, o trabalho é ainda mais árduo: precisa-se de cerca de 6 horas antes da feira para colher na plantação, garante Miguel, 41 anos, que participa de 3 feiras na semana. A Imagem 29 apresenta o momento em que Miguel (nome fictício) recebe ajuda para desmontar a barraca.

**Imagem 29** – Miguel desmonta barraca com ajudante



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Já Olímpio, 58 anos, participa somente da feira de domingo e explica que prefere buscar o produto que vende na roça do pai no dia anterior à feira, pois, segundo ele, gasta quase um dia inteiro somente para colher e separar a gueiroba, com a ajuda de um funcionário. Também é a realidade de Robson, 46 anos, que participa de 8 feiras durante a semana: “a preparação para estar aqui na feira, hoje, no horário de 14h30, começou às 4h da manhã: buscando o milho. Eu busquei o milho das 4h até às 6h, das 7h até 13h (estava) no CEASA: comprando, empacotando. Agora estou aqui na feira”. Na visão de Sato (2012, p. 189): “essa dimensão temporal marca importantes relações de interdependência entre os diversos dias, havendo ou não feira livre”.

Os que revendem produtos têm mais tempo “livre”. Alguns têm os produtores que entregam mercadoria em casa, tudo pronto. Há os que preferem ir comprar em outros estados, como São Paulo. Outros compram em distribuidoras ou pedem pela internet. Joaquim é dono da barraca de doces e queijos e revende os doces feitos na fábrica do irmão, diferente de Sebastião que segue o mesmo ramo na feira, mas é ele quem faz todos os doces que vende: “cerca de 6 horas antes da feira eu começo a preparar”, explica.

Entre os feirantes há contradição sobre haver ou não tempo para descanso após o término da feira, porém mais da metade deles garante que não descansam ou só descansam às vezes. Alex, 50 anos, trabalha em 6 feiras durante a semana, diz que descansa quando tem somente uma feira no mesmo dia. Dia de domingo ele participa de duas feiras, sai de casa às 4h30, termina a primeira feira por volta de 12h30, almoça em casa e segue para a próxima feira, que só termina às 22h. Outro desafio é conciliar as tarefas domésticas com as atividades de trabalho, conforme explica Larissa, que participa de 6 feiras:

(...) a gente chega em casa e tem que arrumar tudo, tem que repassar tudo, colocar, tirar o que não está legal para consumir, para poder vender e colocar tudo que precisa ser colocado, e eu vou terminar tipo 4h da tarde. Daí você tem que arrumar um almoço, arrumar tudo, então, não dá tempo (para o descanso).

O trabalho não finaliza com o fim da feira: “a gente tem que chegar em casa e fazer um tempero, lavar um queijo, organizar alguma coisa, lavar umas vasilhas”, lamenta Rodrigo, que também participa de 6 feiras durante a semana. Trata-se de uma rotina exaustiva de privação de sono e trabalho árduo, pois, segundo Dirce, feirante em 7 feiras, a maioria deles dorme por volta de 4 horas por noite durante os finais de semana.

Para aqueles que, além de participar da feira, trabalham na plantação dos produtos a serem vendidos, o tempo de descanso ainda é menor: “um dia ou dois na semana só descansa 1 hora ou duas e vai pra chácara para trabalhar mais, trabalha uma média de 12, 14 horas por dia”, garante Sérgio, 69 anos, feirante em 6 feiras. É o caso de Zildomar, que trabalha na feira de domingo de manhã, e afirma que o descanso só se dá até a manhã de segunda-feira, quando vai para a fazenda e fica até quinta-feira, cultivando os produtos comercializados. Já os feirantes, que não participam de feiras no período da manhã, garantem que conseguem descansar mais, por não ter que acordar tão cedo.

Quanto a organização dos produtos nas barracas, a Prefeitura de Uberlândia exige que esteja exposto o preço e seja classificado (nomeado) cada produto, conforme exige o artigo 49 da Lei n. 10702 de 10 de março de 2011: “No início de suas atividades diárias o Permissionário deverá (...) VI - afixar sobre toda mercadoria, de modo visível, a indicação dos preços praticados para cada mercadoria”. O que pode ser percebido na análise da imagem 30.

**Imagem 30 – Preço dos ovos**



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Na banca de utilidades domésticas, por exemplo, tudo é separado: peças, alumínio, consertos. O que também acontece na barraca de brinquedos, há itens que ficam mais na frente para maior visibilidade, produtos com maior saída. Já na de calçados, a separação se dá por ordem (masculino, feminino e infantil) para facilitar a localização. Os que vendem doces distribuem por ordem de tamanho, peso, qualidade dos doces - goiabada, bananada, doce Leite, paçoca, cocada.

Para grande parte deles, essa organização se tornou quase automática, pela forma repetitiva com que fazem: “a gente já compra as mercadorias de forma planejada para cada um possa ter seu lugar de colocar, tudo dividido entre qualidades e preços, explica João, 70 anos, que trabalha na barraca de frutas na feira de domingo. Da mesma forma, o dono da barraca de mercearia, na feira de sábado, Rodrigo, 23 anos, concorda:

E a gente sabe, mais ou menos, o jeito de colocar cada coisa. Então, vou pegando o queijo, colocando na vitrine, organizando, tirando da caixa os temperos, abrindo, limpando os ovos. A gente vai colocando na cartela, tirando se tiver trincado, quebrado, e assim vai.

De acordo com a análise do registro fotográfico da Imagem 31, o mesmo acontece com as barracas de verduras, em que cada uma delas tem o local específico, soltas ou em pacotinhos: batata doce, cará, inhame, cebola, todas em seu devido lugar.

**Imagem 31** – Verduras separadas em pacotes



Fonte: dados da pesquisa (2024).

**Imagem 32** – Barraca de folhas



Fonte: dados da pesquisa (2024).

O feirante Robson, 46 anos, dono da barraca de hortifruti na feira de quinta-feira, traz os produtos separados em pacotes e orienta: “Somente limpar algum produto que estiver sujo, no período de muita poeira, período de seca. Às vezes o produto está muito sujo. Passar um paninho no produto e expor da melhor forma possível”. Assim como os queijos: “faço a

separação deles lá em casa. Já vem tudo separado: os frescos, meia-curas, curados, já vem todo separado!”, assegura Zildomar, 67 anos, dono da barraca de queijo na feira de domingo. Já aqueles que trabalham com hortaliças, as separam por tipo: as frutíferas e legumes de um lado, e as plantas do outro. A técnica das folhas é diferente: ao colher, devem guardá-las num local arejado, e cobri-las para não “queimar”, conforme Imagem 32.

A atividade considerada mais importante durante a feira é o bom atendimento ao cliente. Oferecendo mercadoria de qualidade, tendo um bom diálogo para que a pessoa se sinta acolhida e volte: “a gente tenta atender o máximo de pessoas possível, com a melhor qualidade possível. Porque, se a gente não atender bem, o cliente não volta”, confirma Dirce, 39 anos. Percebe-se que o cliente é a prioridade durante o trabalho. Um bom exemplo foi dado por Olímpio, 58 anos, dono da barraca de mudas e plantas na feira de domingo, ao dizer que para de descascar a gueiroba para atender bem os clientes, que, em maioria, são idosos. Aí se estabelece o vínculo com os clientes, pois, muitos deles passam na barraca para cumprimentar os feirantes, mesmo que, naquele dia, não tenha a intenção de comprar algo. Mas isso é a recompensa por uma dedicação constante do feirante, conforme reconhece Larissa, 49 anos:

Quando você começa a montar (a barraca), você tem sempre que ter o pensamento de que é o seu trabalho. Você precisa vender, você tem que se dedicar àquilo, porque é uma coisa importante para você, um negócio que depende da sua criatividade, da sua dedicação, da sua força vontade. Então, a gente sempre tem que pensar em tudo com muito carinho.

Porém, na visão de Robson, 46 anos, não é somente o atendimento ao cliente que é importante, mas toda a atividade feita pelo feirante naquele momento: “Não tem como classificar atividade mais importante. Ora eu estou descascando milho. Ora eu estou picando a mandioca. Ora eu estou do outro lado lá, pesando uma banana. Tudo é importante”. A análise da Imagem 33 confirma o que foi defendido por Robson.

**Imagem 33** – Freguesa escolhe a mandioca



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Verifica-se que um bom feirante é caracterizado por sua organização, de acordo com Larissa, 49 anos:

É preciso deixar tudo organizado. Você deve saber o que tem e o que você não tem. Estar tudo organizado para começar. Você tem sempre que saber que precisa sair de casa um pouco mais cedo, porque pode acontecer imprevistos: trânsito, pode furar um pneu, pode precisar de alguma coisa. Então, a gente tem que estar com tudo muito bem organizado e tudo no esquema certo, senão não tem feira!

Como o trabalho de feirante é constante, há várias atividades que são realizadas entre uma feira e outra. Pode-se citar: verificar produtos faltantes; repor mercadoria; lavar queijo e colocar para curar; fazer mais doces, fazer temperos, descascar alho, A preparação higiênica da feira; desmontar a barraca e acondicionar os produtos nas “peruas”; verificar o que não está bom para ser comercializado; guardar frutas na câmara fria; religar o freezer dentro da kombi; cuidar das hortaliças; combinar com funcionário a hora de ir para a próxima feira. A Imagem 34 mostra como o uso da tecnologia pode ajudar o feirante a realizar as multitarefas do seu dia a dia na feira. O meio de transporte tornou-se também o local de refrigeração dos queijos. Outra facilidade que a tecnologia trouxe foi o uso de máquinas de cartão e PIX para a realização de pagamentos, poupando tempo que o feirante usaria para dar o troco ao cliente.

**Imagem 34** –Queijos guardados no freezer improvisado



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Um dos feirantes confessou que faz doação dos produtos que não são vendidos para uma “assistência espiritual”. Segundo ele, por volta de 12h de domingo, chega uma equipe para recolher a doação feita por ele: “Aquilo que eu vejo que não vai aguentar bem para a próxima feira, eu faço a doação”, admite João, 70 anos, dono da barraca de frutas.

A dificuldade apontada em trabalhar em mais de uma feira na semana é quanto à falta de tempo: “eu faço seis feiras na semana, então, praticamente, eu só durmo e trabalho, não faço mais nada!”, lamenta Sebastião, 37 anos, dono da barraca de doces e queijos na feira de quinta-feira. Outra, a locomoção – devido a distância entre os locais de feira e a residência de alguns feirantes: “Tem percurso que eu faço de 20 quilômetros: saio do Aeroporto (bairro) e vou para Shopping Park (bairro) duas vezes na semana, na quarta e no domingo”, diz Robson, 46 anos, que trabalha em 8 feiras (o maior número registrado nesta pesquisa). O que também atrapalha o trabalho deles é a falta de ajudantes.

No entanto, a maioria admite que há tranquilidade em se fazer uma feira por dia, o que não ocorre quando há mais de uma feira no mesmo dia. Não há descanso, confirma Rodrigo, 23 anos, que participa de 6 feiras:

(...) mais de uma feira na semana é até tranquilo. Agora, duas feiras no (mesmo) dia é complicado. Mas tem muita gente que faz. Eu acho complicado porque a gente já acorda cedo para ir a uma feira de manhã. Praticamente sai de uma, só almoça e vai para outra. Ainda mais se a pessoa tiver feira no outro dia de manhã, é mais cansativo ainda!

A logística para participar de duas feiras no mesmo dia nem sempre dá certo. Aos domingos as feiras da parte da manhã terminam às 13h, e, aqueles que também tem feira na parte da tarde, precisam estar no local até 14h30. Uma hora e meia para guardar os produtos, desmontar as barracas (as que precisam ser desmontadas), almoçar, seguir para a próxima feira, montar a barraca (aquelas que precisam) e expor novamente os produtos. Se atrasar numa feira, chega atrasado na outra e pode prejudicar os demais feirantes. Larissa, 49 anos, relata: “você se levantar às 4h da manhã, sair de casa 5h e voltar às 10h da noite, não é para qualquer um. Então, você tem que realmente gostar do que você faz e tem a questão da precisão’.

É notável que, de acordo com que o tempo passa, o cansaço deles aumenta, assim como diminui a disposição em trabalhar em muitas feiras: “Há uns anos, eu fazia feira quinta, sexta, sábado e domingo. Hoje eu faço só sábado e domingo”, relata Zildomar, 67 anos. É o que confirma João, 70 anos, que participa de 3 feiras: “tem gente que faz 7 feiras na semana, aí tem que ser para pessoa mais nova e que tenha duas, três pessoas, ou até mais, para ajudar, porque é bem cansativo, é bastante cansativo!”. Conciliar o trabalho na feira com as atividades domésticas, vida familiar e lazer é um desafio para eles.

Apesar dessas dificuldades, há um lado muito positivo no trabalho dos feirantes, que é quase uma característica deles: a alegria. Entre uma venda e outra, uma brincadeira, que pode trazer um sorriso para quem ouve. Um desses momentos foi presenciado durante as entrevistas. Ao passo que a freguesa pede  $\frac{1}{4}$  de queijo, o feirante pergunta:  $\frac{1}{4}$ ? É de casal ou de solteiro? Risadas por todos os lados, tornando o ambiente bem mais leve e divertido. Muitos garantem que se divertem durante o trabalho, e isso faz o “tempo” (ou a percepção de tempo deles) passar mais rápido. De acordo com os feirantes, há muita diversão, brincadeira e conversas, principalmente, sobre futebol, política, religião. É o que admite Larissa, 49 anos:

(...) a gente só não ganha muito dinheiro, mas a gente se diverte bastante. Porque é um conversando com outro, um brincando com o outro. As pessoas interagem. É bom, eu gosto. Acho que faz o tempo passar mais rápido, a gente se cura das coisas. Tem dia que você não está muito bem, mas começa a trabalhar e vai interagindo, vai distraído com outras coisas, quando você vê: acabou o dia! E nem sabe mais por que está estressado (risos).

De modo geral, os feirantes não pensam em fazer mudanças nas barracas, somente modernizar o que já está sendo feito, até porque a Prefeitura de Uberlândia exige que cada uma delas tenha um perfil específico. E como a maioria trabalha há muito tempo no mesmo ramo dentro da feira, uma mudança poderia ser difícil: “se eu for para uma banca de fruta, eu não vou

saber manusear, eu vou ter que reaprender. Se eu for para uma banca de folha, eu também não entendo muito bem”, explica Larissa, 49 anos, dona da banca de hortifruti na feira de sábado.

Baltazar, 58 anos, dono da barraca de utilidades domésticas, mencionou que tem vontade mudar o jeito de trabalhar e comprar uma carretinha. Com isso, ele poderia até pegar mais pontos em outras feiras ou trocar por pontos em feiras melhores, porém, de acordo com ele, o comércio não está bom e a concorrência entre os feirantes é grande, o que causa desânimo entre eles: “acontece de muitos feirantes largarem a feira. Tem gente que pegou feira este ano, pegou banca, ponto, e largou, vendeu, abandonou”, justifica. Ele também salienta que o ponto que é adquirido com a prefeitura só pode ser vendido após 2 anos. Antes desse tempo, caso o dono queira desfazer o negócio e dispor da banca, é necessário devolver para a prefeitura e pagar o que deve a ela.

O tempo do feirante é praticamente todo dedicado à feira e à preparação para a feira. Ao serem questionados quanto do tempo deles fica em função disso, algumas respostas foram: 24 horas por dia; 7 dias por semana; a semana inteira. Verifica-se que, mesmo quando não estão no local da feira, o restante do tempo é dedicado para adquirir ou preparar os produtos que serão vendidos: “De segunda a domingo. Porque quando não estou aqui, estou na roça trabalhando lá”, diz Olímpio, 58 anos, produtor rural e dono da banca de mudas e plantas na feira de domingo. O desgaste é perceptível: “De 24 horas, eu acho que eu fico 18 horas. Durmo 6 horas por dia, talvez até menos!”, conclui Robson, 46 anos, que trabalha em 8 feiras durante a semana. É evidente que não é possível que esse seja realmente o tempo gasto por eles, porém, o exagero dá ênfase à percepção temporal sentida por eles (Collinson; Collinson, 1997).

E mesmo nos dias em que descansam, eles trabalham: “Mas os dois dias que estou em casa é fazendo alguma coisa para a feira: produzindo uma farinha, fazendo tempero, descascando alho. Todos os dias, ao menos um pouquinho, a gente faz”, desabafa Dirce, 39 anos, que participa de 7 feiras. A feirante Martha, 37 anos, resume:

A vida do feirante gira em torno da feira. Então, quando você me pergunta quanto tempo é dedicado, é praticamente o tempo todo. Porque quando sai da feira, você vai cuidar da mercadoria, aí lembra que tem que tirar uma mercadoria do freezer ou tem que embalar uma mercadoria, então isso pode ser 10 horas da noite, você vai ter que fazer aquele trajeto. Às vezes acontece alguma coisa na madrugada, você tem que ir lá acudir a mercadoria.

Atividades inerentes à profissão, como fazer compras no CEASA, pagar fornecedores, organizar produtos, ou fazer temperos, farinhas, queijos e doces, são feitos nos dias de “folga” dos feirantes. O lazer é deixado em segundo plano ou deixar de trabalhar um dia com esse

propósito: “não, hoje eu não vou à feira. Eu vou para Caldas Novas e esquecer essa feira hoje. Aí não vem, o ponto fica parado, sem ninguém”, detalha Baltazar, 58 anos, que trabalha em 7 feiras.

Ao serem questionados sobre terem vontade de participar de mais feiras, foram unânimes em dizer que não. Alguns até enfatizaram que pretendem reduzir o número de dias de feira para descansar. A exaustão e a chegada de uma certa idade são os motivos mais citados: “Penso em diminuir a quantidade que eu faço pelo menos pela metade, até porque a idade chega e a gente não tem mais a mesma disposição”, admite Larissa, 49 anos, que participa de 6 feiras. Alguns até têm vontade, mas entendem seus limites e necessidades de dias para descanso. Conforme Imagem 35, Jorge, 56 anos, participa de 4 feiras e diz não querer aumentar, pois já está idoso e os filhos já estão formados.

**Imagem 35** – Rotina na barraca de hortifruti



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Ele necessita de contratar um ajudante para conseguir executar o trabalho como feirante. De acordo com Sato (2012, p.150): “O recrutamento de trabalhadores para a feira livre aproveita-se de diversas redes de relações sociais. Dá-se de uma forma pessoal, na conversa que firma acordos, que pode ser para um dia de trabalho ou por tempo indeterminado”.

Outros pensam em deixar algum tempo para apreciar a companhia da família e fazer compras fora da cidade (que demanda mais tempo). Somente um feirante admitiu ter disposição para aumentar o número de feiras, já que ele só trabalha na feira de domingo e quer um ponto na feira de sábado citada nesta pesquisa. De acordo com Olímpio, 58 anos, há 7 anos ele tenta

conseguir uma vaga na feira de sábado, mas a Prefeitura de Uberlândia não libera o espaço para ele. Por fim, um dos feirantes expôs a ideia de adquirir mais pontos de feira e colocar terceiros para trabalhar, sendo o responsável por elas. Sato (2012) denomina como “multinacional da feira” os feirantes que possuem diversas bancas administradas por meeiros.

Pensando nessas dificuldades, apesar de terem recebido o trabalho na feira como uma herança familiar, a maioria dos feirantes não têm a pretensão de passá-lo aos seus filhos. Larissa, 49 anos, explica que, apesar de amar a profissão, não deseja que seus filhos continuem nela: “Eu quero que eles tenham profissão, que eles possam ter uma vida melhor, mais tranquila”. Dirce, 39 anos, concorda ao afirmar:

Pretendo passar (o ofício da feira), mas eu quero que eles (os filhos) estudem. Não que a feira seja ruim, a feira é muito boa! Só que é de geração: a família do meu marido todos são feirantes. Eu entrei na família e virei feirante, já tem mais de 30 anos de feira que eles têm. É uma herança dele (do marido), não minha (risos).

Grande parte dos filhos dos feirantes já seguem outras profissões, ou estão estudando para isso: “nenhum dos meus filhos quer mexer com isso não, uma vai ser médica e o outro é investidor”, se orgulha Sérgio, 63 anos, que possui nível superior incompleto e trabalha em 5 feiras. De forma semelhante, há satisfação quando Ubiratã, 52 anos, afirma que uma das filhas faz o curso de direito e a outra faz medicina veterinária. Ele somente completou o ensino médio. O principal motivo para que os pais desejarem que os filhos tenham outra profissão é a fato de o trabalho na feira ser exaustivo, explica Rodrigo, 23 anos, que possui nível médio incompleto e não possui filhos: “se eles quiserem, eu pretendo (passar a feira), mas, se fosse da minha opinião, eu preferia que eles estudassem, tentaria outra coisa melhor. A gente tem dificuldade que é a correria, não tem muito tempo. Eu quero uma coisa melhor quando eu tiver filhos”. Parece haver uma contradição, já que os feirantes herdaram este ofício e não querem passá-lo aos filhos. Na visão de Sato (2012, p. 156), trabalhar na banca de família pode não ser uma opção, mas, sim, uma obrigação; pode não ser uma opção, mas, sim, a última alternativa”.

Apesar disso, na visão de Marta, 37 anos, que segue a tradição familiar de feirante: “a gente pensa em não passar (a feira) para os filhos, mas acaba que, no processo, herda e o filho não vê necessidade de sair daqui para buscar uma coisa maior”. Possivelmente esse será o futuro dos 4 filhos do feirante Robson, 46 anos, que possui nível superior incompleto. Hoje ele trabalha em 8 pontos de feira durante a semana, e pretende deixar dois para cada um dos filhos. O inverso também acontece: Baltazar, 58 anos, analfabeto, conta que foi o filho que o levou para o ofício

de feirante. Hoje ele possui uma barraca de utilidades domésticas e trabalha em 7 feiras na semana.

De forma oposta pensa Sebastião, 37 anos, que está fazendo faculdade de enfermagem com o intuito de mudar de profissão e não deixar essa herança para os filhos: “Não tenho interesse que eles assumam a feira, de jeito maneira!”, enfatiza. João, 70 anos, não completou o ensino fundamental, e sabe que os filhos estudaram e não têm interesse em assumir a feira: “se acontecer de eu achar um neto ou, por coincidência, até um funcionário que eu tenha uma boa consideração por ele, e quiser continuar (o trabalho na feira), eu sou capaz até de fazer a doação da minha banca”.

Na visão da maioria deles, a juventude atual precisa mesmo é estudar, se qualificar para obter melhores oportunidades no mercado de trabalho e não precisar assumir um trabalho tão árduo como o de feirante: “a vida do feirante é para quem já não quis estudar, porque, para quem não estudou, trabalhar numa banca de feira com as coisas em ordem, sabendo trabalhar, é melhor do que trabalhar de empregado”, explica João, 70 anos. A feira se torna uma opção aos que não se qualificaram, conforme acredita Francisca, 54 anos, que possui ensino médio completo:

(...) porque a pessoa que tem estudo não vai vir em feira (para trabalhar), mas aqueles que não se encaixam dentro do quadro do mercado sim. O mercado (de trabalho) precisa de uma pessoa que tem qualificação. E para aqueles que não têm, o que sobra é a feira! Tem gente que estuda e está aqui na feira (trabalhando). Que tem uma formação melhor, só porque gosta, que é herança de família.

### **imagem 36 – Idosas escolhem ovos**



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Nota-se um certo desânimo em alguns desses feirantes. Segundo Baltazar, 58 anos, o comércio anda ruim, e se ele pudesse escolher, hoje não se compraria uma banca de feira, mas agora que ele está no ramo, é obrigado a continuar. Isso reflete o que os feirantes pensam sobre o futuro das feiras livres no Brasil. Sebastião, 37 anos, explica que, em 10 anos, caiu 50% do movimento e das vendas. Alguns acreditam que é um tipo de comércio que irá perder força com o passar do tempo: “a geração que está vindo não quer saber muito de feira. De acordo com a imagem 36, hoje, na faixa de 80% das pessoas que vêm à feira são mais idosas, as pessoas mais novas quase não vêm”, reflete Igor, 30 anos, dono da barraca de mercearia na feira de quinta-feira.

Na visão de Marta, 37 anos, o perfil da feira está mudando e, segundo ela, pode ser que ela acabe pela falta de quem produz, os produtores rurais. Ainda assim, ela defende a qualidade do produto ofertado pelos feirantes, em detrimento dos outros comércios, por ser um produto produzido sem o uso dos agrotóxicos, sem conservantes. Outra dificuldade que poderia levar ao fim da feira livre é a concorrência com outros tipos de comércios que surgiram, aponta Larissa, 49 anos:

A população, hoje em dia, quer muita praticidade. Então, se elas estão no mercado, elas já fazem a compra toda delas ali. Alguns gostam de comer legumes e frutas, outros não. Então vão no mercado e, por lá mesmo, compram tudo que querem comprar. Eu acho que futuramente não vai haver feira.

Para aqueles que almejam ser feirantes, Sérgio, 63 anos, dono da barraca de hortifruti na feira de domingo, aconselha que trabalhe com hortifruti, já que, segundo ele, os produtores estão escassos: “a maioria do pessoal não quer saber de plantar mais, está um caos. Se você for ao CEASA hoje, a maioria dos produtores é gente mais de idade”, explica Sérgio.

As melhorias citadas para o futuro da feira são principalmente relativas à segurança pública: “tem muito problema aqui na feira com drogas, álcool, muito furto. Na rua de trás, um cliente meu já foi assaltado, então já deixou de vim”, lamenta Olímpio, 58 anos, dono da barraca de mudas e plantas na feira de domingo. Um dos requisitos para haver um bom futuro para as feiras é haver união e diálogo entre os feirantes. A maioria deles acredita que, para se ter um bom local de trabalho, é imprescindível haver uma boa convivência entre si, já que eles, de alguma forma, estão sempre se encontrando em uma ou outra feira da qual participam. Uma das questões mais importantes para ter diálogo e união entre eles é a segurança, conforme relata Marta, 37 anos:

É uma questão de proteção, porque a gente se expõe a chegar na feira às 5 horas da manhã. Então, se a gente não tiver união, é muito roubo, tem o vandalismo, tem as questões do perigo de estar na rua há muito tempo. Já teve situações de assalto, de morte, de espancamento, de abusos sexual. É um meio que a gente tem para se proteger, porque a gente está à mercê de qualquer situação.

Mas, apesar de necessária, segundo os feirantes, não acontece da forma que deveria, pois há uma certa rivalidade entre feirantes do mesmo segmento: “talvez tenha amizade com o tempereiro, com o da folha, com o doce; agora, o verdureiro com verdureiro sempre dá um probleminha”, justifica Robson, 46 anos. O feirante Igor, 30 anos, dono da barraca de mercearia na feira de quinta-feira, defende: “se a gente tivesse mais união seria necessária para correr atrás das coisas”. Em concordância, Larissa, 49 anos, garante que, se fossem mais unidos, as reivindicações deles seriam mais fortes. Com isso, Igor defende o papel do sindicato dos feirantes, mas questiona a agilidade. Assim como Larissa não vê a funcionalidade dele. No entanto, Olímpio, 58 anos, garante que há benefícios em ser sindicalizado: “Tem algumas facilidades na hora de pagar alguns impostos, alguns exames. A lona, quando precisa comprar, sai mais barato”, enfatiza ele.

De modo geral, eles garantem que há competição entre si, fato que incomoda bastante alguns: “além da competição com os supermercados, com os hipermercados, com os atacarejos, entre os feirantes há muita competição!”, percebe Sebastião, 37 anos, dono da barraca de doces e queijos na feira de quinta-feira.

Porém há aqueles que se unem para garantir melhores preços. Dirce, 39 anos, explica que ela faz parte de uma “família” de 7 barracas de temperos, que se juntam com o intuito de adquirir produtos pelo menor preço para todos eles. Fato semelhante acontece com Robson, 46 anos, dono de barraca de hortifruti na feira de quinta-feira: “eu, que sou um feirante novo, tenho um grupo de amigos que consegue fazer compras no CEASA reunidos. Eu tenho vários amigos que fazem feiras em locais diferentes, a gente compra junto para poder ter preço melhor”, justifica.

A atuação da Prefeitura de Uberlândia frente à organização das feiras foi bastante elogiada pelos feirantes. A feira é vinculada à prefeitura, que determina todas as diretrizes de funcionamento, inclusive o posicionamento das barracas em cada feira. Segundo, Robson, 46 anos, que possui registro dos 8 pontos de feira em nome próprio, se o feirante estiver com os impostos em dia, com a lona das cores determinadas, com a estrutura em ordem, ele não é notificado. Mas se acontecer de não seguir as diretrizes, recebe a notificação. É o que garante Igor, 30 anos, que possui registro dos 5 pontos de feira em nome próprio:

A prefeitura, sempre que a gente precisa, está lá para apoiar a gente. Tem certas decisões que eles tomam que, se tomadas de jeito diferente, seria melhor para os feirantes, mas sempre está lá, prestando atenção no que a gente precisar. Eles servem a gente.

O trabalho dos fiscais da feira foi elogiado. Eles só chamam atenção dos trabalhadores, caso haja alguma irregularidade. Agem com o intuito de impedir que ambulantes comercializem seus produtos no espaço da feira, causando prejuízo aos feirantes devidamente cadastrados, e que pagam os impostos. Segundo Marta, 37 anos, que tem registro em nome próprio das 6 feiras das quais participa, muitas vezes os fiscais vêm acompanhado pela Polícia Militar para solucionar algum problema identificado pelos feirantes.

Em discordância, Dirce, 39 anos, que possui registro em nome próprio das 7 feiras, alega: “tem horas que a prefeitura estipula algumas coisas que não estão ao alcance de ninguém”. Segundo ela, os feirantes são muito cobrados pela prefeitura. Ubiratã, 52 anos, concorda com ela ao dizer que há dificuldade no trabalho da prefeitura em fazer liberações. O que também assegura Sebastião, 37 anos: “sempre que você precisa, eles nunca podem e nem te atendem em nada!”. Por vezes, os feirantes precisam de algum intermediário no meio político para brigar por suas necessidades, explica Larissa, 49 anos:

Muitas das vezes você tem que conseguir um padrinho para poder apoiar os feirantes, para os feirantes conseguirem aquilo que querem. Um político, alguém que tem algum tipo de influência. Na grande maioria das vezes tem sempre um vereador que toma a causa dos feirantes.

Os procedimentos para obter a liberação para ser feirante são adequados, segundo eles. Essa liberação depende de uma ação conjunta entre a Prefeitura de Uberlândia e o sindicato dos feirantes. Aqueles que têm vontade de começar ou renovar a liberação, precisa passar por um processo de licitação: “eles tiram o nada consta na Polícia Civil, na Polícia Federal e tem que estar em dias para trabalhar, porque você paga território em que trabalha”, alega Baltazar, 58 anos, que possui registro em nome próprio das 7 feiras que faz durante a semana. Caso a barraca não esteja de acordo com as exigências da prefeitura, o ponto é colocado à disposição para ser adquirido por meio da licitação.

Joaquim, 69 anos, dono da barraca de doces e queijos, possui registro em nome próprio das 4 feiras das quais participa. Ele afirma que não é possível iniciar uma atividade que já exista na feira: “você tem que comprar o ponto de outro que está querendo parar. Você não abre um ponto. Quem quiser iniciar tem que comprar o ponto de outro”, diz Joaquim. Porém há críticas quanto a transparência do processo de licitação, conforme acredita Sebastião, 37 anos:

Eles fazem uma falsa licitação: alguém ganha, eles informam quem ganhou, mas nunca mostrou o processo seletivo para ninguém. A transparência é zero! Eles só informam, mas mostram como o processo aconteceu, de maneira nenhuma. Nunca aconteceu e não acontece até nos dias de hoje.

Há questionamento sobre o formato no qual é feita a disposição das bancas, já que várias bancas do mesmo segmento ficam uma ao lado da outra, aumentando a concorrência: “Eu acho que deveria haver um estudo para ver a viabilidade das feiras. Eu acho que existe muita gente aglomerada numa feira só e, às vezes, em outras feiras, não tem o que precisa”, recomenda Larissa, 49 anos, dona da banca de hortifruti na feira de sábado.

A generalização dos critérios do que pode ser comercializado em cada banca também é um ponto negativo. Uma banca que antes era especialista em um certo produto, agora tem a permissão para vender outras mercadorias: isso atrapalha um pouco porque quando você vende um produto, você aprende a conhecer o seu produto e se especializa naquilo e quando você vende um pouquinho de cada, não dá excelência na qualidade do produto”, garante Marta, 37 anos, dona da barraca de Mercearia na feira de sábado.

Um ponto positivo é a boa relação que os feirantes têm com os consumidores da feira. A maioria garante que há clientes que compram na barraca deles toda semana. Conforme conta Dirce, 39 anos, que tem clientes que ela sabe o nome, onde mora e vai na casa. O feirante Zildomar, 67 anos, expõe que tem freguês que comparece à banca dele há 40 anos. Já Francisca, 54 anos, garante que além de ter clientes fiéis que só compram os produtos dela, esses também indicam outras pessoas para conhecer a barraca dela. De forma semelhante, Robson, 46 anos, diz que há aqueles que não falham nenhuma semana, pois já se acostumaram com os produtos: “vem buscar uma mandioca de qualidade, um milho fresquinho e tudo mais”. Percebe-se que a dedicação e atenção do feirante é que cativa o cliente, conforme explica Marta, 37 anos:

A maioria dos clientes da feira gera um vínculo. Você conhece o produto que ele gosta, que tipo de paladar que tem, como que você vai atender ele. Então, tem mercadoria que você já deixa separado para aquele cliente. E você sabe que é para aquele cliente que vai vender aquilo ali.

Larissa, 49 anos, conta que, com o passar do tempo, se torna uma relação de amizade:

Tem muitos (clientes) que vêm até aqui na minha banca e daqui eles voltam para trás. Então, tem gente que não vira o seu cliente, se torna seu amigo coisas. Você vai ganhando amizades que depois vê na rua, fica conversando com o pessoal. Então, as pessoas vão se tornando seus amigos e isso é muito bom.

Conforme o tempo passa, surgem algumas restrições alimentares por motivo de saúde, e alguns clientes não podem mais comer doces, por exemplo. Joaquim, 69 anos, dono da barraca de doce na feira de domingo, justifica que essas pessoas costumam passar o costume de comprar doces em sua barraca para um filho ou um neto, que continuam a tradição.

Nenhum dos feirantes informou ter algum problema de relacionamento com os fornecedores dos produtos que vendem. Para se ter uma boa relação, é necessário ter uma fidelidade: “ou seja, você tem que pagar o camarada em dia”, avisa Mauro, 57 anos, dono da barraca de temperos na feira de sábado. A maioria dos fornecedores é do CEASA: “não falta mercadoria, sempre tem a mercadoria que eu preciso, preço bom!”, garante Rodrigo, 23 anos, dono de mercearia na feira de sábado. Há um misto de fornecedores mais recentes com os que são de longa data: “Há 18 anos são os mesmos fornecedores”, explica Francisca, 54 anos, dona da barraca de calçados na feira de domingo. Baltazar, 58 anos, dono da barraca de utilidades domésticas, esclarece que há mercadorias que precisam ser compradas por eles em outro estado: “você busca muito pouco em São Paulo. A parte de conserto você não acha aqui e tem que buscar em São Paulo. De três em três meses, vai lá e faz uma compra de R\$15 mil. Se demorar a vender, você demora a comprar”. Outros acusam que conseguem melhor preço fazendo os pedidos pela internet.

#### **4.2 Implicações da temporalidade nas práticas organizativas das feiras livres**

Nesta seção, são analisadas as implicações da temporalidade nas práticas organizativas das feiras livres pesquisadas. Para tal, fez-se imprescindível voltar à questão norteadora deste estudo: Como as experiências organizativas dos feirantes, em feiras livres, geram diferentes formas de se interpretar e construir a temporalidade organizacional?

Para obter essa resposta, foi preciso entender a realidade temporal pesquisada, as experiências vividas pelos feirantes no trabalho com feiras livres, e compará-la com os tipos já existentes de temporalidade nas organizações: temporária, intermitente, efêmera e transitória. Esse percurso conceitual possibilitou identificar que as feiras livres, como organizações fluidas, não podem ser classificadas em nenhum desses tipos apresentados no referencial teórico.

Conforme visto, as organizações podem ter diferentes perspectivas sobre o tempo, a depender dos conceitos aprendidos ou das experiências vividas pelos agentes sociais, bem como se levar em conta a objetividade ou subjetividade que esses relacionam com as experiências vividas e como interpretam essas experiências (Orlikowski; Yates, 2002) como parte de quem esses agentes se tornaram, ao longo do tempo: a identidade do feirante. O Quadro 10 apresenta

a temporalidade das feiras como organizações policrônicas, ou seja, as múltiplas perspectivas temporais experimentadas pelos feirantes.

**Quadro 11** – As feiras livres como organizações policrônicas: tempos experimentados

<b>ORGANIZAÇÕES POLICRÔNICAS: TEMPORALIDADE EM FEIRAS LIVRES</b>			
<b>Objetiva</b>	<b>Subjetiva</b>	<b>Baseada na prática</b>	
As feiras têm um horário de início e término determinado pela prefeitura local. Esse tempo é exógeno à ação do feirante. E tem implicações também para: os moradores da rua na qual a feira ocorre, aquelas pessoas que trafegam costumeiramente (ou não) pela rua, e as pessoas responsáveis pela limpeza da rua, após a feira. Essa noção do tempo linear existe independentemente da ação humana, é exógeno e absoluto.	Passado, presente e futuro se entrelaçam nas interações entre os feirantes, os feirantes e os compradores e até mesmo com pessoas conhecidas que não chegam a fazer a compra. O tempo é socialmente construído nessas interações. Essa experiência do tempo gera a percepção de que a feira passou rápido ou mais lenta, conforme as interações e eventos imprevistos ocorrem.	Os feirantes realizam uma sequência de ações, que envolvem processos e práticas aprendidas ao longo do tempo: montagem da barraca da feira antes da chegada dos compradores; exposição dos produtos ou serviços e atendimento aos clientes e visitantes da feira; desmontagem das barracas.	
<b>Temporalidade organizacional: tempos experimentados (<i>timescapes</i>)</b>			
<b>Temporárias</b>	<b>Intermitente</b>	<b>Efêmera</b>	<b>Transitória</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Montagem da barraca</li> <li>▪ Exposição da mercadoria</li> <li>▪ Desmontagem da barraca</li> <li>▪ Carregar o caminhão;</li> <li>▪ Carregar caixotes com mercadorias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Comercialização</li> <li>▪ Expor os preços dos produtos</li> <li>▪ Atender e chamar a freguesia</li> <li>▪ Fazer cobrança e troco</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Compras no CEASA</li> <li>▪ Selecionar e limpar mercadoria</li> <li>▪ Embalar mercadoria</li> <li>▪ Reposição de mercadoria</li> <li>▪ Rever preço</li> <li>▪ Verificar o que pode ser vendido no dia seguinte</li> <li>▪ Limpar os tabuleiros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Deslocamento para a feira</li> <li>▪ Descarregar equipamentos de trabalho</li> <li>▪ Pendurar o varal</li> <li>▪ Desprezar o que não tem valor comercial</li> <li>▪ Deslocamento para a residência</li> <li>▪ Dirigir-se às chácaras</li> <li>▪ Descarregar caixotes vazios</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora, com base nos conceitos de Orlikowski e Yates (2002).

A perspectiva objetiva identificar aquilo que existe e independe da ação humana, neste caso, o horário de início e término da feira, conforme determinado pela Prefeitura de

Uberlândia, e a relação com o tempo e os afazeres dos moradores locais, das pessoas que trafegam pela via urbana e dos profissionais que realizam a limpeza do local. Holt e Johnsen (2019) argumentam que, ao invés de questionar como o tempo se apresenta na experiência humana, deve-se considerar tempo-para-nós (*time-for-us*) versus sem tempo-para-nós (*time-without-us*). Esse pressuposto se aplica a essa perspectiva objetiva do tempo, visto que o feirante precisa considerar aqui o tempo do relógio e do calendário (Bruni,1991). Na temporalidade objetiva, o tempo é um recurso estratégico precioso e uma medida da ação (Blagoev et al., 2024).

A perspectiva subjetiva é aquela socialmente construída pela ação humana (Berger; Luckmann, 2004), por meio das interações e experiências do tempo nas interações (Bluedorn, 2002) com clientes, moradores locais ou moradores de outros bairros, com os outros feirantes. A temporalidade subjetiva o tempo se assemelha ao que Blagoev et al. (2024) descrevem como concepção estrutural do tempo interpretado por regularidades, padrões, sincronia, assincronia, regimes temporais, ordens sociotemporais (Blagoev et al., 2024). Os moradores têm pressa e esperam pelo fim da feira para retornarem às suas rotinas. Quanto aos clientes, têm aqueles mais apressados e aqueles que estão com tempo disponível para conversar e atualizar as notícias pessoais e dos acontecimentos noticiados, os assuntos variam da política para a economia. Os motoristas que trafegam pelas ruas, por vezes, desavisados, esquecem que é dia de feira e as manobras para retornar com seus veículos são frequentes.

Por fim, há a perspectiva baseada em práticas recorrentes, todas as atividades e tarefas desenvolvidas por estes trabalhadores. Dawson e Sykes (2019) consideram o conceito de tempo múltiplo e não singular, conceito que se aplica aqui em situações em que a vida do feirante se confunde com o tempo e os afazeres da família, “nesse espaço, os afazes são multidimensionais” (Sato, 2012, p. 90). O conceito de temporalidade revela uma fluidez nas experiências cotidianas e na forma como os passados e os futuros surgem e atuam na construção de sentido temporal de um presente emergente: quando, por exemplo, se tem que sair de uma feira e já se preparar para outras na mesma semana ou no mesmo dia; manhã, tarde e noite são vividos como um longo dia de feiras, no plural! Hassard (2001) considera que a concepção de tempo que o indivíduo possui é uma combinação/articulação/mistura do tempo cultural (socialmente construído) e do tempo natural (biológico). Essa perspectiva se assemelha ao que Blagoev et al. (2024, p. 2158) descrevem como perspectiva relacional do tempo “um fluxo indivisível de eventos interconectados, uma relação enraizada entre passado, presente e futuro”, uma relação de continuidade, incerteza, fluxo, imaginário, memórias, lembranças.

Os tempos experimentados pelos feirantes (*timescape*) podem ser considerados como a imaginação temporal desses agentes sociais – a capacidade que eles têm de compreender a temporalidade dos próprios comportamentos (Bluedorn; Standifer, 2006). Essa imaginação temporal foi analisada, na presente pesquisa, de acordo com as características de cada tipo temporal das organizações: temporárias, intermitente, efêmera e transitória. Os resultados da pesquisa mostram que as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores da feira livre não podem ter uma única classificação temporal, já que aspectos das estruturas temporais da organização devem ser levados em consideração, como processos, ritmo, velocidade; enquanto outros aspectos mais subjetivos também estão presentes: horizonte e profundidade temporal (Schultz; Hernes, 2020).

O estudo sobre a realidade temporal dos trabalhadores das feiras livres foi baseado em conceitos de percepção temporal. O tempo se tornou objeto de pesquisa de diversos campos de conhecimento (Elias, 1988), assim como para os estudos organizacionais (Hassard, 1991). Thompson (1967), ao analisar a empresa industrial característica do início do capitalismo mostra a importância do tempo do relógio ou tempo cronometrado, por exemplo nos estudos de tempos e movimentos de Frederick Winslow Taylor. E, Hassard (1991) ao analisar a organização burocrática justificou que não há uma só forma de se relacionar as organizações burocráticas com o tempo.

A presente pesquisa contribui com o estudo de uma forma organizativa distinta da organização industrial (Thompson, 1967) e da organização burocrática (Hassard, 1991), ao pesquisar as feiras livres. As experiências dos feirantes que são ao mesmo tempo proprietários das bancas; gestores de todas as atividades necessárias para estar com a barraca na feira; funcionários que atendem os clientes e fazem todo o trabalho de montagem e desmontagem e, às vezes, são também os cozinheiros nas barracas de alimentos; o motorista que transporta a barraca e os produtos até o local da feira; o segurança que cuida da própria barraca para evitar roubos. As características do trabalho do feirante exigem que esse desempenhe diferentes papéis simultaneamente e desenvolva experiências temporais variadas em uma única feira ou em várias em uma mesma semana.

Há diferenças de percepções de tempo sentidas pelos trabalhadores que, apesar de atuarem na mesma feira, necessitam de dinâmicas diferentes, assim como apresentam uma relação diversa com o tempo. Pode-se exemplificar ao comparar o tempo que o dono da barraca de frutas e o dono da barraca de brinquedos gastam para organizar os produtos antes da feira. Um dos produtos é perecível, necessita de cuidados e constante verificação para garantir que está em condições de consumo; o outro produto não necessita das mesmas precauções e nem

de cuidados adicionais. O mesmo pôde ser percebido ao comparar a barraca que vende queijos e a que vende pastel. Após expor os queijos, a principal atividade do dono da barraca é atender os clientes. Situação oposta à do feirante que vende o pastel, que anota os pedidos, atende as mesas, auxilia na cozinha, recebe os pagamentos, entre outras atividades. Assim, apesar de o tempo ser o mesmo para ambos, as atividades desenvolvidas são únicas, singulares, não sendo possível padronizar. Após percebido isto, deve-se questionar como o tempo se apresenta na experiência humana, para além da organização que o indivíduo representa (Holt; Johnsen, 2019). Pode-se inferir, da pesquisa, que a percepção temporal ou senso de tempo interfere na comercialização de alguns dos produtos vendidos na feira. Enquanto o vendedor de queijo se preocupa com o tempo que seu produto pode ficar exposto sem que estrague, o vendedor de brinquedos ou calçados não tem essa preocupação, já que a percepção de tempo para eles é diferente daquela experienciada pelo primeiro. Fato que pôde ser atenuado quando o vendedor de queijo usa a tecnologia para adaptar o automóvel para ser, também, um refrigerador. É o que confirma Sato (2012, p. 189): “essa temporalidade os organiza psicologicamente no sentido de tomarem decisões, definirem prioridades e orientarem suas ações”.

**Esta pesquisa apresenta aos estudos sobre o tempo nas organizações uma nova categoria para a tipologia temporal das práticas organizacionais: as organizações policrônicas.** Bluedorn e Jaussi (2007) identificaram cinco dimensões temporais: **policronicidade**, velocidade, pontualidade, profundidade e arrastamento. Dentre essas dimensões temporais, a presente pesquisa enfatizou a **policronicidade**, dimensão responsável por destacar competências e habilidades exigidas dos trabalhadores feirantes na dinâmica de organização antes, durante e depois da feira. É uma dimensão fundamental por permitir que o feirante obtenha satisfação durante o seu ofício, assim como em outros aspectos da vida (Bluedorn; Jaussi, 2007).

Os indivíduos podem ser separados em dois extremos: (1) pessoas policrônicas: preferem se envolver em diversas atividades no mesmo período, de forma intercalada ou sobreposta; (2) pessoas monocrônicas: chegam ao fim de cada tarefa antes de iniciar outra (Bluedorn; Jaussi, 2007). A policronicidade envolve uma preferência do sujeito, seja de forma consciente ou inconsciente, de se envolver em uma ou diversas tarefas ao mesmo tempo (Strube; Martin, 1999).

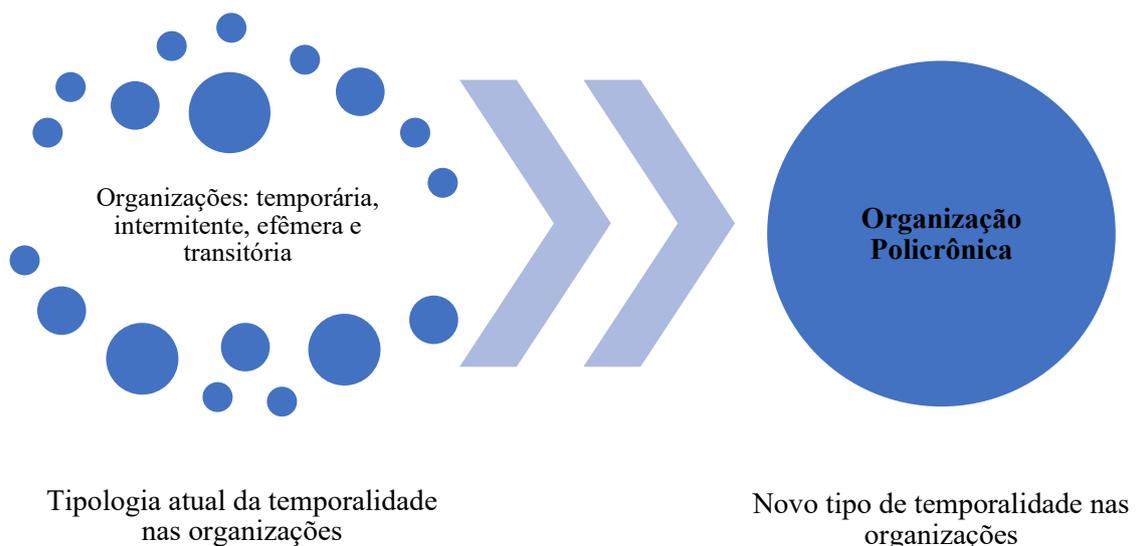
Essa característica foi observada durante o trabalho de campo, que mostrou diversos afazeres desenvolvidos de forma simultânea durante a feira: organizar, atender mais de um cliente, receber o pagamento, repor mercadorias, tirar dúvidas, dar informações, etc. Para que o feirante desenvolva de forma produtiva seu trabalho, é necessário que ele esteja atento à sua

percepção temporal ou senso de tempo, que exige sincronia com as atividades dos outros feirantes. A forma como se organizam permite que eles criem formas de condensar tempos, mesclando atividades de diversas etapas do processo de trabalho, criando seu próprio sistema de trabalho e aproveitando – se de poros de tempo (Sato, 2012, p.191).

Os processos de planejamento e replanejamento contínuo, por vezes visíveis somente nos pequenos afazeres, desempenham papel importante na configuração do “sistema de trabalho” de cada feirante (Sato, 2012). As tarefas são múltiplas, a organização feira livre é policrônica! O que confirma a tese defendida na presente pesquisa, qual seja: **A teoria organizacional mostra que a tipologia temporal é dividida em quatro tipos (categorias). Ciente de que o cotidiano das organizações comporta diferente tipologia de representações conceituais e experimentação da temporalidade organizacional, essa pesquisa propõe um novo tipo: Organizações Policrônicas.**

A Figura 1 demonstra o resultado desta pesquisa: adotou-se como ponto de partida uma tipologia existente da temporalidade nas organizações – temporárias, intermitentes, efêmeras e transitórias. Após a análise dos resultados, surge um novo tipo de temporalidade: Organização Policrônica.

Figura 1 – Tipologia da temporalidade em organizações



Fonte: elaborada pela autora (2024).

As implicações da pesquisa para a prática estão relacionadas às reflexões levantadas sobre a realidade do trabalho dos feirantes e como eles administram o tempo (temporalidade objetiva), interpretam o tempo nas interações sociais e no seu trabalho (temporalidade subjetiva) e relacionam o tempo e seus afazeres e práticas organizativas nas feiras livres (temporalidade prática). Essas diferentes perspectivas temporais aplicadas aos estudos sobre o tempo nas organizações industriais, burocráticas e fluidas proporcionam alternativas sobre velocidade e ritmo do trabalho, da gestão e da construção da própria organização.

Diante das percepções sobre o próprio trabalho, os feirantes expuseram suas necessidades e de que forma a prefeitura, o sindicato e os governantes poderiam agir para oferecer uma melhoria nos espaços da feira e nas condições de vida dessas pessoas. Foi possível inferir reflexões sobre os desafios vivenciados no dia a dia, assim como sobre as percepções e preferências deles na maneira como experimentam o tempo, de acordo com as necessidades de cada perfil de barraca, já que diferentes representações do tempo ajudam a entender diferentes dinâmicas organizacionais (Dawson; Sykes, 2019).

Também foi possível identificar as implicações do tempo no cotidiano de diferentes barracas: o feirante da barraca de queijos precisa providenciar (improvisar) um refrigerador para evitar danos ao produto em uma região de altas temperaturas. O feirante da barraca de pastel espera pelo horário em que muitos vêm tomar café na feira e outro grupo vem comprar o almoço do dia. O responsável pelos brinquedos recebe encomendas para a próxima semana e lembra de produtos que tinha na semana anterior, mas acabou o estoque. Os indivíduos percebem a temporalidade nos seus comportamentos e nos seus afazeres cotidianos, nos afazeres emergentes que a atividade exige (Sato, 2012, p.191).

Desse modo, o conceito de **imaginação temporal**, que Bluedorn e Standifer (2006) propõem para o estudo do tempo nas organizações, se aplica à temporalidade nas feiras livres, pois os feirantes combinam uma relação objetiva com o tempo do relógio e da busca por uma “boa venda” na feira e relações subjetivas e lúdicas com o tempo – as brincadeiras com os clientes e outros feirantes, os slogans para chamar a atenção dos clientes e vender os produtos, as provocações sobre posições políticas divergentes. E, a relação do tempo com as práticas variadas que desenvolvem em uma única feira e a sensação de “longo presente” (duração da feira), construindo o futuro (uma boa feira irá sustentar a família e dar um futuro para os filhos e filhas), o passado e o presente sobrepõem no reconhecimento de que o passar do tempo já traz dificuldade para a realização de algumas atividades e geram maior cansaço.

## 5. CONCLUSÕES

O estudo das feiras gera interesse em diversas áreas de estudo: psicologia, sociologia, antropologia, geografia, saúde e segurança sanitária, administração e políticas públicas, agricultura e produção familiar. Esta pesquisa teve como perspectiva central a temporalidade organizacional. Partiu-se do princípio de que as feiras livres podem ser classificadas como uma forma de organização fluida e careciam de uma definição quanto à sua tipologia temporal. Nesta pesquisa, foram apresentados os conceitos dos seguintes tipos temporais presentes nos estudos sobre o tempo nas organizações: temporárias, intermitentes, transitórias e efêmeras.

Conceitualmente, a pesquisa abordou diversas contribuições para a discussão e compreensão de como as organizações, no geral, lidam com o tempo. Nesta pesquisa, foram tratadas as seguintes definições: temporalidade objetiva, temporalidade subjetiva e temporalidade prática; o tempo como recurso, o tempo como estrutura, o tempo relacional; tempo linear, cronológico e tempo histórico e tempos múltiplos; imaginação temporal. A conceituação sobre o tempo foi separada em dois grandes blocos. O primeiro bloco traz as definições do tema em campos como filosofia, história e sociologia e em estudos de administração. Por meio desta discussão e contribuição dos autores das diversas áreas, foi possível o entendimento de que existem diferentes perspectivas temporais nas organizações, que o tempo, dentro das organizações, é determinado pelas interações e experiências humanas, e não somente pelo tempo linear/cronológico.

De acordo com o estudo realizado, por meio da pesquisa de campo, extraiu-se alguns aspectos: (a) sentimento de companheirismo, mesmo admitindo que há concorrência entre os feirantes; (b) ação sindical e do poder público, para organizar o correto funcionamento da feira; (c) senso de coletividade, quando um freguês, se conhecer determinada pessoa, indica outro local onde se poderia economizar; e, (d) ritual de ensinamento das gerações antigas para as novas, quando o avô transmite para o neto a tradição de comprar doce em uma barraca específica, entre as existentes. Todos esses aspectos demonstram a diversidade das relações sociais dos feirantes e o seu trabalho nas feiras. Neste espaço, os feirantes têm um olhar múltiplo sobre o tempo e as tarefas que realizam no decorrer da feira.

**A feira livre é um espaço de multiplicidade e multifuncionalidade, por envolver diferentes tipos de interação: organizacional, social, cultural e política.** Ao acompanhar a trajetória dos feirantes, as experiências vividas, assim como a forma como organizam suas práticas cotidianas, o planejamento do trabalho e a expectativa para o futuro, constatou-se que

este tipo de organização fluida não se adequa a nenhum tipo definido pela tipologia temporal existente. Diante disso, a presente pesquisa contribui com os estudos sobre a temporalidade organizacional, apresentando um novo tipo denominado “Organizações Policrônicas”: aquelas caracterizadas por tempos múltiplos.

Em relação aos limites desta pesquisa, o estudo foi realizado em 3 das 76 feiras realizadas semanalmente no município de Uberlândia. Estudos futuros poderão ampliar a pesquisa em busca de resultados diversos do apresentado neste estudo, envolvendo uma variedade mais ampla de tipos de barracas, horários de realização das feiras, localidade (cidade e região) em que as feiras são realizadas. Os estudos futuros sobre feiras livres podem abordar diversos aspectos das feiras livres, considerando o seu papel para a comunidade regional, visto que são mais que um ponto de comércio, mas um local de encontros, divulgação e preservação de traços culturais que atravessam gerações.

Também para estudos futuros, sugere-se a aplicação do conceito de organização policrônica para outras organizações, o que pode gerar mais contribuições sobre as semelhanças e diferenças nas temporalidades de diferentes organizações: industriais, burocráticas, missionárias, estruturas de conhecimento, fluídas, híbridas. Pode-se, também, pesquisar a relevância desse tipo de comércio que ultrapassa a economia, pois compreende aspectos como hábitos alimentares, costumes sedimentados e a própria cultura dos consumidores.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **O Homem e o Tempo em Confissões [V. VI]**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ALLEN, J. et al. Canadian City Housing Prices and Urban Market Segmentation. **Can. J. Econ. Can. Déconomique**, v. 42, p. 1132–1149, 2009. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5982.2009.01541.x>

ANCONA, D. G. et al. Time: A new research lens. **Academy of Management Review**, v. 26, n. 4, p. 645-663, 2001. <https://doi.org/10.5465/amr.2001.5393903>

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Bookman; Artmed, 2009.

ARABI, S.M.; RAHIMI, S. Typology as a Theory Building Tool in Management. *Revista Gestão Tecnologia*, v. 20, p. 203–222, 2020. <https://doi.org/10.20397/2177-6652/2020.v20i0.1783>

ARAUJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 561-583, 2018. <https://doi.org/10.36920/esa-v26n3-4>

ARAUJO, V. L. de. História da historiografia como analítica da historicidade. **História da Historiografia**, n. 12, p. 34-44, 2013. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i12.620>

ARCHER, G.P. et al. Latent consumers' attitude to farmers' markets in North West England. **British Food Journal**, v. 105, n. 8, p. 487-497, 2003. <https://doi.org/10.1108/00070700310497264>

ASHEIM, B. T. Temporary Organisations and Spatial Embeddedness of Learning and Knowledge Creation. **Geografiska Annaler**, v.84, n. 2, p. 111-124, 2002. <https://doi.org/10.1111/1468-0467.00117>

AVELAR, S. **Feira livre deve impulsionar vendas da agricultura familiar em Três Marias: a expectativa é fortalecer o comércio local, reduzir o êxodo rural, favorecer a sucessão familiar e estimular o turismo no município**. Publicado em 20 de out. de 2023. Acesso em 31 de mai. 2024. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/agricultura/noticias/feira-livre-deve-impulsionar-vendas-da-agricultura-familiar-em-tres-marias>.

BADUE, A., GOMES, F. Parcerias entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras. **Caminhos para práticas de consumo responsável**, v. 1, p. 9, 2011.

BAKKER, R. Taking stock of temporary organizational forms: a systematic review and research agenda. **International Journal of Management Reviews**, v. 12, n. 4, p. 466-486, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2370.2010.00281.x>

BANKS, M. **Dados Visuais para Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BARBOSA, J. K. D.; LARA, S. M.; PAIVA, K. C. M. O Tempo é o Mesmo para Todos? Um Estudo sobre Percepções Temporais com Jovens Trabalhadores de São Paulo (SP) e Curitiba (CR). **Revista Economia & Gestão**, v. 20, n. 55, p. 5-23, 2020. <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2020v20n55p5-23>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTERO, C. O. Tipologias e teoria organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 21, n. 1, p. 31-38, jan./mar. 1981. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901981000100003>

BAUER, M. W.; GASKELL. **Pesquisa Qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BECHKY, B.A. Gaffers, gofers, and grips: role-based coordination in temporary organizations. **Organization Science**, n.17, p. 3-21, 2006. <https://doi.org/10.1287/orsc.1050.0149>

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERNARDO, J. **Dias de feira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BLAGOEV, B. et al. Time as a research lens: a conceptual review and research agenda. **Journal of Management**, v. 50, n. 6, p. 2152-2196, 2024. <https://doi.org/10.1177/01492063231215032>

BLUEDORN, A. C. **The Human Organization of Time: temporal realities and experience**. Stanford: Stanford University Press, 2002. <https://doi.org/10.1515/9781503619319>

BLUEDORN, A. C.; JAUSSI, K. S. Leaders, followers, and time. **The Leadership Quarterly**, v. 19, p. 654-668, 2008. <https://doi.org/10.1016/j.leaqua.2008.09.006>

BLUEDORN, A. C.; JAUSSI, K. S. Organizationally Relevant Dimensions of time across levels of analysis. In: DANSEREAU, F.; YAMMARINO, F. J. (orgs.). **Multi-Level Issues in Organizations and Time** [Research in multi-level issues, v. 6, p. 187-223]. Leeds: Emerald Group Publishing Limited, 2007. [https://doi.org/10.1016/S1475-9144\(07\)06009-2](https://doi.org/10.1016/S1475-9144(07)06009-2)

BLUEDORN, A. C.; STANDIFER, R. L. Time and the temporal imagination. **Academy of Management Learning & Education**, v. 5, n. 2, p. 196-206, 2006. <https://doi.org/10.5465/amle.2006.21253784>

BLUEDORN, A. C. et al. Polychronicity and the Inventory of Polychronic Values (IPV): The development of an instrument to measure a fundamental dimension of organizational culture. **Journal of Managerial Psychology**, v. 14 n. 3/4, p. 205-231, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1108/02683949910263747>.

BLUEDORN, A.C.; KAUFMAN, C.F.; LANE, P.M. How many things do you like to do at once? An introduction to monochronic and polychronic time. **Academy of Management Executive**, v.6, n.4, p. 17-26, 1992. <https://doi.org/10.5465/ame.1992.4274453>

BRANDÃO, A. A. et al. Perfil socioeconômico dos consumidores de hortaliças em feiras livres na microrregião de Januária. **Horticultura Brasileira**, v. 33, p. 119-124, 2015. <https://doi.org/10.1590/S0102-053620150000100019>

BRUNI, J. C. Tempo e trabalho intelectual. **Tempo Social** [Revista Sociologia da USP], v. 3, n. 1/2, p. 155-168, 1991. <https://doi.org/10.1590/ts.v3i1/2.84903>

BOJE, D. M., HALEY, U. C.; SAYLORS, R. Antenarratives of organizational change: The microstoria of Burger King's storytelling in space, time and strategic context. **Human Relations**, v. 69, n. 2, p. 391-418, 2016. <https://doi.org/10.1177/0018726715585812>

BRUNELLE, P. J. L. Time in Organization Studies: An Overview of the Literature on the State of Theory, Research and Practice. Working Papers hal-01567237, HAL, 2017. Disponível em: <https://hal.science/hal-01567237/document>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BUTLER, R. Time in organizations: its experience, explanations and effects. **Organization Studies**, v.16, n. 6, p. 925-950, 1995. <https://doi.org/10.1177/017084069501600601>

CARLISLE, Y. M.; MANNING, D. J. Industrial organization and the technological time trap. **Organization**, v. 7, n.1, p.155-163, 2000. <https://doi.org/10.1177/135050840071008>

CARRIERI, A. P.; PAULA, A. P. P.; DAVEL, E. Identidade nas organizações: múltipla? Fluída? Autônoma? **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 45, p. 127-144, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302008000200010>

CASSEL, C.; SYMON, G. **Qualitative Methods in Organizational Research**, Thousand Oaks, C.A Sage, 1994.

CAULFIELD, J. Visual sociology and sociological vision, revisited. **American Sociologist**, v. 1, n. 3, p. 56-68, 1996. <https://doi.org/10.1007/BF02692040>

CAZANE, A. L.; MACHADO, J. G.; SAMPAIO, F. F. Análise das feiras livres como alternativa de distribuição de frutas, legumes e verduras (FLV). **Informe Gepec**, v. 18, n. 1, p. 119-137, 2014.

CHRISMAN, J. J.; HOFER, C. W.; BOULTON, W. R. Toward a system for classifying business strategies. **Journal Academy of Management Review**, v.13, n.3, p.413-428,1988. <https://doi.org/10.5465/amr.1988.4306963>

CLAESSENS, B. J. C. et al. A review of time management literature. **Personnel Review**, v. 26, n.2, p. 255-276, 2007. <https://doi.org/10.1108/00483480710726136>

CLEGG, S. R.; HARDY, C. Introdução: Organização e Estudos Organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. **Handbook de estudos organizacionais: Modelo de análise e novas questões em estudos organizacionais**, v. 1, pp 27-57, São Paulo: Atlas S. A., 1999.

COATES, L. The temporal 'succession' of here and now situations: Schütz and Garfinkel on sequentiality in interaction. **Human Studies**, v.45, p. 469-491, 2022. <https://doi.org/10.1007/s10746-022-09632-8>

COLLINSON, D.L.; COLLINSON, M. 'Delaying managers': time-space surveillance and its gendered effects. **Organization**, v. 4, n.3, p.375-407, 1997. <https://doi.org/10.1177/135050849743005>

COSTA, M., SANTOS, D. Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo. **Geosaberes**, v. 6, n. 3, p. 653- 665, 2016.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Escolhendo entre cinco abordagens. São Paulo: Penso Editora, 2014.

CUNHA, A. K. Feira livre: retratos sensoriais Street fair: sensorial portraits. **Revista do Colóquio**, v. 4, n. 7, p. 372-382, 2014.

CUNLIFFE, A. L.; LUHMAN, J. T.; BOJE, D. M. Narrative temporality: implications for organizational research. **Organization Studies**, v. 25, n. 2, p. 261-286, 2004. <https://doi.org/10.1177/0170840604040038>

CZARNIAWSKA, B. **A narrative approach to organization studies**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998. <https://doi.org/10.4135/9781412983235>

DA SILVA, L. D. Tempo e temporalidade na filosofia de Sartre. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 15, n. 24, p. 225-248, 2008.

DAWSON, P.; SYKES, C. Concepts of time and temporality in the storytelling and sensemaking literatures: a review and critique. **International Journal of Management Reviews**, v. 21, n. 1, p. 97-114, 2019. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12178>

DENZIN, N. Investigação qualitativa crítica. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 13, n. 1, p. 105-119, 2018. [https://doi.org/10.21446/scg\\_ufrj.v13i1.14178](https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v13i1.14178)

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **The Sage Handbook of Qualitative Research**. London: Sage, 2018.

DIAS, A. D.; IPIRANGA, A. S. R.; BEZERRA, M. M. O organizar temporário de um festival de música. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 8, n. 22, p. 302-342, 2021.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FERNANDES, J. E.; BETANHO, C. (Org.). **Economia Popular Solidaria - Nosso Sul: a transformação pela solidariedade**. Uberlândia: Editora Navegando, 2017.

FISCHER, T. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais — Salvador da Bahia, cidade puzzle. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 74-88, 1997.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009a.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009b.

FLICK, U.; VON KARDOFF, E.; STEINKE, I. (Ed.). **A companion to qualitative research**. London: Sage, 2004.

FONSECA, M. de L. P. **Forma Urbana e Uso do Espaço Público: as transformações no centro de Uberlândia, Brasil**. Programa de Doutorado em Urbanismo da Universidade Politécnica de Catalufia. Barcelona, 2007.

FORMAN, S. **Camponeses: sua participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. <https://doi.org/10.7476/9788579820021>

FRANCO, D. S.; PAIVA, K. C. M. de; DUTRA, M. R. S. Percepções Temporais e Controle: Um Estudo com Trabalhadores de Call Center. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social - RIGS**, v.7, n. 2, 2018.

GARCIA, M. F. O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, p. 84-102, 1992.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, New Jersey. 1967.

GEORGE, J. M.; JONES, G. R. The role of time in theory and theory building. **Journal of Management**, v. 26, n. 4, p. 657-684, 2000. [https://doi.org/10.1016/S0149-2063\(00\)00051-9](https://doi.org/10.1016/S0149-2063(00)00051-9)

GERSICK, C. J. G. Time and transition in work teams: toward a new model of group development. **Academy of Management Journal**, v.31, n.1, p.9-41, 1988. <https://doi.org/10.2307/256496>

GERHARD, F.; PEÑALOZA, V.; MATOS, F. R. N. Resiliência em Feiras Livres: Uma Análise sob a Ótica Sistêmica. **Revista Organizações em Contexto**, v. 15, n. 29, p. 69-96, 2019. <https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v15n29p69-96>

GHERARDI, S.; STRATI, A. The temporal dimension in organizational studies. **Organization Studies**, v. 9, n. 2, p. 149-164, 1988. <https://doi.org/10.1177/017084068800900201>

GIL, A. C.; OLIVA, E. C.; GASPAS, M. A. A Regionalidade como área de estudo da administração: Um estudo de caso de um programa de mestrado em administração. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, número especial 1, p. 11-24, 2008.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007a.

GODOY, W.I.; ANJOS, F. S. O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas – RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**. v. 2, n. 1, p. 461-465, Porto Alegre, 2007b.

GOODMAN, L. P.; GOODMAN, R. A. Theater as a temporary system. **California Management Review**, v. 15, n. 2, p. 103-108, 1972. <https://doi.org/10.2307/41164425>

GOODMAN, R. A.; GOODMAN, L. P. Some management issues in temporary systems: A study of professional development and manpower – the theater case. **Administrative Science Quarterly**, v. 21, n. 3, p. 494-501, 1976. <https://doi.org/10.2307/2391857>

GOMES, T. P.; GUEDES, N. C. Etnometodologia como teoria do social: diálogos teóricos-reflexivos. **Revista Amazônida**, v.8, n.1, p. 1-20, 2023. <https://doi.org/10.29280/rappge.v8i1.11664>

GRIMM, I. J.; SAMPAIO, C. C.; PROCOPICK, M. Encadeamento eco-socioeconômico e gestão urbana: um estudo das feiras livres na cidade de Curitiba (PR). **Novos Cadernos NAEA**, v. 21, n. 1, p. 35 - 56, 2018. <https://doi.org/10.5801/ncn.v21i1.4884>

GUERRA, G. A. D; SOUZA, C. A. M. Feiras em Altamira, Pará: confluência de universos de significação. **Amazônica – Revista de Antropologia**, v. 2, n.1, p. 140-160, 2010. <https://doi.org/10.18542/amazonica.v2i1.345>

GUESSER, A. H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 1, n. 1, 2003.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença** – o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio, 2010.

HAESBART, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**. Rio de Janeiro, ano 11, n. 17, p. 19-44, mar, 2010. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.917.a13531>

HALL, E.T. **Beyond Culture**. New York: Anchor Press/Doubleday, 1989.

HARTOG, F. Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo. 1 ed. 3 reimp., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

HASSARD, J. Aspects of time in organization. **Human Relations**, v. 44, n.2, p.105–125, 1991. <https://doi.org/10.1177/001872679104400201>

HASSARD, J. Imagens do tempo no trabalho e na organização. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Orgs.), CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Orgs. da edição brasileira). **Handbook de estudos organizacionais** (v. II, p. 190-216). São Paulo: Atlas, 2001.

HOLMER-NADESAN, M. Essai: dislocating (instrumental) organizational time. **Organization Studies**, v.18, n.3, p.481-510, 1997. <https://doi.org/10.1177/017084069701800306>

HOLT R.; JOHNSEN R. Time and organization studies. **Organization Studies**, v. 40, p. 1557–1572, 2019. <https://doi.org/10.1177/0170840619844292>

HOWLETT, M.; GOETZ, K. H. Introduction: time, temporality and timescapes in administration and policy. **International Review of Administration Science**, v. 80, n.3, p. 477-492, 2014. <https://doi.org/10.1177/0020852314543210>

HYDLE, K. M. Temporal and spatial dimensions of strategizing. **Organization Studies**, v. 36, n.5, p. 643-663, 2015. <https://doi.org/10.1177/0170840615571957>

JESUS, G. M. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 54, n. 1, p. 95-120, 1992.

JOHNSEN, R.; JOHANSEN, B.; TOYOKI. Serving time: organization and the affective dimension of time. **Organization**, v. 26, n. 1, p. 3-19, 2019. <https://doi.org/10.1177/1350508418763997>

JOHANSEN, C. B.; COCK, C. Ideologies of time: how elite corporate actors engage the future. **Organization**, v. 25, n. 2, p. 186-204, 2018. <https://doi.org/10.1177/1350508417725592>

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, p. 90-113, 2008.

KABANOFF, B.; O'BRIEN, G. E. Stress and the leisure needs and activities of different occupations. **Human Relations**, v. 39, n. 10, p. 903-916, 1986. <https://doi.org/10.1177/001872678603901002>

KARLSEN, J. E. Reflections: time and temporality in organizational change – Why Bother yet? **Journal of Change Management: Reframing Leadership and Organizational Practice**, v. 23, n. 4, p. 413-437, 2023. <https://doi.org/10.1080/14697017.2023.2268247>

KAUFMAN-SCARBOROUGH, C.; LINDQUIST, J.D. Time management and polychronicity: Comparisons, contrasts, and insights for the workplace. **Journal of Managerial Psychology**, v. 14, n. 3/4, p. 288-312, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1108/02683949910263819>

KINJO, T.; IKEDA, A. Comportamento do consumidor em feiras livres. **CEP**, v. 7195, p. 120, 2005.

KÖNIG, C. J.; WALLER, M. J. Time for reflection: a critical of polychronicity. **Human Performance**, v. 23, n. 2, p. 173-190, 2010. <https://doi.org/10.1080/08959281003621703>

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contra Ponto, 2012.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, R. **Uma latente filosofia do tempo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

LANZARA, G. F. Ephemeral organizations in extreme environments: emergence, strategy, extinction. **Journal of Management Studies**, v. 20, n. 1, p. 71-95, 1983. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.1983.tb00199.x>

LEE, H.; LIEBENAU, J. Time in organizational studies: towards a new research direction. **Organization Studies**, v. 20, n. 6, p. 1035–1058, 1999. <https://doi.org/10.1177/0170840699206006>

LESTER, P.M. **Visual Communication**: images with messages. USA: Lex Publishing, 2020.

LIAN Q. et al. **The megabase-scale crossover landscape is largely independent of sequence divergence.** *Nat Commun.* v 13, n.1, 2022. <https://doi.org/10.1038/s41467-022-31509-8>

LINDLOF, T. R.; TAYLOR, B. C. **Qualitative Communication Research Methods.** Thousand Oaks: SAGE, 2002.

MALONE, T.W., LAUBACHER, R.J. The dawn of the e-lance economy. **Harvard Business Review**, n. 76, p. 144–152, 1998.

MARQUES, J. B. O conceito de temporalidade e sua aplicação na historiografia antiga. **Revista de História**, USP, n. 158, 1º. Semestre, p. 43-65, 2008. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i158p43-65>

MASCARENHAS, G., DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, v.2 n. 4, p. 72-87, 2008. <https://doi.org/10.5216/ag.v2i2.4710>

MATOS, J. da C. et al. Condições higiênico sanitárias de feiras livres: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 6, n. 3, p. 2884-2893, 2015. <https://doi.org/10.18673/ges.v6i3.22420>

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAYNARD, D. W.; HERITAGE, J. Ethnomethodology's legacies and prospects. **Annual Review of Sociology**, v.49, p. 59-80, 2023. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-020321-033738>

MILLER, A.; DESS, G. G. Assessing Porter's (1980): modelin terms of its generability, accuracy and simplicity. **Journal of Management Studies**, v.30, n.4, p.553-585, July 1993. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.1993.tb00316.x>

MINTZBERG, H. Structure in 5's: A synthesis of the research on organization design. **Management Science**, v. 26, n. 3, p. 322-341, 1980. <https://doi.org/10.1287/mnsc.26.3.322>

MINTZBERG, H. et al. **O processo de estratégia.** Porto Alegre: Bookman, 2006.

MIRABEAU, L.; MAGUIRE, S.; HARDY, C. Bridging practice and process research to study transient manifestations of strategy. **Strategy Management Journal**, v. 39, n. 3, p. 582-605, 2018. <https://doi.org/10.1002/smj.2732>

MORGAN, G. **Imagens da organização.** São Paulo: Atlas, 1996.

MOSAKOWSKI, E.; EARLEY, P. C. A selective review of time assumptions in strategy research. **Academy of Management Review**, v.25, n. 4, p.796-812, 2000. <https://doi.org/10.5465/amr.2000.3707728>

MOURA, C. **Brasil: As Raízes do Protesto Negro.** São Paulo: Global Editora, 1983.

NACHBAGAUER, A. Synchronous and diachronic timing: insights into managing projects from disaster management and fast-response organizations. **Project Management Journal**, v. 53, n. 2, p. 146-160, 2022. <https://doi.org/10.1177/87569728221079414>

NASCIMENTO, E. R. **Princípios da economia solidária**. Editora Ferreira. Brasília, 2006.

NICOLI, M. A. Em tempos de pandemias faz se necessário afirmar convergências e produzir redes de solidariedade que produzam mais vidas, nas vidas. **Interface (Botucatu)**, n 1, p. 1-6, 2022. <https://doi.org/10.1590/interface.210670>

OFORI-DANKWA, J.; JULIAN, S. D. Complexifying organizational theory: illustrations using time research. **Academy of Management Review**, v.26, n.3, p. 415-430, 2001. <https://doi.org/10.5465/amr.2001.4845809>

ORLIKOWSKI, W. J.; YATES, J. It's about time: temporal structuring in organizations. **Organization Science**, v.13, n. 6, p. 684-700, 2002. <https://doi.org/10.1287/orsc.13.6.684.501>

OLIVEIRA, S. A.; MONTENEGRO, L. M. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000100009>

PAIVA, K. C. M.; GONÇALVES, M. S. M. Tempo e gerência: um estudo com gestores de um shopping center de Belo Horizonte (MG). **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 3-20, 2014.

PAIVA, K. C. M et al. Proposição de escala de percepção temporal. **Tourism & Management Studies**, v. 2, p. 523-535, 2013.

PALERMO, L. C. Tempo e temporalidade: transformações semânticas modernas e alguns desdobramentos na produção do conhecimento histórico. **Temporalidades**, v. 9, n.3, p. 15-38, 2017.

PALISI, B. J. Some suggestions about the transitory-permanence dimension of organizations. The **British Journal of Sociology**, v.1, n. 2, p. 200-206, 1970. <https://doi.org/10.2307/588408>

PALMER, D. K; SCHOORMAN, F. D. Unpackaging the multiple aspects of time in polychronicity. **Journal of Managerial Psychology**, v. 14, n. 3/4, p. 323-345, 1999. <https://doi.org/10.1108/02683949910263918>

PAMPLONA, J. B. Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos Populares**, v. 30, n. 1, p. 225-249, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982013000100011>

PERLOW, L. A. The time famine: toward a sociology of work time. **Administrative Science Quarterly**, v.44, n.1, p.57-81, 1999. <https://doi.org/10.2307/2667031>

PINK, S. Sensory Digital Photography: re-thinking 'moving' and the image. **Visual Studies**, v. 26, n. 1, p. 4-13, 2011. <https://doi.org/10.1080/1472586X.2011.548484>

PINDAUDI, S. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, p. 143-159, 2005.

PLOTNIKOF, M.; MUMBY, D. K. Temporal multimodality and performativity: exploring politics of time in the discursive, communicative constitution of organization. **Organization**, v. 31, n.4, p. 663-682, 2024. <https://doi.org/10.1177/13505084221145649>

PONTING, J. R. Rumor control centers as intermittent organizations: A study of a neglected organizational type. **The American Behavioural Scientist**, v. 16, n. 3, p. 391-401, 1973. <https://doi.org/10.1177/000276427301600311>

PORT, D.; KAISER, G. **Introducing a "Street Fair"** Open Source Practice within Project Based Software Engineering, 2001.

PORTER, M. E. **Competitive strategy**: techniques for analysing industries and competitors. New York: Free Press, 1980.

PORTER, M. E.; NOHRIA, N. How CEOs manage time. **Harvard Business Review**, jul-ago, p. 42-51, 2018.

POZENATO, J. C. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: POZENATO, J. C. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico (2a ed.). Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PUFFER, S. M. Task-completion schedules: determinants and consequences for performance. **Human Relations**, v. 42, n. 10, p. 937-955, 1989. <https://doi.org/10.1177/001872678904201005>

PUFFER, S. M.; BRAKEFIELD, J. T. The role of task complexity as a moderator of stress and coping process. **Human Relations**, v. 42, n. 3, p. 199-217, 1989. <https://doi.org/10.1177/001872678904200301>

RAVASI, D.; RINDOVA, V.; STIGLIANI, I. The stuff of legend: history, memory, and the temporality of organizational identity construction. **Academy of Management Journal**, v. 62, n. 8, p. 1523-1555, 2019. <https://doi.org/10.5465/amj.2016.0505>

RIBEIRO, E.M. (Org.) **Feiras do Jequitinhonha**: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semiárido de Minas Gerais. Fortaleza: BNB/ETENE, 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF-Martins Fontes, 1994.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, A. I. Métodos e dados visuais em Investigação Qualitativa: Natureza, Função e Exemplo Prático com uso de Fotografias. **New Trends in Qualitative Research**, n. 10, p. 1-19, 2022. <https://doi.org/10.36367/ntqr.10.2022.e527>

ROSE, G. **Visual Methodologies**: An introduction to the interpretation of visual materials. London: Sage, 2016.

SAHAY, S. Implementation of information technology: a time-space perspective. **Organization Studies**, v. 18, n. 2, p. 229-260, 1997. <https://doi.org/10.1177/017084069701800203>

SALGUEIRO, T. B.; CACHINHO, H. As relações cidade-comércio: Dinâmicas de evolução e modelos interpretativos. Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: **Armazém das Letras**, v. 9, n.39, 2009.

SAMRA-FREDERICKS, D. Strategizing as Lived Experience and Strategists' Everyday Efforts to Shape Strategic Direction. **Journal of Management Studies**. v. 40, n. 1, p. 141-174, 2003. <https://doi.org/10.1111/1467-6486.t01-1-00007>

SANTOS, E. T.; MACHADO, L. C.; CLEPS, G. D. G. Feiras livres em Uberlândia (MG): uma abordagem histórica, espacial e cultural. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n.1, p. 95-102, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400013>

SATO, L. **Feira Livre: organização, trabalho e sociabilidade**. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2012.

SAUNDERS, C.S.; AHUJA, M.K. Are all distributed teams the same? Differentiating between temporary and ongoing distributed teams. **Small Group Research**, n.37, p. 662–700, 2006. <https://doi.org/10.1177/1046496406294323>

SCHULTZ, M.; HERNES, T. Temporal interplay between strategy and identity: Punctuated, subsumed, and sustained modes. **Strategic Organization**, v. 18, n. 1, p. 106-135, 2020. <https://doi.org/10.1177/1476127019843834>

SERVILHA, M. M.; DOULA, S. M. O mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras. **Revista Faz Ciência**, v. 11, n. 13, p. 123-142, 2009.

SILVA, G. P. **Ecologia Humana**. In: Ecologias Humanas. Juracy Marques (org.). Feira de Santana – BA: UEFS, 402p. 2014.

SILVEIRA, A. D. Temporalidade, historicidade e presença em uma análise do prólogo do Picatrix (séc. XIII). **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 22, p. 185-201, 2016.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações** (Magda França Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVESTRE, L. H. A.; RIBEIRO, E. M.; FREITAS, C. S. Subsídios para a construção de um programa público de apoio à feira livre no Vale do São Francisco, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 13, n. 2, p. 186-200, 2011.

SINHA, C.; BERNÁRDEZ, E. Espaço, tempo e espaço-tempo: metáforas, mapas e fusões. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 7, n 1, p. 53-77, 2016. <https://doi.org/10.26512/rbla.v7i1.16289>

SPINK, P. K. Prefácio. In. SATO, L. **Feira Livre: organização, trabalho e sociabilidade** [p. 13-19]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2012.

STAPLEY E., O'KEEFFE S., MIDGLEY N. Developing Typologies in Qualitative Research: The Use of Ideal-type Analysis. **International Journal of Qualitative Methods**, v.21, p. 1-9, 2022. <https://doi.org/10.1177/16094069221100633>

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

STJERNE, I. S.; SVEJJENOVA, S. Connecting temporary and permanent organizing: Tensions and boundary work in sequential film projects. **Organization Studies**, v. 37, n. 12, p. 1771-1792, 2016. <https://doi.org/10.1177/0170840616655492>

SYDOW, J.; LINDKVIST, L.; DEFILLIPPI, R. Project-based organizations, embeddedness and repositories of knowledge. **Organization Studies**, v. 25, n. 9, p. 1475-1489, 2004. <https://doi.org/10.1177/0170840604048162>

THOMPSON, E. P. Time, Work-Discipline, and Industrial Capitalism. **Past & Present**, v. 38, p 56-97, 1967. <https://doi.org/10.1093/past/38.1.56>

TOFFLER, A. **Future Shock**. New York: Bantan Books, 1970.

TONELLI, M. J. Sentidos do tempo e do tempo de trabalho na vida cotidiana. **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 45, p. 207-217, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302008000200016>

VALENTINI, C. et al. Digital visual engagement: Influencing purchase intentions on Instagram. **Journal of Communication Management**, n. 22, v. 4, p. 362–381, 2018. <https://doi.org/10.1108/JCOM-01-2018-0005>

VALERIANO, D. L. **Gerenciamento estratégico e administração por projetos**. São Paulo. Makron Books, 2001.

VERGARA, S. C. **Método de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WHITROW, G. J. **O que é o tempo?** Uma visão clássica sobre a natureza do tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

YAMMARINO, F. J.; NAUGHTON, T. J. Time spent communicating: a multiple levels of analysis approach. **Human Relations**, v. 41, n.9, p. 655-676, 1988. <https://doi.org/10.1177/001872678804100902>

ZAHEER, S.; ALBERT, S.; ZAHEER, A. Time scales and organizational theory. **Academy of Management Review**, v. 24. n. 4, p. 725-741, 1999. <https://doi.org/10.5465/amr.1999.2553250>

## APÊNDICE A – TERMO DE COMPROMISSO DA EQUIPE EXECUTORA

Nós, abaixo assinados, nos comprometemos a desenvolver o projeto de pesquisa intitulado “Organizações Temporárias, Intermitentes, Efêmeras e Transitórias: Gestão e Temporalidade em Feiras Livres do Município de Uberlândia/MG” de acordo com a **Resolução CNS 466/12 e/ou 510/16 e normas complementares**. Declaramos cumprir com todas as implicações abaixo:

- a) Que a etapa de coleta de dados ou o acesso a dados registrados em prontuários de pacientes ou em bases de dados para fins da pesquisa científica será feito somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética;
- b) Que o acesso aos dados será feito por um membro da equipe de pesquisa, abaixo assinado, que está plenamente informado sobre as exigências de confidencialidade;
- c) Meu compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados preservando integralmente o anonimato e a imagem do participante, bem como a sua não estigmatização;
- d) Não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;
- e) Que o pesquisador responsável estabeleceu salvaguardar e assegurar a confidencialidade dos dados de pesquisa;
- f) Que os dados obtidos na pesquisa serão usados exclusivamente para finalidade prevista no protocolo;

Declaramos ainda que os itens **Objetivos, Riscos e Benefícios, Critérios de Inclusão e Exclusão e Metodologia**, bem como o **Cronograma de Execução e Orçamento** do Projeto de Pesquisa (Detalhado) anexado por nós, pesquisadores, na Plataforma Brasil possui conteúdo idêntico ao que foi preenchido nos campos disponíveis na própria Plataforma Brasil (Informações Básicas).

Portanto, para fins de análise pelo Comitê de Ética, a versão do Projeto que será gerada automaticamente pela Plataforma Brasil no formato “.pdf” terá, nos itens acima mencionados, o conteúdo idêntico à versão do Projeto anexada por nós, os pesquisadores.

Uberlândia, ..... de ..... de 20.....

\_\_\_\_\_

Sarentaty Inês K. Santana dos Reis

\_\_\_\_\_

Jacqueline Florindo Borges

-----

Rubrica pesquisador principal

## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Gestão e Temporalidade em Feiras Livres do Município de Uberlândia/MG”, sob a responsabilidade dos(as) pesquisadores(as) Jacqueline Florindo Borges e Sarentaty Inês Karoline Santana dos Reis.

Nesta pesquisa nós buscamos entender como os trabalhadores das feiras livres de Uberlândia, Minas Gerais, lidam com a questão do tempo, como organizam seus horários antes, durante e após a realização das feiras.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelo(a)(s) pesquisador(a)(es) Jacqueline Florindo Borges e Sarentaty Inês Karoline Santana dos Reis, e será entregue nas feiras livres de Uberlândia/MG.

Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016).

Na sua participação, você será submetido a entrevista com auxílio de guia de perguntas pré-estabelecidas. Também faremos uso de fotografias do seu ambiente de trabalho, sem que haja identificação de rostos. Você será submetido a 33 (trinta e três) perguntas, com tempo médio de 1 (uma) hora de entrevista.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Nós, pesquisadores, atenderemos às orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. As gravações originais das entrevistas, por áudio, serão mantidas mesmo depois de transcritas, sendo tomadas as medidas possíveis e cabíveis para a manutenção do sigilo por tempo indeterminado.

É compromisso do(a) pesquisador(a) responsável a divulgação dos resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV). Esta pesquisa será depositada no repositório da Universidade Federal de Uberlândia, após a defesa da Tese de Doutorado.

Os resultados da pesquisa serão publicados, e ainda assim a sua identidade será preservada.

Os riscos consistem em possível identificação do (a) participante da pesquisa, por pessoas que tenham algum conhecimento a respeito da história narrada. Para que este risco seja minimizado, os nomes dos (as) participantes não serão divulgados na Tese/Relatório da pesquisa. Serão utilizados nomes fictícios para os (as) feirantes entrevistados (as). Também não serão informados dados de qual feira ele(a) pertence.

Os benefícios serão a possibilidade de que os feirantes tomem consciência da sua importância, devido ao serviço prestado à população do município de Uberlândia/MG. Para além disso, espera-se que a contribuição deles para a presente pesquisa facilitem a compreensão do processo de organização das feiras livres.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

**Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos(as) pesquisadores(as).**

**Este Termo está assinado pelo(a) pesquisador(a) responsável e contém seu telefone e endereço de contato para que você possa tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação.**

Em qualquer momento, caso tenha qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Jacqueline Florindo Borges (34 991941775) e Sarentaty Inês Karoline Santana dos Reis (34 991653686), Universidade Federal de Uberlândia, Av. João Naves de Ávila, 2121, Uberlândia/MG.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você tem direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Para obter orientações quanto aos direitos dos(as) participantes de pesquisa, acesse a cartilha disponível no *link*: [https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha\\_Direitos\\_Participantes\\_de\\_Pesquisa\\_2020.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf).

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131; ou pelo *e-mail* [cep@propp.ufu.br](mailto:cep@propp.ufu.br). O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos(as) participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ..... de ..... de 20.....

---

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Assinatura do participante de pesquisa

## APÊNDICE C – GUIA PARA ENTREVISTAS

### **Passo 1 – Início da entrevista: contato com o entrevistado(a)**

- 1.1. Apresentação e identificação da pesquisadora (PPGA/FAGEN/UFU)
- 1.2. Informação sobre o tema da pesquisa e a duração aproximada da entrevista;
- 1.3. Solicitação de preenchimento do Termo de aceite da pesquisa
- 1.4. Solicitação para a gravação da entrevista, com informação sobre sigilo das informações.

### **Passo 2 – Entrevista narrativa (BAUER; GASKELL, 2008)**

#### **Identificação do respondente:**

Data de nascimento/Idade:

Sexo:

Formação educacional (área de estudo: ensino superior e técnico):

Local de Residência:

Você é natural de Uberlândia-MG? Sempre residiu na cidade? Quanto tempo em que mora em Uberlândia:

Meio de transporte de acesso a feira:

Tempo de deslocamento entre a residência e a feira:

Foco comercial da barraca do feirante:

Quantas e quais feiras o feirante participa:

Pode indicar se é você que tem o registro da barraca na Prefeitura? Se não, qual o grau de parentesco de quem tem o registro (pai, mãe, irmão etc).

#### **Questões:**

#### **1. TRAJETÓRIA (PASSADO) DOS FEIRANTES**

- 1.1 Conte quando e por que você começou o seu trabalho como feirante.
- 1.2 Como você define o seu trabalho na feira livre?
- 1.3 Atualmente, quantas pessoas trabalham na barraca? Qual o grau de parentesco? E quantas ajudam com o trabalho da feira mesmo não vindo aqui.
- 1.4 Sobre o trabalho como feirante, quais são as vantagens e quais são as desvantagens?
- 1.5 Como você define a feira? O que trabalhar na feira significa para você?
- 1.6 Houve mudanças no trabalho de feirante desde que você começou a trabalhar?  
Quais mudanças ao longo do tempo você destaca?

## 2. ORGANIZAÇÃO TEMPORAL DAS PRÁTICAS COTIDIANAS E PESSOAS ENVOLVIDAS (PRESENTE)

- 2.1 Descreva o início de sua preparação para a feira e quanto tempo você destina para preparar os produtos antes da feira? Faz tudo sozinho?
- 2.2 Como é o caminho de ida e volta da feira? Quando termina a feira você tem tempo para descansar?
- 2.3 Quais técnicas você utiliza para fazer a organização dos produtos na barraca? Qual a origem dessas práticas/ideias?
- 2.4 Durante a feira, quais são as atividades que você considera mais importantes?
- 2.5 Após a realização da feira quais são as atividades necessárias antes da próxima feira?
- 2.6 Para os feirantes que fazem mais de uma feira: quais as dificuldades em trabalhar em mais de uma feira na semana?

## 3. PLANEJAMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA(S) FEIRA(S) E EXPECTATIVAS DO FUTURO

- 3.1 Durante a feira você se diverte? Ou não há tempo para diversão.
- 3.2 Você pensa em mudanças nas atividades da sua barraca? Como decide essas mudanças?
- 3.3 Quanto do seu tempo na semana é dedicado à feira?
- 3.4 Você pensa futuramente em participar de outras feiras?
- 3.5 Trabalhar em feira é uma herança de família? Você pretende passar aos seus filhos?
- 3.6 Como você avalia o futuro das feiras livres? Qual conselho você daria para alguém interessado em trabalhar como feirante.

## 4. CONTEXTO E INTERAÇÕES ECONÔMICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS ENTRE OS FEIRANTES, DELES COM OS CLIENTES, FORNECEDORES E COM O PODER PÚBLICO (FREQUÊNCIA, TEMAS E OBJETIVO/MOTIVOS DAS INTERAÇÕES).

- 4.1 Pode descrever se há diálogo ou algum tipo de “união” entre os feirantes? Essa “união” entre os feirantes é necessária?
- 4.2 Há competição entre os feirantes? Pode descrever?
- 4.3 De modo geral, como é a relação entre os feirantes e a prefeitura?
- 4.4 Os procedimentos para obter liberação para ser feirante são adequados?
- 4.5 Descreva sua relação com os consumidores que compram na feira. Você tem clientes que vêm à sua barraca toda a semana?
- 4.6 Como é seu relacionamento com os fornecedores dos produtos que vende na barraca?

### **Passo 3 – Encerramento da entrevista**

- 3.1. Tem alguma informação sobre o assunto da pesquisa que não tenha sido perguntado?
- 3.2. Você gostaria de acrescentar alguma informação?
- 3.3. Agradecimento e interrupção da gravação.

## APÊNDICE D – DIAS E HORÁRIOS DAS FEIRAS LIVRES EM UBERLÂNDIA

N.	Dia	Horário	Local
1.	Terça-feira	06h às 13h30	Rua Alfenas – Bairro Daniel Fonseca
2.	Terça-feira	06h às 13h30	Av. Sete de Setembro – Bairro Pacaembu
3.	Terça-feira	06h às 13h30	Rua do Economista – Bairro Planalto
4.	Terça-feira	06h às 13h30	Av. Morum Bernardino – Bairro Roosevelt
5.	Terça-feira	06h às 13h30	Pátio do Mercado – Mercado Municipal
6.	Terça-feira	14h30 às 22h	Rua China – Bairro Laranjeiras
7.	Terça-feira	14h30 às 22h	Av. Carlos Gomes – Bairro Tubalina
8.	Terça-feira	14h30 às 22h	Avenida Suécia – Bairro Tibery
9.	Terça-feira	14h30 às 22h	Rua do Sol – Bairro Jardim Brasília
10.	Terça-feira	14h30 às 22h	Rua das Pedras – Bairro Pequis
11.	Terça-feira	14h30 às 22h	Feira dos produtores – Parque do Sabiá
12.	Quarta-feira	06h às 13h30	Av. Mato Grosso – Bairro Brasil
13.	Quarta-feira	06h às 13h30	Av. Cabanadas – Bairro Industrial
14.	Quarta-feira	09h às 18h	Feira dos produtores – Praça cívica – Santa Mônica
15.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Terminal Umuarama – Bairro Umuarama
16.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Av. José Fonseca e Silva – Bairro Luizote
17.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Rua Inglaterra – Bairro Alto Tibery
18.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Praça Said Chacur – Bairro Santa Mônica
19.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Rua Tenente Rafael de Freitas – Bairro Patrimônio
20.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Av. Clássica – Bairro Guarani
21.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Praça Montese – Bairro Jaraguá
22.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Rua Ana Valentina – Bairro Shopping Park
23.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Av. Antônio Jorge Isaac. – Bairro Morumbi
24.	Quarta-feira	14h30 às 22h	Rua Stéfany Gomes – Bairro Monte Hebron
25.	Quinta-feira	06h às 13h30	Rua Monte Carmelo – Bairro Martins
26.	Quinta-feira	06h às 13h30	Rua do Serviço – Bairro Segismundo Pereira
27.	Quinta-feira	06h às 13h30	Rua Timbiras – Bairro Saraiva
28.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Rua dos Pandeiros – Bairro Taiaman
29.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Rua Erotildes Ferreira Santos – Bairro Granada
30.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Rua Flávio Oliveira – Bairro Ipanema

31.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Rua Namen Muchail – Bairro Maria Rezende
32.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Av. das Moedas – Bairro São Jorge
33.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Av. Cesário Alvim – Bairro Alto Umuarama
34.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Al. Bladilei Alves – Jardim das Palmeiras
35.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Rua: do Hino – Bairro Dom Almir
36.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Rua Leopoldo de Bulhões – Bairro Pampulha
37.	Quinta-feira	14h30 às 22h	Terminal Planalto
38.	Sexta-feira	06h às 13h30	Rua Carlos Marquez – Bairro Aparecida
39.	Sexta-feira	06h às 13h30	Rua Dimas Sá – Bairro Custódio Pereira
40.	Sexta-feira	06h às 13h30	Rua Rubens Cazabona – Bairro Pacaembu
41.	Sexta-feira	06h às 13h30	Rua Constantinopla – Bairro Tibery
42.	Sexta-feira	06h às 13h30	Praça Clarimundo Carneiro - Centro
43.	Sexta-feira	14h30 às 22h	Rua Bahia – Bairro Marta Helena
44.	Sexta-feira	14h30 às 22h	Praça Durval Gomes Xavier – Bairro Aclimação
45.	Sexta-feira	14h30 às 22h	Rua João Ângelo – Bairro Santa Mônica
46.	Sexta-feira	14h30 às 22h	Rua Rio Jequitinhonha – Bairro Mansour
47.	Sexta-feira	14h30 às 22h	Rua das Orquídeas – Bairro Jardim Célia
48.	Sexta-feira	14h30 às 22h	Av. Dos Ferreiras – Bairro Terra Nova
49.	Sexta-feira	14h30 às 22h	Rua Antonio Martins – Bairro Nova Uberlândia
50.	Sábado	05h30 às 14h	Rua Cometa – Bairro Jardim Brasília
51.	Sábado	05h30 às 14h	Av. Israel – Bairro Laranjeiras
52.	Sábado	05h30 às 14h	Rua Vinicius de Moraes – Bairro Liberdade
53.	Sábado	05h30 às 14h	Rua Fernando Costa – Bairro Tabajaras
54.	Sábado	05h30 às 14h	Av. Ortízio Borges – Bairro Santa Mônica
55.	Sábado	05h30 às 14h	Av. Serra da Bodoquena – Bairro São Jorge
56.	Sábado	05h30 às 14h	Rua Guaíra – Bairro Jardim Karaíba
57.	Sábado	08h às 13h	Feira dos produtores – Parque do Sabiá
58.	Sábado	14h30 às 22h	Rua da Tulha – Bairro Minas Gerais
59.	Sábado	14h30 às 22h	Av. Serra da Mantiqueira - Bairro São Jorge
60.	Sábado	14h30 às 22h	Rua Oeste – Bairro Cruzeiro do Sul
61.	Sábado	14h30 às 22h	Av. Getúlio Vargas - Bairro Jardim das Palmeiras
62.	Sábado	14h30 às 22h	Rua Dr. Sérgio Oliveira – Bairro Tocantins
63.	Sábado	14h30 às 22h	Rua Corumbá - Bairro Jardim Europa
64.	Sábado	14h30 às 22h	Rua Suiriri – Bairro Pequis
65.	Domingo	05h30 às 14h	Av. Jerusalém – Bairro Canaã
66.	Domingo	05h30 às 14h	Av. José Fonseca e Silva – Bairro Luizote de Freitas
67.	Domingo	05h30 às 14h	Rua Marilene de Fátima – Bairro Morumbi
68.	Domingo	05h30 às 14h	Rua André Rebouças – Bairro N. Sra. Das Graças
69.	Domingo	05h30 às 14h	Av. Monsenhor Eduardo – Bairro Aparecida
70.	Domingo	05h30 às 14h	Av. Geraldo Abrahão – Bairro Santa Luzia
71.	Domingo	05h30 às 14h	Rua Agnelo Fagundes – Bairro Shopping Park
72.	Domingo	05h30 às 14h	Rua Sétimo Spini – Bairro Planalto
73.	Domingo	05h30 às 14h	Rua Ubirajara Zacarias – Bairro Novo mundo
74.	Domingo	05h30 às 14h	Rua Piedade Maria Silva – Bairro Fruta do Conde
75.	Domingo	05h30 às 14h	Rua Aldo Borges Leão – Bairro Morada Nova
76.	Domingo	05h30 às 14h	Feira dos produtores – Bairro Jd. Das Palmeiras

Fonte: PMU (2024).

### APÊNDICE E - ROTEIRO PARA A OBSERVAÇÃO NÃO-PARTICIPANTE

Local:	Data
Público:	Observação:

<b>PRÁTICAS DOS FEIRANTES</b>		
<b>Norteadores das práticas</b>	<b>Categorias de análise</b>	
Sentido/ imagem do feirante e da comunidade que comparece às feiras	Adjetivos, juízos de valor, crenças, superstições ou simplesmente uma opinião sobre o feirante e os frequentadores das feiras	<ul style="list-style-type: none"> <li>● A concepção do feirante como comerciante;</li> <li>● A imagem que o público tem do feirante;</li> </ul>
Interação entre o feirante e a comunidade	Atendimento nas bancas das feiras	<ul style="list-style-type: none"> <li>● A relação entre o feirante e o público;</li> <li>● A confiança no trabalho do feirante;</li> <li>● A preferência pela feira em detrimento de outros comércios de alimento, como supermercados;</li> </ul>
Rotinas de gestão/ modos de proceder do feirante	Tipos e sequência de procedimentos (organização dos produtos antes de chegar na feira, exposição nas bancas e desmonte ao final)	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Organização interna da categoria dos feirantes;</li> <li>● Planejamento no dia anterior à feira;</li> <li>● Organização do tempo necessário para o preparo da feira;</li> <li>● Recursos públicos para se manter as feiras;</li> <li>● Incentivos da prefeitura;</li> </ul>